

JORNALISMO EM GÊNEROS

volume 4

organização
Alexandre Barbosa

Alexandre Barbosa
organizador

JORNALISMO EM GÊNEROS - VOLUME 4
JORNALISMO ESPECIALIZADO

DOI 10.11606/9788572051873

São Paulo
ECA-USP
2017

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

J82b Jornalismo em gêneros - volume 4 : jornalismo especializado [recurso eletrônico] / Alexandre Barbosa (organizador) -- São Paulo: ECA/USP, 2017.220 p.

ISBN 978-85-7205-187-3

DOI 10.11606/9788572051873

1. Jornalismo especializado 2. Gêneros jornalísticos I. Barbosa, Alexandre

CDD 21.ed. – 070.449

Bibliotecária responsável: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888

Jornalismo em Gêneros. Universidade de São Paulo, 2017.

Coordenação e Organização

Alexandre Barbosa

Uma obra dos alunos da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo – 2ºsem/2017. Adriano Leonel, Ana Helena Corradini, Barbara Cavalcanti, Bárbara Reis, Bruna Arthuso, Bruna da Nobrega, Caio Nascimento, Carolina Vacchi, Danilo de Sousa, Diego Andrade, Haline Floriano, Igor Soares, Jasmine Olga, Juliana Lima, Juliana Martine Morgante, Juliana Meres, Lanna Sousa, Larissa Fernandes, Laura Castanho, Laura Raffe Guerra, Lázaro Campos Junior, Letícia Meirelles, Lucas Almeida, Lucas Tascin, Lucas Matheus de Souza, Luna Bolina, Marcella Affonso, Maria Beatriz Barros, Maria Carolina de Medeiros, Matheus Morgado, Mayara Paixão, Mirella Cordeiro, Rafael Paiva, Rodrigo Brucoli, Stephanie de Almeida, Thiago Duran, Víctor Hugo Capelini Correa, Vitor Coelho Ribeiro, Vitor Garcia e Vitor Guimarães Tezzon.

Revisão

Ana Helena Corradini, Caio Nascimento, Diego Andrade, Luna Bolina, Maria Beatriz Barros e Maria Carolina de Medeiros.

Verbetes

Adriano Leonel, Carolina Vacchi, Haline Floriano, Lanna Sousa, Rafael Paiva e Vitor Garcia

Projeto gráfico, diagramação e fotografia

Larissa Fernandes, Lucas Tascin, Marcella Affonso e Mirella Cordeiro.

Capa

Marcella Affonso

SUMÁRIO

Apresentação	11
Jornalismo	
Esportivo	21
Cultural	47
Econômico	69
Político e Internacional	87
Crônicas	109
Política	113
O ofício	127
Formação	149
Cotidiano	163
Esportes	181
Cultura	199
Referências Bibliográficas	215

APRESENTAÇÃO

SER GENERALISTA OU ESPECIALIZADO NÃO PRECISA SER DILEMA NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

A coleção *Jornalismo em Gêneros* chega ao seu quarto volume com o tema *Jornalismo Especializado*. Ao final da leitura, espera-se que o leitor compreenda que a especialização, no jornalismo, não precisa ser um dilema. Ou seja, durante a graduação é possível pensar em atividades, pesquisas e disciplinas que ofereçam aos alunos condições de conhecerem as principais especializações de modo que, ao final, eles possam navegar por elas e, se quiserem, cursarem pós-graduações. Este livro pretende ser uma dessas atividades.

Proposta didática da disciplina *Conceitos e Gêneros de Jornalismo*, a produção de livro contendo os principais gêneros pretendeu, nesses quatro semestres, congrega a heterogeneidade das turmas que nela se matriculam, tanto de forma obrigatória, como optativa. As salas eram formadas por alunos de jornalismo que já passaram por jornais-laboratório e alunos de outros cursos da Universidade de São Paulo: de Contabilidade e Administração, passando por Relações Públicas e Publicidade até Letras, Física e Matemática. A produção do livro é a chance de treinarem entrevistas coletivas, criação de textos informativos, redação de perfis e de crônicas, gênero do texto opinativo.

Nos volumes anteriores, os temas foram gêneros jornalísticos, mercado de trabalho e América Latina, esse em homenagem aos cinquenta anos da publicação de *Cem Anos de Solidão*. Para este volume, o jornalismo especializado foi o fio condutor das coletivas. Jornalistas que de se destacam nas coberturas esportiva, cultural, econômica e política foram entrevistados em coletivas e ajudaram a construir o cenário para tentar mudar a máxima que o jornalista é um especialista em generalidades. entrevistados em coletivas e ajudaram a construir o cenário para tentar

mudar a máxima que o jornalista é um especialista em generalidades.

A profissão exige que o jornalista se posicione diante de fatos complexos em demasia. Guerras civis na África, golpes de Estado na América Latina, especulação financeira, crises do capitalismo, exposições de vanguardas artísticas, experimentações de linguagens na dramaturgia, novas tecnologias para aumentar índices olímpicos, as tentativas de burlar o anti-dopping.

Em tese, são os repórteres daquela editoria que cuidariam desses assuntos. Mas a crise das redações da indústria jornalística e a própria dinâmica da profissão acabam levando o jornalista destacado para uma cobertura esportiva em um determinado país, ter de repercutir a escolha do novo Papa, por exemplo. Jornalistas são repórteres, antes de tudo. E jornalismo especializado é, antes de tudo, jornalismo. Palavras dos convidados das coletivas que são endossadas por outros tantos que foram convidados a se posicionarem sobre o assunto.

E mesmo diante de uma pauta pertencente à editoria de especialização. Que conhecimentos sobre economia, geopolítica, cultura, antropologia e história são necessários para cobrir um golpe de Estado em Honduras, ou um conflito de terras no Paraguai? Em tantos anos em sala de aula, os alunos respondem com olhares trêmulos a essa pergunta. Olhares questionadores também, que querem retirar dos currículos as soluções e acabam se deparando com a frustração de nem ter a técnica desenvolvida e nem receber as formações gerais necessárias para suprir esses conhecimentos. Porque, além de história e geopolítica, é preciso saber titular, dividir o texto em níveis de leitura, citar corretamente as fontes e respeitar o código de ética.

A dinâmica aplicada na disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo em 2016 e 2017 no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP não é o único exemplo e nem pretende ser a salvação da lavoura. Ela se soma às experiências do Jornal do Campus e de outros laboratórios que invertem a sala de aula. O professor propõe atividades que demandam pesquisa dos alunos e, diante das respostas feitas, há o debate, a comparação, a análise. Assim, teoria e prática não precisam estar em lados opostos da formação do jornalista, assim como é possível discutir a especialização praticando jornalismo que é aplicado às pautas gerais e específicas.

O que o leitor irá encontrar nas próximas páginas é prática de textos informativos e da edição de entrevistas sobre a presença de quatro jornalistas especializados em coletivas de imprensa. É a prática do texto interpretativo na construção de quatro perfis diferentes. É a prática da construção do gênero opinativo mais brasileiro, a crônica, a partir de fatos do jornalismo.

Teoria e prática. Formação geral e especializada. O primeiro degrau, é verdade, mas a formação do jornalista é um constante aprendizado. Ainda bem!

Boa leitura.

Alexandre Barbosa

Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP), Especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP), Jornalista (UMESP). Pesquisador e professor do Celacc (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura), professor contratado do curso de Jornalismo da ECA-USP e professor dos cursos de jornalismo da Fapcom e da Uninove. Autor do livro *A Solidão da América Latina na Indústria Jornalística Brasileira* (Alexa Cultural) e organizador dos livros *Jornalismo em Gêneros*, volumes I, II e III e IV, publicados pela ECA-USP. Professor-orientador editorial do *Jornal do Campus*. Autor de artigos sobre Comunicação e Cultura popular da América Latina publicados em revistas científicas do Brasil e da América Latina. Foi vencedor do Prêmio Professor Imprensa 2017 (3ª edição) na categoria Coordenador de Jornal-Laboratório região sudeste.

DE ESPORTE A ECONOMIA: JORNALISTAS ESPECIALIZADOS COMPARTILHAM SUAS EXPERIÊNCIAS COM ALUNOS

Profissionais também discutiram a situação do jornalismo no país

Por Danilo Henrique Ribeiro, Igor Soares, Lucas Matheus de Souza, Stephanne de Almeida e Victor Hugo Capelini

Ao longo do segundo semestre de 2017, os alunos da disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo, ministrada pelo professor Alexandre Barbosa, produziram o livro *Jornalismo em Gêneros - Volume IV*. Nesta edição, o tema escolhido foi Jornalismo Especializado.

Para isso, foram convidados profissionais das áreas de esporte, cultura, economia e política que, em coletivas realizadas na Escola de Comunicações e Artes da USP, falaram sobre suas experiências pessoais em cada uma de suas áreas, motivações e opiniões sobre o jornalismo como um todo.

A primeira coletiva contou com a presença de Celso Unzelte. O jornalista esportivo sempre esteve engajado com essa temática durante suas experiências profissionais. O primeiro contato com o universo jornalístico foi na revista *Placar*, mas já passou pelo jornal *Notícias Populares* e pela *Revista Quatro Rodas* ocupando cargos de repórter e de editor. Hoje Unzelte atua como professor de jornalismo na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Com mais de 20 anos na área esportiva, notou grandes mudanças e evoluções sobre como o tema é abordado na grande mídia, segundo ele "o Jornalismo Esportivo era muito menos respeitado no começo da carreira". Para o jornalista, "o esporte deveria ser tratado com a mesma seriedade do que qualquer outro assunto". Unzelte é corinthiano de coração e foi capaz de unir sua devoção ao trabalho, uma vez que foi um dos consultores do Memorial do Corinthians. Para ele, o "jornalismo esportivo serve como agente social e fomentador de novas ideias".

Já no segundo encontro, a área abordada foi o jornalismo cultural. Para debater o assunto, foi convidado o crítico e professor de cinema Sérgio Rizzo, que falou sobre sua trajetória profissional, as deficiências do jornalismo brasileiro e as barreiras para a produção audiovisual. O jornalista e ex-professor universitário iniciou sua carreira com 16 anos na Gazeta da Vila Prudente, assinando uma coluna de cinema. Na experiência de Rizzo o jornalismo veio bem antes da graduação, "fui fazer a graduação nessa área. Se não precisasse, provavelmente eu não teria feito". Tal trajetória levou o jornalista a enxergar o trabalho do crítico com o de um pesquisador, o que torna natural a migração destes profissionais entre o jornalismo, o academicismo e a produção audiovisual. Quando perguntado sobre o jornalismo brasileiro e a realidade na cobertura cultural, Sérgio apontou que há um problema de gestão na indústria. A falta de planejamento estratégico por trás da produção periódica e a dificuldade em se adaptar às mudanças contextuais levaram grandes redações à situação atual, algo que só poderia ser revertido com a modernização dos modelos de negócio.

Com uma experiência no campo do jornalismo econômico, Leonardo Lara coleciona êxitos tanto como repórter em emissoras de televisão, como o SBT e a Rede Record, quanto como editor, função que ele exerce até hoje.

Há 11 anos, o jornalista trabalha na Bloomberg Brasil, responsável por atualizar diariamente seus clientes com informações em tempo real sobre fusões econômicas, aquisições e operações da bolsa com o auxílio do Terminal, ferramenta responsável pela disseminação de todas as informações simultaneamente aos associados e ao mercado. Nas palavras de Lara, a Bloomberg é como "uma CNN dos negócios". Segundo Lara, a qualidade do jornalismo econômico aumentou e ficou mais consistente após o Plano Real pois, com o fim da hiperinflação, houve diversificação das temáticas abordadas no campo econômico. Foi neste cenário que a Bloomberg enxergou, pela primeira vez, a oportunidade de inserção no Brasil, o que ocorreu anos depois. O escritório brasileiro foi o primeiro investimento da companhia na América Latina.

A quarta e última coletiva contou com a presença de Ana Magalhães. Formada pela PUC de Minas Gerais, a jornalista falou sobre sua trajetória

e os caminhos que a levaram à profissão. Na conversa, Ana revelou que sempre teve como sonho trabalhar em redações de grandes veículos jornalísticos. O sonho foi realizado porém, com o passar do tempo, a jornalista começou a sentir que aquele espaço não contemplava seus anseios como profissional.

Foi nesse momento que Ana decidiu abandonar a Folha de S. Paulo e se dedicar ao jornalismo independente, abrindo sua própria revista digital, a Calle2. Segundo ela, a ideia de criar a publicação surgiu exatamente após seu contato com pessoas de diversos países latino-americanos em uma viagem para Madrid. Entretanto, a paixão pela cultura da região já vinha de antes. Aos 17 anos, Ana havia visitado a ilha de Cuba e se encantado com a beleza e diversidade presentes na capital, Havana. A Calle2 tem como proposta uma nova visão para a América Latina e aos mais diversos temas que dizem respeito ao continente.

"As coletivas serviram para desmistificar a figura do jornalista", comenta Bárbara Reis, aluna de jornalismo. "Eu passei a entender melhor as áreas pelas quais eu não tenho afinidade. As minhas próprias afinidades não mudaram, mas compreendi melhor as motivações de quem trilha esses caminhos e sua importância", completa. Lucas Almeida, que também é do curso de jornalismo, destaca a diversidade de histórias e caminhos seguidos pelos profissionais entrevistados. "As coletivas foram uma ótima maneira para conhecermos a amplitude do jornalismo", aponta. "Conhecemos desde profissionais que criaram uma grande carreira em um mesmo lugar, como o Leonardo Lara, até os que criaram o seu próprio espaço, como a Ana", apontou. Levando em conta os inúmeros problemas que permeiam a profissão, Lucas viu as conversas como algo esperançoso para os que estão iniciando sua carreira. "É positivo e motivador conhecer profissionais que estão produzindo grandes trabalhos atualmente", comenta.

"Sempre acreditei na aproximação do mercado com a academia para que os alunos não considerem o mercado como algo à parte, mas integrado ao ensino", aponta o professor da disciplina, Alexandre Barbosa. "É também para os profissionais compreenderem que é se aproximando da universidade que eles podem encontrar soluções para os problemas com os quais precisam lidar", comenta. O professor também se diz muito con-

tente com a atividade. "É sempre muito prazeroso trazer os colegas para falarem com os alunos. Para a disciplina é uma enorme oportunidade de treinar coletivas, transcrever entrevistas. E para os colegas sinto que é uma boa experiência falar com os estudantes, ainda mais de um dos principais cursos de jornalismo do Brasil."

JORNALISMO ESPORTIVO



JORNALISMO ESPORTIVO

Verbete construído a partir da coletiva de imprensa com o jornalista Celso Unzelte

O jornalismo esportivo, visto como uma editoria menor por profissionais de outros segmentos e até por alguns acadêmicos, corresponde à área destinada à cobertura dos mais variados fatores que permeiam o esporte: competições, cidadania, história, cultura, saúde, ciência, entre outros.

De acordo com o jornalista e professor universitário Celso Unzelte, trata-se de uma área que “é, antes de tudo, jornalismo”. Em outras palavras, “é pauta, apuração, checagem, redação, edição, o diferente, é a prestação de serviço”.

No Brasil, por intermédio, sobretudo, de crônicas escritas por célebres personagens, tais quais Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, muitas pessoas cresceram fascinadas com as descrições soltas, leves e peculiares acerca de seus ídolos (ou clubes) e tiveram o primeiro contato com o segmento.

Ao longo da evolução da cobertura, entretanto, a observação mais romântica do esporte perdeu espaço para as análises objetivas, voltadas para as descrições e discussões sobre os resultados.

Em um período em que as redes permitem maior contato entre o transmissor da informação e o público, verifica-se uma mudança de postura nos programas específicos no assunto. Dentre as diferenças constatadas, destacam-se: maior proximidade com o entretenimento (algo que auxilia no índice de audiência e satisfaz o mercado), uma cobrança para que o jornalista saiba todas as informações referentes a determinado time ou jogador independentemente do horário e que esse profissional tenha que opinar sobre tudo (inclusive fazer “previsões” das partidas).

Em relação às temáticas mais abordadas pelos veículos, nas diferentes plataformas, o futebol, ao seguir as lógicas comerciais e da cultura popular, ocupa um espaço de destaque.

Os demais esportes recebem maiores ou menores focos de acordo com a fase. Desse modo, a divulgação só será feita, em momentos dis-

tintos aos dos grandes eventos, como os Jogos Olímpicos, caso alguma equipe (ou uma figura) obtenha resultados expressivos em circuitos importantes.

O jornalista disposto a atuar na área necessita, principalmente, abrir mão dos finais de semana, uma vez que sempre há jogos disputados, pensando no futebol, essencialmente, que mobiliza mais jornalistas e cobertura. Além disso, dependendo do esporte, partidas ocorrem nas outras datas e esses profissionais têm a obrigação de manterem os informes nos mais variados boletins.

A pressão constante dos torcedores, os fechamentos e as imprevisibilidades correspondem à parte dos desafios diários que o comunicador esportivo tem que lidar. Cabe a esse profissional procurar se especializar, ampliar a produção para além de um único esporte e não se prender somente aos detalhes técnicos e táticos de uma disputa.

CELSO UNZELTE



O AMOR NEM SEMPRE É CEGO

A paixão de Celso Unzelte pelo futebol não produziu um jornalista descomprometido. Ao contrário, fez dele um dos principais nomes da área

Por Matheus Morgado e Vitor Coelho

“Sou jornalista, não torcedor”. Pois ele é jornalista, escritor, professor, historiador, amante do futebol e do Corinthians, necessariamente nessa ordem. A melhor maneira de apresentar Celso Unzelte é demonstrar sua característica mais marcante: seu comprometimento com a profissão antes de suas paixões individuais.

A primeira das quatro entrevistas coletivas que compõem este livro trouxe Unzelte como representante do jornalismo esportivo. Nascido, criado e ainda residente do bairro do Ipiranga, em São Paulo, Unzelte entrou no jornalismo logo que iniciou seus estudos na FIAM, em 1986. Com o auxílio de uma professora, fez um teste para o cargo de revisor na Editora Abril e foi aceito, embora o teste fosse direcionado para jornalistas já formados. Nessa função, fez dupla com o cantor Chico César, também jornalista. Apesar de longe das redações, o trabalho como revisor se mostrou bastante enriquecedor: “isso me dava uma amplitude de conhecimento muito grande, porque eu lia desde a revista Bizz, de música, até revista Fluir, de surfe. [...] Tudo. Exame, Contigo, receita de tricô da Manequim...”

Após alguns anos, entrou no Curso Abril, na redação da Playboy, mesmo já sendo funcionário da empresa. “Ninguém me conhecia. [...] A revisão era verdadeiramente o porão da Abril”. Carlos Maranhão, então diretor de Playboy, foi o responsável pela passagem de Unzelte para o jornalismo esportivo, apresentando-o a Juca Kfourri, que lhe ofereceu um estágio na revista Placar. Após a graduação em jornalismo, Unzelte ingressou em História na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), desistindo do curso depois de idas e vindas. Decidiu focar no trabalho de jornalista, desta vez na revista Ação.

Depois da Placar e da Ação, Unzelte deixou sua marca também em revistas como Veja Paraná, Quatro Rodas, Abrale (Associação Brasileira de Leucemia), além dos jornais Diário do Comércio e Notícias Populares e dos sites Netgol.com e Yahoo!. Foi ainda editor-chefe da revista A Imprensa, consultor do Memorial do Corinthians e fundador da empresa Bola Dentro Editora e Comunicação. Na TV, seu nome foi destaque no time da ESPN e da TV Cultura, como comentarista. Atualmente participa do canal 3Loucados, no Youtube.

A experiência multimídia de Unzelte o proporciona uma bagagem inigualável, e atual. Do impresso ao online, da escrita ao audiovisual, ele esteve, e ainda está, presente em tudo. Sobre seu estilo de trabalho, Unzelte é modesto: "Eu sou o traço do Ibope. Tudo que eu faço é o traço do Ibope. Mas eu estou com a minha consciência tranquila. Eu estou contribuindo com o meu grãozinho."

Enquanto escritor, Unzelte tem diversos livros publicados, entre eles o Almanaque do Corinthians, do qual fala com muito apreço, principalmente quando se refere aos leitores que o abordam mencionando a obra. Para escrevê-lo, partiu de uma lacuna inusitada: ninguém nunca havia contabilizado os gols do Rivelino. Recentemente, escreveu o prefácio de um livro sobre jogadores que se colocavam e manifestavam à esquerda política, e lamenta: "o último que tivemos, no Brasil, foi na década de 80".

A visão de Unzelte sobre o futebol como potencial ferramenta de transformação das pessoas e da sociedade, algo que influenciou sua paixão e sua vontade de sempre tangibilizar o esporte em sua carreira, revela uma veia idealista surpreendente. Suas claras e coerentes opiniões sobre o tratamento negligente da CBF e da FIFA a respeito do futebol feminino foram o gancho para uma sequência de sólidas falas a favor da igualdade de gênero. Profissional de um meio predominantemente machista, Unzelte não hesita em se posicionar de forma progressista.

A afetividade do povo brasileiro frente ao esporte é o que mais o inspira enquanto jornalista. Em sua visão, o tema é também positivo por ser um pretexto para sua missão como profissional da informação: "pela via do futebol, eu posso chegar em gente que não se interessaria por outras coisas". Demonstrando sua relação afetuosa com o esporte, ele anseia por criar um projeto que use o futebol como recurso para o tratamento de

pessoas com Alzheimer.

Há 14 anos, Celso é, também, professor de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Entrou em meio a uma greve, convidado pelo atual diretor da instituição, Carlos Costa, com quem havia trabalhado anteriormente na Editora Abril. Em seu primeiro dia, foi advertido sobre uma possível hostilidade por parte de alguns alunos, ao que respondeu, em sala de aula: "nada contra os que perderam [a greve], mas fui chamado pelos que entraram e estou aqui para atender aos que querem ter aula. Vamos lá?".

Com bastante sinceridade, Unzelte afirma que gosta de dar aulas, mas admite que é, também, um complemento de renda. "Por que a vida do jornalista, sabe como é, né? A gente tem vários empregos para dar um." Se tem talento para a função, recorre à genética. Filho de professora primária, pernambucana do agreste, ele conclui: "se eu tenho uma didática [como professor], talvez ela seja hereditária".

O respeito pelo jornalismo é explícito em suas palavras. Quando queria mudar algo que via ou lia nas redações esportivas, diz que se sentia pessoalmente ofendido ao ouvir como resposta "para quem é, está bom." E afirma: "precisamos respeitar quem recebe essa informação". Ele lembra de seu avô: era torneiro de madeira, morreu orgulhoso de seu trabalho. "Hoje me parece que há uma conspiração para que não nos orgulhemos do nosso trabalho, principalmente no jornalismo [...] Vejo isso a cada dia, e com muito sofrimento, porque a gente gosta muito do que faz. A gente faz isso por prazer", afirma, com certa melancolia.

Em dois momentos da coletiva, Unzelte faz rápidas menções a Juca Kfouri. Se falamos aqui de uma notória sobriedade e comprometimento, Kfouri e Unzelte são, talvez, os maiores exemplos atuais na área do esporte. Sobriedade e comprometimento tão ausentes no jornalismo esportivo, marcado pelo Fla x Flu generalizado (com o perdão da expressão), que fazem esquecer que Unzelte e Kfouri não fazem, tão dedicadamente, mais que suas obrigações.

Há de se reconhecer a resistência — fundamentada — de ambos em se render às facilidades da audiência, não apelando a polêmicas e/ou histerias desnecessárias, truques velhos de fidelização de um público alheio ao entretenimento disfarçado e misturado com jornalismo que é

praticado hoje, especialmente na TV.

Talvez a razão pela qual Unzelte se difere tanto de outros de sua área, ou mesmo de outros torcedores comuns, é o fato de amar o futebol em si, a mágica do esporte e seus efeitos nas pessoas, antes de seu time predileto. Afirma, inclusive, que prefere assistir a um jogo nacional, por mais desimportante que seja, a uma partida internacional. O fanatismo cego não tem vez ou lugar nas palavras equilibradas do jornalista: "a paixão é importante, muitas vezes fundamental, mas ela não pode te cegar".

ENTREVISTA COM CELSO UNZELTE

Por Thiago Duran

**“O JORNALISMO
ESPORTIVO É UM
MEIO MUITO EFICAZ
DE ABRIR A CABEÇA
DAS PESSOAS**

Corintiano que também escreveu um livro sobre o Palmeiras. Respeitado e admirado por torcedores de todos os clubes. Celso Unzelte é paulistano do Ipiranga. Jornalista e professor, na sala de aula e nos debates da TV. A conversa aqui foi sobre futebol, jornalismo, Corinthians, 7 a 1, família, plantões e tudo o que compõe um típico papo de uma sexta-feira à noite.

Pela nossa cultura, parece que somos sempre condicionados a ligar o jornalismo esportivo somente ao futebol. Como você vê a inserção – na seleção das pautas e na cobertura – das outras modalidades esportivas para o público geral?

Eu acho que isso é uma coisa da nossa monocultura futebolística. Acho que o primeiro passo é desvincular o futebol dos outros esportes. O futebol é um caso à parte, como o samba e a música no Brasil. O grande problema é que não há um catalisador dos outros esportes, a não ser nas épocas de Olimpíada ou Panamericano – ainda assim, só quando os jogos são patrocinados pelo Brasil, como aconteceu em 2007 e 2016. O que eu quero dizer é: se você faz uma revista de futebol – e eu adoro revistas, meu mestrado foi sobre a história das revistas de futebol no Brasil desde 1914, então eu gosto muito de analisar esse fenômeno – você catalisa o interesse. Criar uma revista ou um programa de outros esportes, no entanto, é muito complicado porque nem sempre quem gosta de tênis gosta de ginástica ou gosta do rugby. Então, eu vejo nos meios eletrônicos uma chance para isso. O Luciano do Valle, quando fazia o Show do Esporte lá na Bandeirantes, mais ou menos antecipou o que é hoje a TV por assinatura. Mas mesmo os canais de esporte, como por exemplo a ESPN, não tem quase nada de automobilismo. Então, há lacunas. Eu acho que é preciso medir o tamanho desse público e onde ele está, para atendê-lo. Agora, poliesportividade não é algo em contraposição ao futebol. Eu acho que tem o futebol e tem os demais esportes, e os demais esportes têm de ser tratados dessa maneira, sem a ilusão de que você está falando com um público que vai querer saber hoje da ginástica e amanhã do tênis, porque não vai. Ainda mais no Brasil, que está tudo muito ligado às vitórias. Tênis é por causa do Guga, ginástica é por causa da Daiane. Está aí a Fórmula 1, que perdeu o interesse entre nós porque não temos

mais um campeão mundial desde o Ayrton Senna. Então, são questões de mercado. Eu odeio as questões de mercado, acho que elas matam a criatividade.

E quando falamos de futebol, estamos falando de futebol masculino. Na sua opinião, quais são as perspectivas para o futuro em termos de esporte feminino? Principalmente com as Olimpíadas de 2016, falou-se que foram olimpíadas feministas e femininas... O que você acredita que esteja por vir?

Acho que há muito mais a contribuir, a melhorar. Por exemplo, Corinthians e Santos decidiram o campeonato feminino. O Santos mandou o jogo na Vila Belmiro, o Corinthians mandou em Barueri. Deveria ter sido na Arena Corinthians, o principal palco de futebol do Corinthians. Não interessa se é feminino ou masculino. Temos que cortar a diferença a partir daí. A final foi numa quarta-feira à tarde. Tinha que ser no fim de semana. Tudo isso são ingredientes que ajudam a fazer a grandeza. O futebol precisa ajudar o futebol feminino. O futebol feminino é um milagre nessa terra. É um milagre comparado a milagres individuais como o de Ademar Ferreira da Silva, no salto triplo; como o Guga, no tênis; Maria Esther Bueno, no tênis; como a Daiane dos Santos, na ginástica. São milagres. Nesse caso, não é individual porque o futebol é coletivo, mas são meninas que disputaram as Olimpíadas. Claro, sequer o futebol masculino está profissionalizado como deveria nessa terra, a gente sabe de todas as mazelas. Agora, essa atenção ao feminino é fundamental, a gente tem que decidir o que a gente quer no futebol feminino. É uma história difícil. Tem um livro que está sendo lançado sobre as primeiras jogadoras do Brasil nos anos 40, no Rio de Janeiro. O futebol feminino era proibido por lei uma lei do tempo do Getúlio, que só caiu nos anos 80. Então, você tem um atraso aí, mais ou menos comparável com o atraso de que nós temos em relação à escravidão no Brasil. Nada é por acaso. O futebol feminino já começa muito atrás. Muito preconceito envolvido. A CBF deveria olhar para o futebol feminino com carinho ou pelo menos com a esperteza que a FIFA olha. Se você entrar no site da FIFA, das competições realizadas, tem um mundial de futebol feminino ali no patamar da Copa do Mundo. Para a FIFA, é importante. Eu não vejo esse desprezimento no Brasil. As ações que en-

volvem o futebol feminino parecem que são um favor. Eu não quero favor, quero igualdade. Não sei se chegaremos a ter igualdade ou condições de planejamento que levem a isso em algum momento. Claro que se você olhar lá atrás, está melhor, porque não tinha nada, mas eu prefiro fazer a leitura do quão melhor poderia ser, quão mais profissionalizado. Num país em que a própria condição do futebol de base masculino, que gera tanto dinheiro e interesse, também fica aquém, vai reclamar pra quem? Acho que toda melhora para o futuro do futebol feminino vai ser devido especificamente à luta de abnegados, e de interesses, talvez. Eu tenho uma esperança nessa pressão internacional. A FIFA — não que ela seja boazinha — mas ela entende melhor politicamente de futebol feminino.

Esse ano, o US Open fez o pagamento da final feminina igual ao da final masculina. No Tênis, que é o esporte dos lordes, demorou, mas aconteceu. E no US Open o investimento é grande. Por aqui, ainda temos jornalistas dizendo que o futebol feminino não decola porque é ruim tecnicamente. O que você pensa sobre esse preconceito no jornalismo?

Eu também não tenho a mesma motivação para ver um jogo de futebol feminino que tenho com o masculino, mas talvez por erros, por preconceito da minha formação. Pelo fato de a minha formação ser uma formação mais de futebol caseiro, eu também não acompanho futebol internacional com o mesmo prazer. Teve um dia em que o Milan estava jogando pela Champions League e a Portuguesa estava jogando contra o Rio Claro. Eu vi Portuguesa e Rio Claro. Mas isso é uma questão de gosto, é uma coisa à parte. Agora, é muito legal quando o tênis toma uma atitude dessas, talvez seja um dos poucos segmentos no mundo em que há equiparação do salário feminino com o masculino... A gente fala do esporte, mas está na vida. As mulheres sabem disso. Elas trabalham o dobro e ganham a metade. Então, isso precisa ser resolvido, mas é um primeiro passo. Se a CBF desse à final do campeonato feminino uma dignidade próxima à do masculino, já seria mais um passo. Eu fiquei feliz quando o Brasil estava nas Olimpíadas disputando a partida para ir para a final com as meninas. O rádio estava transmitindo o jogo feminino com a pompa e a circunstância de um jogo masculino. Quando, há 20 anos, a gente poderia imaginar isso?

Você não acha que o jornalismo esportivo pode exercer um papel fundamental para que cresça esse interesse?

Acho que deve, sem dúvida. Deve. É curioso como há algumas coisas que se faziam há 70 anos e a gente já não consegue fazer hoje. O que o Cásper Líbero promoveu de eventos a partir do jornal dele... Corrida 9 de Julho de Ciclismo, São Silvestre. Tinha a travessia do Tietê a nado, quando isso ainda não dava tétano... tétano não, tifo. João Havelange pegou tifo. Dá tétano também, se você se cortar naquelas latinhas todas que estão lá. E hoje não se faz nada, os veículos não têm essa força, a Rede Globo talvez tenha. [O futebol feminino narrado pelo Galvão Bueno] não é outra coisa? É outra circunstância, é a isso que eu me refiro, às coisas que dependem. Porque nem tudo depende de nós. Por exemplo, a diferença de salário entre mulheres e homens não depende de nós. Mas como os organizadores do US Open, no nosso [evento], nós vamos pagar igual, isso depende de nós.

O Milton Neves já disse que é muito sem graça o futebol feminino, isso não ajuda em nada também.

É porque a aposta do Milton [Neves] é mais na polêmica, na brincadeira. É isso que eu falo de avisar as pessoas quando se está falando a sério, quando é informação e quando é entretenimento. Outro dia eu estava com o Vitor Birner, nós gravamos o Cartão Verde à tarde e ele me deu uma carona. A gente estava ouvindo o rádio no carro dele e tinha alguém discutindo sobre jogador que vai para a balada, aí um dos comentaristas falou assim: "ah, devia se mancar... perde o jogo, devia ficar em casa". Eu olhei pro Vitor Birner e disse, "que direito temos nós de dizer publicamente que uma pessoa tem que ficar em casa ou não, em qualquer circunstância?" E no esporte isso é aceito, assimilado, às vezes até cobrado pelas pessoas. É um jogo em que a gente não pode cair. Eu sou jornalista, não torcedor. Não posso falar isso. Então, é uma salada russa, é uma linha muito tênue, são situações complicadas, porque culturalmente aceitas. O esporte, o futebol em si, no campo do preconceito, das ideias pré-estabelecidas, do conservadorismo, é difícil.

Na cobertura de esportes, você acha que os ex-atletas estão tomando o lugar dos jornalistas como comentaristas?

Matematicamente, estão. Só um parênteses, não é só no esporte. A Gloria Pires comentou um Oscar cujos filmes não tinha visto. Mas concordo que no esporte isso campeia, porque realmente é aquela coisa do rosto conhecido na hora da “zapeada”. E as pessoas, eu não vou nem dizer que elas foram mal preparadas – simplesmente não foram preparadas. Elas não têm noção, não passa pela cabeça delas um quinto das nossas discussões sobre o fenômeno da comunicação, sobre as responsabilidades. Isso é o que eu acho mais temerário, não o fato de ser jogador de futebol. Até porque você tem o jogador de futebol que é muito bom, como o Tostão. O Tostão faz textos que muito jornalista não faz, em compensação tem muito jogador de futebol que é péssimo comentando. Você tem jornalista excepcional e também jornalista ruim comentando. Mas [os jogadores] são muito bem recebidos entre nós. Isso é responsabilidade das emissoras, das empresas, elas têm de arcar com a responsabilidade sim. Eu não sou tão classista assim a ponto de falar “poxa, duas vagas a menos para os jornalistas”, mas muitas dessas vagas poderiam ser melhor aproveitadas do ponto de vista da informação, que nem sempre é a missão. Muitas empresas de comunicação estão trocando sua missão. Em vez de informar bem, estão preocupadas em como informar para o maior número de pessoas, achando que ao baixar o nível, conseguirão captar mais audiência. De resto, não é um problema só do jornalismo esportivo, é do jornalismo em geral. Mas o esportivo está muito inserido nisso justamente por causa dessa tradição próxima ao entretenimento, então a gente precisa tomar cuidado.

Qual a sua opinião sobre essa tendência do humor nas transmissões e na cobertura dos jogos de futebol? Você acredita que esse estilo de narração, como a do Milton Leite, pode ter sido influenciado pela internet, por canais como o Mil Grau, por exemplo?

A gente fala da internet, na verdade ela é só um meio, ela é um retrato do nosso tempo. Erros de informação sempre existiram, só que quando você errava no impresso, demorava mais para se disseminar. Hoje, pela internet, parece que tem mais informação errada do que certa, em função da velocidade com que essas se propagam. Eu prefiro dizer que isso é um produto do tempo em que a gente vive e da maneira que a gente vive –

de como no Facebook, só curtimos o que agrada, no Twitter, bloqueamos quem não nos agrada, de como vivemos na pós-verdade. Eu nunca fui contra o bom humor, faz parte do cardápio. Nós estamos vivendo no tempo da Netflix mesmo, você faz a sua leitura. Você citou o Milton Leite. O Milton Leite é humor de redação. Ele trabalhava no Estadão, com economia. Durante muitos anos, ele queria trabalhar com esporte, aí apareceu a chance com a TV Jovem Pan — ele começou a narrar e virou narrador. Essas coisas que ele fala: “que beleza”, “agora eu se consagro”, tudo isso a gente falava em redação de jornal há 30 anos, enquanto assistíamos à televisão. É ótimo que ele tenha popularizado. Eu acho que há uma diferença entre o humorismo e o bom humor. Não acho que não devam assistir canais como Mil Grau, acho que há um interesse exagerado do público para com esse consumo. No meu mundo ideal, não seria assim, mas no mundo real, é, e eu acho que devemos distribuir um pouco melhor essa oferta. Particularmente, eu acho que há espaço para todo mundo, não acho que o Mil Grau deveria ser extinto da face da terra. Deixa o Mil Grau, mas deixasse também o nosso Loucos por Futebol, que tinha uma pegada que já interessa mais para o canal [do Youtube] hoje, muito difícil você fazer pra uma TV aberta. Precisamos de algo que acrescente um pouco mais, não digo erudita, mas eu, por exemplo, sempre tive muito interesse histórico, então quando fui trabalhar com esporte, queria fazer alguma coisa diferente nesse sentido.

Como você vê o papel social do jornalismo esportivo — o papel do esporte como agente social, fomentador de novas ideias — não só no período em que a gente vive, mas ao longo da história, de todos esses anos que você trabalha na área?

Antes de tudo, eu acho que o jornalismo esportivo é um meio. Um meio muito eficaz de abrir a cabeça das pessoas. Aquela velha tradição de que as pessoas começam a ler pelo Jornal do Esporte, pela página de esportes, e depois adquirem outros interesses. Eu prezo muito cada vez que uma pessoa na Arena Corinthians me para e fala “olha, o senhor fez o primeiro livro que eu li na vida, meu avô me deu o Almanaque do Timão, hoje eu sou advogado, hoje eu sou médico, hoje eu me formei em qualquer coisa”, eu sinto que modestamente ajudei a salvar uma alma. A força

que o futebol tem nesse país pra mostrar outras coisas e nós tivemos, como muito poucos. Nessa atuação política, eu diria que o Sócrates foi um ícone da minha geração. O Dan Stulbach costuma falar que aprendeu o que era democracia porque leu na camisa do Corinthians "democracia corinthiana". Eu me lembro do Sócrates prometendo em praça pública que se a emenda das Diretas Já passasse, ele não iria embora do Brasil. Eu já era a favor das Diretas, mas na minha cabeça de 14, 15 anos ainda, o meu ídolo dizer aquilo reforçava muito a minha convicção. Para os jogadores profissionais atuais, é muito difícil ir contra o status quo que lhes permite certos privilégios. Um Neymar, um Ronaldo sempre são amigos do poder. Do nosso poder de contribuição para a sociedade através do esporte eu não tenho dúvida nenhuma, e por isso sempre pautei meu trabalho ligado à cultura ou à história, sempre com um porquê por trás, uma contextualização. Nenhum esporte pode ser visto como à parte do mundo. Sempre há um contexto. Os trabalhos acadêmicos sobre futebol fazem questão dessa contextualização. E é a linguagem mais fácil, é a linguagem de acesso. O futebol é a única coisa no Brasil que dá papo entre o porteiro e o presidente da empresa. Com a vantagem de, às vezes, o porteiro poder tirar sarro do presidente da empresa. É um canal de comunicação muito forte. Eu tenho pouca condição de fazer isso, mas quando eu falo do Corinthians, por exemplo, sempre faço questão de contextualizar em relação ao Brasil e ao mundo, para as pessoas se situarem. É essa abordagem que eu chamaria de multidisciplinar. A partir do futebol, se fala de tudo. Futebol é música, futebol é cinema, futebol é teatro. Futebol serve de pano de fundo para tanta coisa. O esporte em geral é só um pretexto, como o cinema pode ser um pretexto, o teatro, as artes, a música. Só que no caso específico do Brasil, com muita força de alcance. Eu posso chegar em gente que não se interessaria por outras coisas pela via do futebol. Não só por isso eu tenho um objetivo na vida para o futuro: eu quero fazer um trabalho com o futebol no tratamento de pessoas com Alzheimer. Já existe um projeto sobre isso na Espanha, chama Fútbol vs Alzheimer. Tem casos emocionantes de gente que não reconhece mais nem o filho, mas se você mostrar uma foto de um time de futebol, a pessoa recita a escalação naquela ordem clássica. São coisas que ficam na memória afetiva. Acho que a afetividade é um caminho interessante para

conseguir a conscientização. O futebol e os esportes são poderosos nesse sentido. São, antes de tudo, um meio. É por isso que tem essas publicidades que falam “não é só futebol”.

Acabamos de sair dos grandes eventos esportivos que tivemos no Brasil. Aconteceram as Olimpíadas e a Copa por aqui. Como você acha que o jornalismo esportivo se usufruiu disso? Que possibilidades aproveitamos e que possibilidades perdemos nessa leva?

É tudo muito sazonal. Infelizmente, acho que o jornalismo em geral está trabalhando muito da mão para a boca e não é de hoje. Os veículos às vezes agem como se não houvesse amanhã. Eu estou um pouco cansado de estar na corda bamba. Eu trabalhava na revista Placar, foi a revista que mais fechou no mundo. E nas semanas em que ela não fechava, a gente trabalhava sob ameaça de que ia fechar. O Cartão Verde na Cultura era a mesma coisa. Há anos isso, eu estou nessa desde 2012. Sempre a coisa da corda bamba. É preciso se pensar mais a médio e longo prazo. Acho que essa é uma oportunidade que nós perdemos, já que não ficou legado nenhum do ponto de vista jornalístico. Tudo muito sazonal. A própria Copa do Mundo não deixou nada de efetivo. [...] Para usar uma palavra que eu aprendi aí: monetizar, agora tudo é monetizar. Dá vontade de falar “eu não quero monetizar nada, eu quero é ser feliz!”. Eu quero escrever o que eu gosto de escrever, o que as pessoas gostam de ler, não há uma possibilidade? Todo mundo monetiza, até os caras do metrô tão monetizando tocando música, por que eu não posso monetizar também? Acho que poderíamos ser tratados com um pouco mais de planejamento para o futuro.

Como é a relação de ser torcedor e jornalista ao mesmo tempo nas coberturas de futebol, principalmente em momentos em que ocorrem os acontecimentos marcantes, como no rebaixamento do Corinthians ou no Mundial?

Eu acho que essa é uma questão menos do jornalismo esportivo e sinceramente mais comercial. Basta ver que essa semana o Santos Futebol Clube tinha um jogo no Equador pela Libertadores e o Corinthians tinha um jogo aqui na Sul-Americana, e a toda poderosa Rede Globo trans-

mitiu o Corinthians. Não tem nada de jornalístico nisso, é comercial. A conta da Globo é que mais gente vê o Corinthians, embora e inegavelmente o jogo do Santos seja a competição mais importante. Em relação a essa questão eu tenho uma vantagem. Na maioria das minhas atividades como jornalista esportivo, sempre deu para respirar fundo e fazer depois. No dia do rebaixamento, por exemplo, eu estava fechando o Diário do Comércio. Estava passando o jogo do Internacional contra o Goiás e o goleiro do Inter pegou um pênalti, aí mandaram voltar, ele pegou de novo. Ficou nesse vai e volta, até que o Goiás fez o gol e o Corinthians foi rebaixado. E eu me envolvi muito com aquele negócio de pênalti. Eu falei “não, espera um pouquinho, você tem um jornal pra fechar”. Então a partir daquele momento eu desliguei. Deixei o jogo correr, fechei minha página como todo mundo tinha que fechar. A página principal, inclusive, tinha uma foto de um corintiano chorando, que não era eu, e um título com quatro letras: “caiu”. Fechei, cumpri meu dever. Cheguei em casa, estava moído. Mas lá, eu posso ficar moído. Talvez se eu trabalhasse mais no calor da hora, como comentarista, como locutor, tivesse que desenvolver uma outra técnica. Mas essa técnica de virar a chavinha sempre funcionou muito bem comigo. Não é porque eu sou corintiano que eu vou deixar de ver um pênalti ou um impedimento, seria até uma burrice da minha parte, no comprometimento profissional, um tiro no meu pé. Eu sofro até mais represália da torcida do Corinthians porque acham que eu tenho que ser um embaixador 24 horas por dia. E nessa era de Facebook, de Twitter, tudo imediato, os caras te bombardeiam na hora – você está no ar, o cara já está te xingando. Mas é preciso ter um certo controle sobre isso. É uma coisa que eu encaro com certa naturalidade e, felizmente, eu consegui o respeito dos outros torcedores, até por essa sinceridade – nunca escondi de ninguém. O Mauro Beting tem uma frase que eu adoro sobre isso: “O jornalista tem direito de torcer por um time, não tem direito de distorcer por ele”. Eu acho que isso resolve tudo. A nossa missão é essa busca. Se eu estiver bem com a minha busca, se eu estiver convencido disso, se eu estiver em paz comigo mesmo, acho que é o suficiente. Por mais que o futebol seja esse meio explosivo.

Qual a sua opinião sobre as relações de amizade que alguns jornalistas têm com os jogadores de futebol?

Quando eu era repórter, me orgulhava de que os jogadores nunca me conheciam pelo nome. Eu nunca gostei dessa história de "tô aqui ao lado do meu amigo Zetti". O dia em que teu "amigo" Zetti tomar um frango, com que cara você vai abordar esse tema, que é que você fala na hora do programa? O Flávio Gomes fala, "jornalista não tem amigo". Ele é um pouco radical nesse sentido, mas o que ele quer dizer? Antes de meu amigo você é minha fonte, você é objeto do meu trabalho, você está sujeito a uma análise, não é nada pessoal, não me manipule, não me venha com essa história de "poxa eu já te ajudei tanto e você me ferrou com essa matéria". Eu não te ferrei com essa matéria. É meu dever divulgar essa matéria. Essa é uma separação muito difícil de se fazer por uma série de coisas. Jornalista esportivo, por exemplo, é setorista, e setorista está todo dia lá, está sujeito a cobranças, está vendo a cara da fonte antes e depois de publicar certas matérias. Então, há todos esses problemas no dia a dia do jornalismo especializado em geral e do esportivo em particular. E nós que temos que estar atentos a isso, é a nossa conduta que vai passar para as outras pessoas que tipo de jornalista nós somos. Eu trabalhei num meio muito difícil que é o meio automotivo, onde rolam privilégios para publicação... Quando eu estava na Quatro Rodas ninguém nunca nos procurava para isso. Por quê? Porque sabiam que não era a nossa política, nem da revista naquela época e nem dos profissionais que lá trabalhavam. A não ser que você seja filho do Frias, do Civita, do Marinho, do Mesquita, seu único bem é o seu trabalho, é o que você tem a oferecer, é a sua reputação, são as escolhas que você faz.

Sobre aquele costume de fazer previsões, arriscar resultados futuros, placares, etc, isso é algo que faz o jornalismo esportivo ser levado menos a sério? Esse é um tipo de prática válida?

Primeiro, eu acho que melhorou. O jornalismo esportivo, quando eu comecei a trabalhar, era muito menos respeitado. Eu ficava louco na revista Placar quando eu queria melhorar alguma coisa e falavam "tá bom, para quem é, tá bom". Isso me ofendia pessoalmente porque muita coisa que eu sei, eu devo ao futebol, eu devo ao jornalismo esportivo. Foi uma

porta de entrada para outros interesses e eu acho que a gente precisa respeitar muito a pessoa que está recebendo essa informação. Quando me tornei jornalista, sempre pensei em trabalhar com a nossa matéria-prima, que é a informação. Então procuro não ser leviano, procuro checar, procuro apurar, procuro me conter. A gente faz um programa na ESPN Brasil, o Bate Bola, onde e a gente faz muita análise. Tem uma brincadeira, que é a brincadeira do palpito, e o Leonardo Bertozzi, que também é um jornalista da minha linha, fica irritadíssimo, ele fala assim no ar: “isso é irritante, a gente faz aqui duas horas de análise, um minuto de palpito e o que repercute nesse maldito Twitter são os palpites”. A mídia esportiva – mas também, em geral – está muito ruim e superficial porque as pessoas querem, ou as pessoas querem porque é ruim e superficial? Eu prefiro acreditar que não [as pessoas não querem], mas tem sempre alguém jogando números na nossa cara em função desse estereótipo do jornalismo esportivo, eu luto muito contra esse estereótipo.

Acho que é muito importante, antes de tudo, a questão da paixão. Eu acho a paixão importante, e em alguns casos fundamental, mas ela não pode cegar nesse ponto. Você não pode fazer jornalismo esportivo só porque gosta de esporte, só porque gosta de futebol, só porque é fanático, você tem que ter compromisso com várias coisas como checagem, apuração, respeito à fonte... Ainda mais em tempos como os que a gente vive, de tanta violência, em que a responsabilidade está aumentando e a irresponsabilidade das empresas também cresce, no sentido de não cobrar seriedade das pessoas que contratam. Celebidades estão no ar para tentar prender a atenção do público e isso é um reflexo da cultura do controle remoto, porque todo mundo “zapeia” e quanto mais conhecido for o rosto, maior a chance de alguém parar. Agora, não é só isso, a gente trabalha com informação. Embora eu reconheça que também existe no esporte a parte do entretenimento, na minha concepção, um dos grandes problemas hoje é essa mistura, mistura sem aviso. Eu fazia um programa em que eu cantava hinos de clubes de futebol dos rincões do Brasil, isso não é uma das coisas mais sérias do mundo, mas era com certo respeito, com certo limite, com certo aviso de que aquele era um programa que fazia isso. Eu acho que falta esse aviso para as pessoas. Onde é entretenimento e onde é informação, principalmente no esporte.

O jornalista esportivo trabalha muito aos finais de semana, por conta do calendário de jogos. Então, teoricamente, você trabalha no dia de descanso da sua família. Como é a questão da família e dos finais de semana para o jornalista esportivo? Quando você tira um período para o lazer e para estar com a família?

E não é só final de semana, é a noite da quarta-feira também. A gente está sempre na contramão do fuso horário. Primeiro, acho que uma coisa legal é que eu sou casado com uma jornalista. Ela entende um pouco mais essa rotina. [Minha esposa faz] jornalismo de moda, feminino em geral, trabalhou nas revistas femininas da Abril, mas ela também sofre com isso. Também houve fechamentos ao contrário, mas no jornalismo esportivo isso é mais sistemático. Os jogos acontecem de fim de semana ou nas noites de quarta-feira, quinta-feira... Eu me preocupo com isso. Muita gente me pergunta por que eu não comento mais jogo. Acho que tem um pouco a ver com essa preservação. Eu sempre escolhi coisas como a revista Placar, por exemplo, que era mensal, então dava pra ter um respiro. Minha atuação na ESPN é logo depois de um jogo. Agora, estou fazendo um programa diário, demanda mais tempo, estou descobrindo que preciso me preparar melhor do que para as participações especiais que eu fazia. Mas de qualquer forma, acho que eu fiz conscientemente uma opção. Se eu até hoje não cobri uma Copa do Mundo no exterior, se eu não sou um jornalista mais do dia a dia, é por causa disso. Isso não impediu, por exemplo, que entre 2004 e 2013, eu estivesse absolutamente todos os domingos fechando a seção de esportes do Diário do Comércio. Eu chegava às três horas da tarde no prédio da associação comercial e ia embora 11:30 da noite. Quando acabou, em 2013, a minha filha tinha de 15 para 16 anos. Quando comecei esse processo, ela tinha de seis para sete. Então, dos seis aos 15, ela não tem lembrança de mim numa noite de domingo. Mas a gente procura compensar isso de outras maneiras. Pegamos outro dia da semana. Eu me preocupo muito com esse equilíbrio e acho que é uma preocupação saudável. Você tem que estar ciente, não tem jeito. Em casa, almoçamos fora antes dos jogos ou deixamos pra sair ou receber visitas depois que os jogos acabam. Trabalhando com esporte, você sabe que vai ter que estar ali de plantão nos momentos em que ele acontece.

Como você se orienta, quando vai realizar uma pauta sobre jornalismo esportivo, para que ela seja qualificada, para que ela tenha alguma profundidade e seja relevante, não seja um lugar comum?

É muito importante pra mim ter vivido dois momentos: antes e depois da internet. A internet para mim é um parâmetro. Hoje, quando vou produzir, busco escrever sobre coisas que não estejam na internet, que eu não possa encontrar com a ajuda do Google. Quando eu alcanço isso, fico satisfeito.

Você descobriu que o Carille jogou pelo Corinthians, por exemplo.

Sim, ele era jogador do Corinthians. Descobri a partir de umas revistas velhas que eu tinha. É aí que as pessoas se enganam, elas acham que tudo está na internet. Está na internet o que alguém, alguma vez, jogou lá. Então, agora tem isso na internet porque eu joguei. Eu escaneei o papel e pus na internet. Agora tem, mas antes não tinha. As pessoas simplificam muito isso. Na Editora Abril, durante muitos anos, tinha o departamento de catalogação. Aí pararam de catalogar, falaram que está tudo na internet. Não está não, porque você não escaneia lá um por um e isso é mão de obra, isso é tempo, isso é investimento. Então, hoje, tudo que eu faço, e peço isso também dos meus alunos, não pode ser o que a pessoa encontra facilmente ao dar um Google. Tem que ter um diferencial. Antigamente, era mais fácil ser jornalista, nesse sentido. Hoje, todo mundo tem acesso, todo mundo tem sua página, seu Twitter, todo mundo pode de alguma forma propagar informação. Então, eu acho isso fundamental. Não podemos cobrar que as pessoas comprem um exemplar de revista, um exemplar de jornal, uma assinatura de TV a cabo, por um conteúdo que elas também podem encontrar fazendo uma pesquisa no Google.

Na sua percepção, houve alguma mudança depois do 7 a 1 na nossa forma de fazer jornalismo? E, uma vez que você pesquisa o assunto, há como traçar um paralelo em relação à reação da imprensa com o maracanaço em 50?

No maracanaço em 50, a imprensa era patriota, o discurso do Pedro Luiz [Paoliello] depois da derrota para o Uruguai, o editorial do Thomaz Mazzoni na Gazeta Esportiva sobre a “nossa derrota” — e aí já usando a

terceira pessoa do plural. Era uma coisa emotiva, envolvida assumidamente. Havia o Nelson Rodrigues, que era muito mais crônica do que informação. Era outro nível de exigência, até porque num mundo em que você não tinha tantas câmeras mostrando tudo, eles [os jornalistas] eram responsáveis por um imaginário. Sobre o 7 a 1, acho que a nossa imprensa, mesmo a mais crítica, comete o erro de encarar como causa, não como efeito. O 7 a 1 é só a última ponta de uma sucessão de erros. É notável e interessante em relação a 50 que, desta vez, a crônica do jornalismo esportivo tenha se ocupado das mazelas, mas eu acho que fica muito na superficialidade. Daí ao desembocar de uma série de consequências que a imprensa esportiva um pouco mais crítica já vinha apontando há tempos. Isso é o ponto final de uma deterioração. Então, eu vejo essa diferença. Em 50, a imprensa fez parte de contar essa mitologia, de contar essa derrota, dos deuses do futebol. Anos depois é que foram levantar essa questão política, mudaram jogadores de concentração porque os políticos estavam querendo tirar fotos ao lado dos futuros campeões do mundo. Mas isso é toda uma análise posterior. A análise do 7 a 1 já é contemporânea.



JORNALISMO CULTURAL

JORNALISMO CULTURAL

Verbetes construído a partir da coletiva de imprensa com o jornalista Sérgio Rizzo

Ao final da década de 70, o jornalismo cultural no Brasil passou a ser pautado pela agenda da indústria cultural. Antes norteado por relevância e impacto social, o jornalismo se tornou refém dos produtos - e releases - dessa indústria. Esse novo cenário foi resultado do crescente número de assessorias de imprensa, que surgiram de forma rápida e tiraram das mãos dos jornalistas as escolhas dos temas a serem trabalhados. Essa realidade tornou o profissional um agente passivo que passa a aguardar e analisar apenas as informações enviadas via release.

A relação entre o jornalista e assessoria de imprensa ainda é muito questionada devido aos interesses das empresas, e a segmentação da agenda se fixou em alguns poucos temas que envolvem, por exemplo, teatro, cinema e música. Isso também ocasionou na esterilização da capacidade do jornalista cultural em fazer uma averiguação própria, inibindo a diversidade de temas e pautas que acontecem pelas cidades do país. No Brasil, com toda sua diversidade, a agenda do jornalismo cultural está concentrada nas grandes capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O jornalista que trabalha com essa especialização hoje, desaprendeu a fazer reportagem. Segundo Sérgio Rizzo, atualmente, o profissional não precisa mais trabalhar em uma reportagem, fazer apuração, nem ao menos ser interpretativo, e sim dar sua opinião sobre assuntos. Desse modo, a sua função é de apenas avaliar se o que está em pauta é bom ou não, com base no julgamento de quem escreve.

Na segunda metade dos anos de 1980, o jornalismo cultural ainda tinha grande espaço nos jornais tradicionais. As redações eram amparadas por equipes capazes de produzir numerosas matérias e mesmo com o excesso de releases, ainda existia nos jornalistas a capacidade de observar fenômenos culturais e de analisá-los.

Com o declínio da mídia impressa, as equipes dos jornais foram sucateadas e muitas editorias foram reduzidas, precarizando a produção das

pautas culturais. Se anteriormente o jornalista podia pegar um avião e passar três dias fazendo pesquisa com o público e entrevistando a equipe responsável por uma peça de teatro, hoje é necessário disfarçar essa falta de oportunidade usando a internet como ferramenta, na busca de assertividade ao elaborar um conteúdo. Nesse cenário, para Rizzo, se torna impossível exigir que a cobertura se aproxime do desejável.

A falta de verba sempre foi um problema no jornalismo e, na editoria de cultura, há o agravante da falta de interesse da população em relação ao tema. Herança da década de 70, com o auge da Ditadura e explosão da televisão e suas programações "muito atraentes" que, na visão de Sérgio Rizzo, tiraram o estímulo para leitura, tanto política quanto comercialmente.

Além do histórico desinteresse, faltam também políticas para formação de telespectadores com interesse em culturas diferentes, deixando o jornalista da área refém da mesmice. Esse problema impossibilita o profissional de ser o curador com a missão de levantar conteúdos aos quais, dificilmente, a população teria acesso ou conhecimento, o que, para Rizzo, seria o grande papel dos jornalistas no século XXI.

SÉRGIO RIZZO



O JORNALISTA ALÉM DO CRÍTICO

Sérgio Rizzo mostra suas multifacetadas em uma carreira marcada por diversidade de projetos, fugindo da monotonia dentro e fora da redação

Por Lucas Almeida e Juliana Lima

Aos 52 anos, Sérgio Rizzo não esconde uma característica que manteve durante toda sua trajetória: o jornalista não gosta de uma vida profissional monótona. Criou, então, seu próprio espaço dentro do mercado para se adequar a isso. Os múltiplos interesses, que incluem cinema, educação, esportes e literatura, se misturam entre os gostos e os projetos realizados ao longo da carreira.

“Virei um tipo de profissional que faz muitas coisas ao mesmo tempo, em oposição àquele que trabalha sempre em uma única redação. Foi por questão de temperamento. Não lido bem com tédio. Hoje, posso me dedicar a todos os meus interesses”, afirma.

A vida profissional de Rizzo começou cedo e ele mesmo se define como “um caso atípico”. Aos 16 anos, quando era estudante de Eletrônica na antiga Escola Técnica Federal de São Paulo (atual IFSP), foi trabalhar em dois jornais de bairro da capital paulista. Na Gazeta da Vila Prudente assinava uma coluna de cinema, e ainda trabalhava como repórter no Jornal da Vila Formosa.

A experiência influenciou a escolha da graduação. Em 1983, Sérgio começou a cursar Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). A escolha do curso, no entanto, foi motivada pelo fato de que não poderia exercer a profissão sem o diploma que lhe daria direito ao registro profissional, o MTB.

Já formado, participou em 1987 do Curso Abril de Jornalismo. Essa foi a porta de entrada para a editora, onde trabalhou como repórter, editor-assistente e editor do Almanaque Abril, do Guia do Estudante e de outras publicações. Rizzo teve uma ascensão rápida na vida profissional e, desde então, não se manteve parado.

Após sua saída do Grupo Abril em 1990, foi editor de guias de cinema e vídeo da Editora Nova Cultural, editor de livros na Editora Brasiliense e subeditor de internacional no jornal DCI - Diário do Comércio e Indústria. Cinco anos depois, tornou-se editor-chefe da Editora Abril Jovem. Ainda na casa, foi colaborador da Superinteressante, Casa Claudia, Arquitetura & Construção e Nova Escola.

Passou por diversos outros lugares e meios jornalísticos. Como crítico, teve textos publicados na Folha de S. Paulo, foi articulista no jornal Gazeta Esportiva, comentarista de rádio na Brasil 2000 e escreveu para diversas revistas e veículos on-line. Assinou alguns livros, entre eles Cinema e Educação (Segmento) e Vitória - Ayrton Senna (Melhoramentos), além de ter artigos publicados em outros, como em Os Filmes Que Sonhamos (Lume).

Em 1994, iniciou seu mestrado em Artes/Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) com uma análise da obra do diretor Woody Allen. No mesmo período, tentou cursar História, mas abandonou o curso para se dedicar ao mestrado. Na USP também fez seu doutorado, em 2011, em Meios e Processos Audiovisuais com a tese mais voltada para a educação.

Sempre interessado pelo tema, deu início a sua jornada no meio acadêmico em 1992, como professor colaborador da USP, ministrando aulas sobre cinema. Teve uma longa carreira de docente, passando por diversas instituições durante cerca de duas décadas: Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Faculdade Cásper Líbero, Centro Universitário de Vila Velha (UVV), Casa do Saber, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Afastado dos cursos de jornalismo desde 2014, diz que se desentancou pelas aulas de comunicação em faculdades, que sempre havia gostado de oferecer. "Não tinha mais o prazer que tinha antes, não me via mais ali". Sérgio conta que isso se deve a uma falta de curiosidade e pró-atividade dos alunos, notadas recentemente, assim como por um cansaço do próprio curso de graduação e pelo estado do jornalismo atual. Mais uma vez, Rizzo mostra sua característica principal: se dedicar a vários aspectos da vida, sabendo os momentos certos para cada ação.

Entre os projetos em que está envolvido atualmente, se orgulha dos festivais. Sérgio integra os comitês de seleção da Mostra Internacional de Cinema, Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo e do É Tudo Verdade.

Hoje, Rizzo é crítico do O Globo, além de participar de projetos de teatro e cinema. Com os novos trabalhos, se distanciou das redações, em que esteve durante tantos anos. "O jornalismo se desinteressou por mim. Não reconheço mais o que existe nesse país como jornalismo nos modos que gostaria que fosse praticado. Eu não desisti dele, apenas reduzi minhas expectativas."

ENTREVISTA COM SÉRGIO RIZZO

Por Rodrigo Brucoli

**“O JORNALISMO
CULTURAL PODE EXERCER
O PAPEL DE CURADORIA,
DE ORGANIZAÇÃO DA
INFORMAÇÃO PARA
POSSIBILITAR AO LEITOR
ENCONTRÁ-LA**

Crítico de cinema há mais de 40 anos, Sérgio Rizzo analisa impasses do jornalismo cultural, como a releasmania, que restringe a atuação jornalística às agendas de cultura. Ele discute o quanto a falta de formação de público é um problema de conjuntura nacional e aponta novos caminhos para sua área nos dias atuais..

Como foi o início da sua trajetória com o jornalismo?

Sempre dizia aos meus alunos que meu caso é um pouco atípico. Comecei a trabalhar com jornalismo aos dezesseis anos, estava no segundo ano do curso técnico de eletrônica. Por uma série de circunstâncias, fui parar em um jornal de bairro. Nas décadas de 1970 e 1980, jornais de bairro foram muito importantes na cidade de São Paulo. A Gazeta da Vila Prudente, em que eu trabalhava, no seu melhor período tinha uma tiragem semanal de aproximadamente 30 mil exemplares. Era o jornal que mais circulava na região. Lembro-me de já estar na faculdade quando as assinaturas da Folha e do Estadão chegaram ao meu bairro. Entrei na Gazeta com essa idade, bem jovem, já para escrever sobre cinema. Na verdade, eu sempre tive um interesse muito grande por cinema e literatura, e foi esse interesse que me levou para o jornalismo.

Então você já exercia a profissão quando fez o curso de Jornalismo?

Sim, eu fui fazer o curso depois. Principalmente porque, na época, se você não fizesse curso de Jornalismo, realmente não conseguia o MTB, que é o registro profissional. Como a lei que regulamenta a profissão era muito recente, ela estava sendo cumprida rigorosamente. Então, sem o registro, você não trabalhava. Como achei muita graça no jornalismo, fui fazer a graduação nessa área. Se não precisasse, provavelmente eu não teria feito, teria optado por outra graduação. Depois que me formei, fui fazer História na FFLCH [Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP], mas interrompi o curso para fazer mestrado e doutorado aqui na ECA [Escola de Comunicações e Artes da USP].

Então o curso veio mais como consequência de uma trajetória que já estava sendo formada?

Isso, o curso foi um acidente, não foi nada que eu tenha planejado.

Já faz muito tempo que eu virei um tipo de profissional que simultaneamente faz muitas coisas. Não sou daqueles que trabalham apenas em uma redação, e isso tem muito a ver com meu temperamento. Faço várias coisas, para me dedicar a esses vários interesses. Eu não lido bem com o tédio, e não é só na vida profissional.

É necessário que o crítico de cinema ou de música, por exemplo, tenha uma formação específica na área?

Gosto de entender o trabalho do crítico, seja lá em que área for, como o trabalho do pesquisador. Portanto, aprecio os críticos que se entendem como pesquisadores e que estão ali o tempo todo investindo em sua formação, em sua atualização. Por isso, considero natural que esse crítico-pesquisador exerça a docência em algum momento. Embora não seja algo necessário, me parece natural. Os caminhos para virar esse profissional são muitos. Eles podem passar por estudo formal ou por autodidatismo. Dois dos maiores críticos de cinema, André Basan e François Truffaut, foram autodidatas. O Truffaut, além de uma brilhante carreira como crítico, depois se transformou em diretor. Ele fugiu da escola, não teve nem formação. Eu, assim como ele e o Basan, fui autodidata. É claro que se pode ter uma formação acadêmica, pode-se tudo nessa vida. Mas também pode-se ter uma formação escolar acadêmica e ser ruim. Quando você acaba a graduação e entra no programa de pós, faz o mestrado e, depois que termina, faz o doutorado, isso só quer dizer que você foi capaz de ir terminando a graduação, ter entrado no mestrado e ter feito o doutorado, só isso. Não é garantia de nada.

No meu caso, por conta de ser um crítico-pesquisador, fiz mestrado e doutorado aqui na ECA. Virei professor, depois curador. Mas não me restringi à pesquisa, participo dos três principais festivais de cinema de São Paulo, a Mostra Internacional de Cinema, o É tudo verdade, e o Festival de Curtas de São Paulo. Adoro estar nos três festivais, porque você vê coisas legais e aprende com elas.

Evidentemente, a minha trajetória profissional tem a ver com o que eu penso da formação.

Como você vê o jornalismo impresso praticado hoje?

Eu me desinteressei pelo jornalismo. Na verdade, acho que foi o jorna-

lismo que se desinteressou por mim. Não reconheço mais o que existe neste país como jornalismo nos moldes em que eu gostaria que ele fosse praticado e como eu acho que ele foi praticado em outros momentos da nossa história. Na verdade, não é que eu tenha desistido dele, eu só diminuí minhas expectativas. Minha desilusão com o jornalismo brasileiro é como leitor, como espectador, como ouvinte. O jornalismo praticado hoje no Brasil é muito ruim. Você tem dimensão dessa ruindade, da "bagaceira", do sucateamento da profissão no Brasil se puder compará-la com jornalisos de outros países que resistem em um determinado padrão de qualidade.

Tenho tido a oportunidade de viajar muito nos últimos vinte anos. Adoro chegar em um lugar e dar uma xeretada em jornal, em revista. Sempre quando volto ao Brasil depois de ficar um tempo fora e pego a Folha e o Estadão, dá impressão de que são jornais de faculdade. Isso acontece até mesmo quando a gente compara o jornalismo praticado no Brasil com o jornalismo praticado em países da América do Sul, como o Chile.

Nenhuma ofensa aos jornais de faculdade, mas a Folha, e o Estadão parecem jornais de faculdade, e não é para parecer. O que que tem ali para ler? Por que essas coisas estão sendo abordadas desse jeito? Por que essa pauta?

Quanto ao jornalismo cultural, quais seriam os seus principais desafios hoje?

Entre o final dos anos 1970 e o começo dos anos 1980, o jornalismo cultural passou a ser orientado pela agenda da indústria cultural. Vale a pena lembrar que isso coincidiu com outro fenômeno de fora do jornalismo, que foi o crescimento das assessorias de imprensa. O Gerson Moreira Lima tem um livro que se chama *Releasmania*, acho que é fruto da sua pesquisa de mestrado. Nesse livro, ele explica que, depois das assessorias de imprensa e seus releases, o jornalista passou a ficar tranquilo na redação, esperando as informações chegarem. Chegam os releases e você faz a sua pauta. Funciona mais ou menos assim: "Vamos ver, o que temos em teatro?" "Ah, vai estreiar esta peça, essa aqui." "O que temos em cinema?" "Cinco filmes vão entrar em cartaz essa semana" "O que que

temos de show?" "Vai estreiar isso aqui, isso também." Então o espaço da página é repartido pelos eventos que o jornalista destaca da agenda. "Essa é a peça com a qual a gente vai fazer a capa no dia do teatro." "Esse é o filme que será capa no dia do cinema." "Tem essa entrevista com o autor daquele livro." E, assim, todo o caderno de cultura é resolvido somente a partir da agenda.

Quais seriam os principais problemas de restringir o jornalismo cultural às agendas enviadas pelas assessorias de imprensa?

O problema é que isso inibiu, acho que até já esterilizou, a capacidade do jornalismo cultural de ir atrás de novidades, trabalhar em cima da apuração. Por exemplo, um tema que é complicado e que deveria ser abordado é o da diversidade cultural do país, o que não acontece de maneira alguma. Basicamente, o jornalismo cultural cobre fenômenos que acontecem em São Paulo e no Rio de Janeiro. Tudo bem, são cidades importantes, irradiam cultura para o restante do Brasil, mas não dá para falar somente dessas cidades. A verdade é que o jornalismo cultural desapareceu a fazer reportagem. É como se ele só precisasse ser opinativo, nem mesmo interpretativo. Se um filme ou uma peça entrou em cartaz, alguém escreve dizendo se aquilo é legal ou não. Somente julgamento, sem investigação ou interpretação.

Por isso, o entendimento da produção cultural, hoje, é equivalente ao entendimento que o jornalismo gastronômico tem de restaurantes. "Esse aqui é bom." "Olha, aquele restaurante tem um espaguete cuja relação custo-benefício é excelente." Então temos uma somatória de problemas que dificultam o exercício do jornalismo cultural. Isso tudo se relaciona a problemas da releasmania: inibição da capacidade de apuração própria e, portanto, da capacidade de observar fenômenos culturais e de interpretá-los, produzir jornalismo em cima deles.

Nos últimos anos, o jornalismo vem sofrendo com a diminuição de pessoal nas redações. Isso se relaciona de alguma maneira à releasmania e à perda da capacidade de apuração nos cadernos de cultura?

Por coincidência, ontem eu conversava com um amigo que trabalhou por um tempo no Estadão na segunda metade dos anos 1980, e a conversa

que tivemos ilustra bem essa discussão. Ele lembrou: “no meu tempo, o Caderno 2 saía com 36 páginas, dois cadernos”. Nessa época, em muitos dias da semana, a Ilustrada saía com dois cadernos, não dava para fazer um só. O maquinário não era capaz de imprimir um caderno com tantas páginas, precisava fazer dois. Nesse tempo, em que uma edição do Caderno 2 podia ter 36 páginas, havia uma equipe capaz de produzi-las. Tinha releasmania, mas não tinha internet e todas as possibilidades de reciclagem e cozinha que ela oferece. Então era necessária uma equipe numerosa para produzir esses cadernos, não tinha mágica. As equipes das outras editorias também eram numerosas. Essa redução de equipes que vivemos não é uma exclusividade do jornalismo cultural. Além dela, o borderô, que é o dinheiro que toda editoria ou toda publicação tem para pagar freela, passagem aérea, hospedagem em hotel, foi minguando. Por isso, agora a gente enfrenta um problema material bem objetivo. As equipes são reduzidíssimas. O borderô é ridículo. Não dá para fazer milagres.

Então a queda na qualidade do jornalismo se vincula, sobretudo, a uma falta de recursos, à falta de investimento nas redações?

Claro. Hoje, o jornalismo brasileiro enfrenta um grave problema de gestão. Gestão de jornalistas talvez seja uma arte equivalente à de artistas. É gente mais difícil de se gerir. Então, por problemas de gestão, boa parte das grandes empresas perderam completamente o rumo. Periodicamente, elas fazem novos cortes, novos cortes, novos cortes, até chegar o dia em que não vai ter mais o que cortar. Isso tudo sem pensar em estratégias que deveriam ter sido pensadas lá atrás, no começo do século XIX, estratégias de médio e longo prazo para sobreviver no novo ecossistema comunicacional.

Em meio a essa crise sistêmica, ainda há lugar para o desenvolvimento de um jornalismo cultural de qualidade?

Tem muita coisa boa sendo feita, não podemos entrar na chave do pessimismo. Mas essas coisas estão sendo feitas por não jornalistas graças ao novo ecossistema comunicacional. Na internet, é possível se informar sobre mil coisas à margem do jornalismo. Em grande parte, essas informações são produzidas pelos próprios agentes culturais.

Em cinema, você encontra informação de qualidade produzida por círculos de fãs. Ontem, no Itaú Cultural, eu conversava com uma colega sobre um curso que o Cássio Starling Carlos deu sobre o David Lynch. Ele resolveu, logo na primeira aula, abrir um fórum para os próprios alunos trazerem informações para o curso. Eles trouxeram, e o que eles sabem sobre o David Lynch não leram na Folha, nem no Estado, nem na Veja. Não passa na Globo, não ouviram na CBN nem na Band News. Mas eles sabem muita coisa sobre David Lynch, porque hoje dá para saber muito sem depender da Ilustrada, do Caderno 2, da CBN ou da Veja. É só ir atrás da informação, porque ela está disponível.

Quais veículos você considera referências para o jornalismo cultural hoje?

Pelo que vejo, penso que a melhor publicação feita no Brasil hoje é a Piauí, tanto a revista impressa quanto as informações acessórias publicadas no site. Também na blogosfera, ligada aos jornais diários, há muitos nichos interessantes do jornalismo cultural. Esse espaço acabou dando vazão a uma informação que não cabe mais no impresso. Alguns blogs são ótimas fontes de informação naquele assunto, naquele tópico que às vezes é bem segmentado. Há muitas revistas e sítios na internet que publicam informação de ótima qualidade.

Você poderia dar um exemplo de jornalismo cultural de relevância na blogosfera?

Tem um sítio na internet que se chama Cinefestivais. Ele se especializou em cobrir festivais de cinema. E o volume de informações sobre o assunto que se encontra nesse sítio é estupidamente maior do que a cobertura de festivais que se encontra nos veículos tradicionais. Dou um exemplo no qual estive envolvido.

Este ano, retomei um trabalho começado em 2004, uma oficina de crítica de cinema dentro do Festival Internacional de Curta-Metragens de São Paulo. Cerca de 13 alunos de Audiovisual e quatro de Jornalismo participaram da oficina. Durante o festival, eles produziram textos sobre os filmes brasileiros e latino-americanos. Fizemos uma parceria com o Cinefestivais, que selecionou e publicou cerca de dez textos produzidos na oficina.

Na Folha de S.Paulo, o Festival de Curtas ganhou um textinho no Guia da Folha, duas pagininhas com aqueles textinhos rasos. "Passa hoje o festival de curtas de São Paulo. Ele reúne tantos filmes de tantos países em tantas salas por tantos dias. Entre os destaques da programação, temos um filme que ganhou o prêmio tal, outro que ganhou tal prêmio e esse que é o primeiro curta-metragem de tal artista plástico." Acabou, esse é o texto. Depois veem-se cinco destaques, cinco fotos com uma frase para cada título. É o que saiu no caderno principal da Folha, não me lembro se saiu algo específico na Ilustrada, talvez. Já no Cinefestivals, só em parceria com a oficina Crítica Curta, saíram oito textos, além do que foi produzido pela própria equipe do sítio. É aí que está a diferença. Na mídia hegemônica, você não vai encontrar essa densidade de informação, a não ser na blogosfera, que surge pendurada nesses grandes jornais. Ela sim é interessante.

Você fala sobre a insuficiência do jornalismo que pretende cobrir todas as informações, fazendo uma cobertura horizontal. Considerando essa crítica, como seria uma possível atuação do jornalismo cultural mais interessante do que esse modelo que é praticado hoje?

Respondo imaginando uma situação absolutamente hipotética. Suponhamos que meu telefone toca aqui e é o Sérgio D'Ávilla, que me diz: "Sérgio, assume a Ilustrada, preciso de você, vem para cá". Suponhamos que eu diga "Ah, Serjão, que fria, né? Mas está bem. Como é que eu vou recusar um negócio desses!". Então eu assumo a Ilustrada. Caso isso acontecesse, eu brigaria internamente para chegar em alguns lugares. Por exemplo, tentaria me afastar da agenda. É claro que você tem de continuar cobrindo agenda, isso é uma questão de mercado. Mas não precisa ficar refém dela. Por exemplo, não é necessário dar texto de todos os filmes que estreiam na quinta-feira, porque decididamente alguns filmes não merecem que você lhes dê texto. Então não precisa ir no piloto automático, achando que todo filme merece um texto.

Melhor do que isso é verticalizar a produção, eleger um filme que mereça uma bela discussão, e substituir o espaço que era dedicado a cinco filmes para um só. Então, em cima desse bom filme, fazer três ou quatro textos que o abordem por diferentes caminhos. Sobre os demais filmes

que entraram em cartaz, colocaria outros textos no site ou os resolveria de um jeito mais breve e inteligente.

Na sua experiência com jornais internacionais, você vê algum caso particular que possa ser tomado como referência para novos caminhos do jornalismo cultural brasileiro?

Tem um caso relevante que é o do Libération. De vez em quando, ele dá capa para cultura. Quando isso acontece, é porque ele traz uma matéria enorme de várias páginas, como “Os trinta novos nomes da cultura europeia que você precisa conhecer”. São europeus novos, alguma coisa na faixa dos 30 anos, que estão despontando na área do cinema, na literatura e na música.

Ao publicar uma reportagem como essa, o Libération está exercendo um papel que pode caber ao jornalismo cultural aqui, que é o de curador da informação. Dado o amplo acesso às informações, o jornalismo cultural pode exercer o papel de curadoria, de organização da informação para possibilitar ao leitor encontrá-la. Essa organização não vai ser vista em outros lugares. Haverá informações sobre esses trinta artistas a perder de vista em um monte de lugares, mas não haverá ninguém dizendo: “Preste atenção nestes trinta”. O trabalho de curadoria demonstra um esforço, uma busca por rastrear e oferecer uma boa lista ao leitor.

O estudo da cultura e das artes é cada vez mais colocado em segundo plano no contexto escolar. A formação precária do brasileiro levaria o jornalismo cultural a falar a um público cada vez menor?

Desconfio que, há dez ou quinze anos, os grandes jornais brasileiros deram um tiro no pé. E como eles são referência a toda a imprensa, outros veículos, seguindo sua tendência, também fizeram a mesma coisa. O tiro no pé foi aumentar o tamanho da letra e reduzir os textos porque as pessoas não leem. Começou-se a fazer um jornal para essas pessoas. O problema é que pessoas que não leem, não leem. Ao escreverem para elas, os jornais perderam pessoas que leem. E eles não ganharam o leitor que não lê, porque o leitor que não lê, não lê. Isso foi um tiro no pé sensacional, que o New York Times não deu. O New York Times continua sendo feito para leitores que gostam de ler, há textos às vezes gigantes, o corpo

cional, que o New York Times não deu. O New York Times continua sendo feito para leitores que gostam de ler, há textos às vezes gigantes, o corpo da fonte é muito menor.

Para quem trabalha com informação, com cultura, a má notícia existe desde que nascemos. O Brasil não é um país de leitores, ou um país em que uma parcela significativa da população é interessada por temas do jornalismo cultural. Pelo contrário, os interessados são uma parcela muito pequena da população. Em algum momento, a gente podia ter dado um salto nesse campo, mas não deu.

Ao longo de sua experiência com o jornalismo cultural, você entende que houve ou há políticas públicas mais incisivas de inserção da população no universo da cultura?

Há uma ausência de políticas de formação de tudo: de formação de leitor, de de espectador de cinema, de espectador de teatro, de espectador de música. A não ser no caso da música popular, que não precisa de nenhum processo de formação porque o mercado forma as pessoas para consumir aquilo. Ninguém precisa se formar para consumir sertanejo universitário, o mercado formata a população para consumir aquilo. Por isso, é necessário um processo de formação para as pessoas conhecerem outras modalidades do universo musical, se não elas não vão conhecer mesmo. Não conhecendo, não tem como gostar. O que não é conhecido, é ignorado. Não houve nenhum desses tipos de política e eu diria que o cenário, nesse momento, é tenebroso. Não houve, não há, e o que havia está sendo desmontado, como se essas coisas todas não fossem importantes. Claro que o sistema educacional tem um papel a cumprir aqui, mas não o tem cumprido pelos problemas que conhecemos.

Você não acha que a iniciativa privada, como no caso do Itaú e do Sesc, por exemplo, muitas vezes investe mais em cultura do que o Ministério ou a Secretaria da Cultura? Quais os perigos que se pode enfrentar com um maior investimento privado do que público nessa área?

De fato, se reunirmos todas as atividades culturais promovidas pelo Sesc no estado de São Paulo, elas vão ganhar facilmente das atividades promovidas diretamente pelo Ministério da Cultura. Então, temos aí um

exemplo problemático, porque o Sesc gosta de dizer que não utiliza recursos públicos. Mas eu entendo que os recursos que operam o sistema "S" (Sesc, Senac, Senai e Sesi) são públicos, pois são um impostos que são tarifados de outro jeito. Mas, de qualquer maneira, assim como os bancos, o Sesc faz bastante coisa, o que é legal. É importante considerar que eles investem com vários objetivos que não apenas o de contribuir para a melhor formação da sociedade e do cidadão. Eles investem porque têm a publicidade e têm esse investimento em cultura, que é marketing. E um marketing baseado em mecanismos de renúncia fiscal. Então o dinheiro que era para imposto, em vez de ir para o governo, é usado para patrocinar coisas.

Caso esse dinheiro entrasse nos cofres públicos, ele poderia gerar políticas culturais mais democráticas?

Se você juntasse o investimento privado em cultura por meio de renúncia fiscal e esse dinheiro do Sesc, que eu considero que é público, isso seria um dinheiroço para os cofres do Estado. Então ele poderia ser gerido pelos governos federal, estadual e municipal, dependendo do imposto, com base em políticas que são referendadas pela população em cada eleição. Em vez disso, são algumas pessoas que resolvem para onde é que vai o dinheiro. Eu diria que isso é perverso. Faz muitos anos que muita gente defende que esse dinheiro seja injetado nos orçamentos do Estado e que sejam criadas maneiras de debater publicamente para onde é que ele vai, para que tipo de programa. O problema é que os recursos no Brasil são muito mal geridos.

Para você, o entretenimento pode ser considerado cultura?

Depende do tipo de entretenimento, por isso temos de olhar caso a caso. Se você for ao Teatro Municipal ver um concerto no domingo de manhã, é entretenimento, não? Esse é o problema da cultura no Brasil. Em outros lugares, as pessoas responderiam: "Claro, domingo de manhã? Vamos ver um concerto gratuito na igreja. Isso é legal, é gostoso". Mas aqui não é assim, é algo como: "Vou ver um concerto porque vou investir na minha cultura". Isso é coisa de país jeca como o Brasil. Cultura é cultura, e ela está no seu dia a dia. Você acorda, lê um jornal, na hora do

almoço pega um livro, à noite vê um filme, no sábado vai ver uma peça. Você faz essas coisas por prazer, não porque está estudando. Por isso, temos que olhar para o que estamos falando, pois não há oposição entre cultura e entretenimento. Tem que ver de que tipo de cobertura de entretenimento a gente está falando, para aí ver se é cultura ou não.

O F5 da Folha, por exemplo, é só entretenimento. Embora possa vaziar um ou outro texto com um aspecto mais substancial, não vejo cultura sendo discutida ali. É mais um conjunto de fofocas, fulano separou, fulano se casou, beltrano assinou. Isso são faits-divers.

É possível ter um jornalismo cultural de maior qualidade na televisão aberta?

Vou contar coisas que já existiram para vermos como a cobertura dessa área foi sendo reduzida com o tempo. Por anos, a Globo teve um crítico de cinema, o Rubens Ewald Filho, que entrava toda semana no Jornal Hoje e com alguma frequência no Jornal Nacional. Maurício Kubrusly fazia a mesma coisa em música. E era fazer crítica, não era fazer entrevista. Olhar para a câmera e fazer a crítica do filme. Isso coube na Globo.

Na minha adolescência, a Cultura exibia o mesmo filme cerca de três vezes na semana. Antes da terceira e última exibição, havia um debate com alguns críticos. O telespectador tinha duas chances de ver o filme para aproveitar melhor o debate. Depois, se encontrasse ideias interessantes no debate, poderia ver o filme outra vez para entendê-lo melhor. Em última hipótese, se tivesse perdido as duas exibições, e o debate tivesse criado curiosidade, poderia assistir ao filme pela primeira vez. Veja que coisa simples de fazer usando a grade. É só alguém resolver fazer de novo. São coisas que já existiram, não estou propondo ações inéditas. Por que que a Globo, que já teve crítico de cinema e crítico de música, não faz isso de novo? A Cultura tinha programas de entrevista muito legais. Por que não os revive?

JORNALISMO ECONÔMICO



JORNALISMO ECONÔMICO

Verbete construído a partir da coletiva de imprensa com o jornalista Leonardo Lara

Apesar de o jornalismo econômico não ser algo novo, essa especialização passou a ter os contornos atuais apenas há pouco tempo. Em seu nascimento, o a área voltava-se quase exclusivamente para uma parcela bem específica da sociedade: burgueses, viajantes e mercadores — quando o sistema capitalista ainda estava em sua fase embrionária. Ao longo do tempo, contudo, a seção de economia dos jornais foi se individualizando e expandindo, nos temas tratados e no público para o qual era direcionada.

No Brasil, especificamente, o jornalismo econômico evoluiu consideravelmente a partir da estabilização da moeda, em meados da década de 1990. Isso, no entanto, só foi possível após o país passar por diferentes planos econômicos em período reduzido de anos, fato que, até então, dificultava o acompanhamento mais preciso por parte do jornalismo, pois exigia uma constante readequação aos modelos implementados.

A partir desse momento, o jornalista especializado no tema não mais precisava focar somente as questões relacionadas à inflação e ao cotidiano das pessoas. Leonardo Lara, repórter de economia da Bloomberg, explica que "o fim da hiperinflação no Brasil foi o fator mais relevante para a mudança da cobertura econômica no trabalho do jornalista, porque, naquela época, os únicos assuntos que as redações cobriam eram os valores das taxas do over night e da inflação".

Com a ampliação da gama de assuntos abordados nos cadernos econômicos dos periódicos, os jornalistas começaram a se setorializar ainda mais. Logo, alguns profissionais passaram a focar na cobertura do Banco Central, por exemplo, enquanto outros trabalhavam exclusivamente cobrindo questões da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) — órgão que regula o mercado de valores mobiliários no Brasil.

Com o tempo foi se construindo também o cenário atual: de dependência cada vez maior entre política e economia, em um nível nunca visto antes. Lara explica que, todavia, esse não é um privilégio apenas do Brasil,

mas um fenômeno fortemente atrelado ao próprio efeito da globalização, em um mundo no qual as economias estão cada vez mais interligadas entre si. Além disso, chama a atenção o fato de que, nos dias atuais, as recentes questões políticas que permearam o Brasil acabaram fazendo com que a economia ficasse ainda mais sensível àquilo que aconteceu e acontece nesse cenário.

O jornalista ressalta que, ao mesmo tempo, a política também é bastante dependente da economia, principalmente em períodos eleitorais. Passado esse período, entretanto, o cenário tende a se inverter. “Se você tem um governo que ao longo do mandato toma uma série de políticas impopulares, ele dificilmente se elegerá. O mercado financeiro tem seu nível de relevância e interferência, mas a partir do momento em que essas questões começam a nortear a vida das pessoas, que são os eleitores, ‘o bicho pega’”, explica Lara.

Justamente por isso, as coberturas devem se aproximar dos interesses do público específico dos diferentes veículos. Em um cenário no qual as novas tecnologias desempenham um papel importante, é essencial que tanto os veículos de comunicação quanto os próprios jornalistas econômicos estejam afinados às necessidades de seus públicos.

Logo, muitas das questões relacionadas ao que se faz hoje em termos de jornalismo econômico no Brasil, assim como sua qualidade, perpassam essas questões. Quando se está diante de um público mais leigo, portanto, há a necessidade de se oferecer uma informação mais “mastigada”. Além disso, mesmo dentro de um mesmo veículo, esse cuidado com o público é sempre necessário.

Quanto ao perfil do jornalista especializado em economia, o mais importante, segundo Lara, é tentar se manter o mais atualizado possível — lendo, participando de cursos, assistindo palestras e conversando muito.

De acordo com ele, no entanto, é essencial que o jornalista entenda pelo menos as noções mais básicas do funcionamento do mercado financeiro. Para isso, o jornalista indica uma série de cursos disponíveis atualmente, sendo a maioria gratuita e sem processo de seleção, oferecidos à jornalistas por diversas instituições, como a Bolsa de Valores e a CVM.

LEONARDO LARA



A TRAJETÓRIA DE LEONARDO LARA: DA TV À AGÊNCIA DE ECONOMIA

Entre as diversas experiências profissionais, o jornalista conheceu sua vocação para o conteúdo econômico por acaso

Por Bruna Arthuso e Vitor Tezzon

Leonardo Lara é um jornalista brasileiro com mais de 20 anos de carreira, sendo 16 deles dedicados ao segmento econômico. Suas experiências abarcam desde grandes canais e programas de televisão até uma das maiores plataformas econômico-financeiras mundiais para profissionais interessados no ramo, a Bloomberg, onde exerce função atualmente.

Léo, como prefere ser chamado, tem 43 anos, é casado, pai de um filho e reside em São Paulo, capital. Formado em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo e com dois MBAs na área de economia – “Derivativos e Informações Econômico-Financeiras” pela BOVESPA e “Finanças, Comunicação e Relação com Investidores” pela FIECAFI – confessa que o rumo para o jornalismo econômico foi tomado por acaso.

As experiências profissionais de Léo se iniciaram antes mesmo da faculdade, quando começou a trabalhar em uma produtora de vídeos. Foi com essa prática que conseguiu um emprego no programa de vendas VideoShop, da filial do SBT em Santos, onde permaneceu até de fato ingressar na graduação. Durante a faculdade, foi trabalhar na editoria de educação do portal Terra com uma proposta de três meses. Passado esse período de experimentação, surgiu, na mesma empresa, uma oportunidade como redator na seção de economia, na qual permaneceu por cinco anos.

Seguindo seu sonho de trabalhar na televisão, Léo saiu do Terra e ficou um ano na TV Record como repórter do Fala Brasil. De acordo com o jornalista, foi lá que viveu muitas das experiências fundamentais para que compreendesse melhor sua profissão e também para que percebesse

se que ser repórter realmente não era sua vocação. Em busca de novas vivências, aceitou uma proposta de trabalho na Editora Siciliano, em que seria responsável pela edição de livros de economia, carreira e desenvolvimento pessoal, com abordagens menos técnicas e mais humanizadas. Devido a não renovação de seu contrato, Léo partiu para o Grupo Globo, atuando como editor e redator no programa Pequenas Empresas & Grandes Negócios. Após um ano e meio na Globo, ao receber o convite de uma antiga colega, concorreu a uma vaga para o canal de TV da Bloomberg, empresa de terminais financeiros destinados a bancos de investimento, corretoras, corporações, investidores e pessoas físicas.

Concluído o rigoroso processo seletivo, Léo começou a trabalhar na Bloomberg em novembro de 2006, como editor de texto no canal brasileiro de TV. Em 2009, com a reestruturação pela qual a firma passou, os canais televisivos regionais foram descontinuados. Por fim, ocupou a vaga de editor na Agência de Notícias, função que desempenha desde então.

Léo compartilhou todas as mudanças que presenciou durante sua carreira no jornalismo. Com a tendência recente das notícias em tempo real, o jornalismo econômico ganhou destaque e relevância após um longo período nos anos 90, quando era resumido apenas à cobertura de hiperinflações e planos econômicos instáveis. Salientando a importância da conjuntura político-econômica atual para a ascensão desse tipo de notícia, Léo frisa que hoje, além do conhecimento econômico, é necessário saber diferenciar quais ações políticas são relevantes para o mercado financeiro — principalmente quando se trabalha em uma empresa de influência global e se tem em vista que as economias são cada vez mais interdependentes.

Léo também enfatiza a importância da ética para aqueles que trabalham na área, demonstrando ser um traço forte seu e da própria Bloomberg. Como eles mantêm relacionamento com clientes que desprendem altas quantias de capital para investimento, ser transparente é um requisito essencial para manter a confiabilidade daqueles que usam os serviços de notícias e terminais da empresa. Léo pondera que sua função como jornalista não é tirar conclusões pelos seus clientes, mas sim, fornecer o máximo de informações possíveis para que eles tirem suas próprias conclusões.

Em sua percepção sobre o futuro do jornalismo, acredita que os profissionais devem cada vez mais se especializar em seus segmentos – sejam eles econômico, cultural, político ou esportivo – para serem fontes confiáveis para seus respectivos públicos. Vivemos em uma época em que os clientes podem e trocam de meios de obter informação cada vez mais rápido, cenário que Léo tenta combater ao máximo através não só de sua postura profissional, mas também por meio do fornecimento de conteúdos relevantes em sua área de atuação.

ENTREVISTA COM LEONARDO LARA

*Por Ana Helena Corradini, Juliana Morgante
e Juliana Meres*

**“PERCEBI QUE FAZER
CONTA NÃO ERA O MAIS
IMPORTANTE, MAS SE
ATUALIZAR O MÁXIMO
POSSÍVEL**

Leonardo Lara (27 de dezembro de 1973) é jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo e trabalha, atualmente, como editor de notícias na Bloomberg News no Brasil.

Nesta entrevista, ele discorre sobre economia, política e o mercado de trabalho em jornalismo econômico, em um contexto de jornalismo em tempo real e alto fluxo informativo.

Como foi o início de sua carreira e qual trajetória o levou a Bloomberg?

O meu ideal quando eu entrei na faculdade era fazer telejornalismo, porque sempre gostei de televisão. No fim das contas, minha vida deu um cavalo de pau e acabei na área econômica muito por acaso.

Havia trabalhado em uma produtora de vídeos e por isso fui parar nesse programa [o Videoshop]. Entrando na faculdade, já procurei dar o direcionamento para carreira e fui trabalhar no portal Terra, que naquela época, por volta de 1998 e 1999, estava começando. Trabalhei na editoria de educação, para publicar tabela de aprovados nos vestibulares, em uma época em que a internet era linha discada. Não tinha mobile, era um horror. Publicávamos tudo em html. Era uma loucura!

Eu queria muito ir para o jornalismo. Trabalhei no Terra com uma proposta de três meses e, passado esse tempo, fui convidado para ser subeditor na editoria de economia. Tudo era muita experimentação com a história da internet. Ninguém sabia ainda o que era jornalismo em tempo real, porque, na verdade, ninguém consumia esse tipo de jornalismo. Afinal, como consumir em tempo real com linha discada?

A minha entrada no jornalismo econômico foi dessa forma, muito por acaso. Acabei ficando no Terra por cinco anos e, no o último, fiz o meu primeiro MBA, oferecido pela Bolsa de Valores. Então, saí do Terra e fui trabalhar na TV Record, porque ainda não tinha desistido das minhas ambições televisivas.

Por um ano fui repórter do Fala Brasil, acordando de madrugada, porque o programa vai ao ar cedo. Foi uma experiência fantástica, pois adquirei um traquejo para lidar com situações inesperadas, principalmente em se tratando de jornalismo policial. Essa não é a minha área, não gosto, mas foi um período muito interessante.

Após um ano, recebi uma proposta muito desafiadora de trabalhar na Editora Siciliano, editando livros de economia, carreiras e desenvolvimento profissional. Era um projeto muito legal e fui treinado para direcionar livros altamente técnicos a um público mais diversificado. Fiquei por seis meses, quando a Siciliano foi comprada pela Saraiva.

Saindo da editora, trabalhei no programa Pequenas Empresas, Grandes Negócios por um ano e meio. Em 2006, fiquei sabendo, por meio de uma amiga, de uma vaga como editor de texto na TV Bloomberg, que ainda possuía um canal em português. Após um processo seletivo extremamente rigoroso, comecei a trabalhar nessa empresa, onde estou desde então.

A maioria das pessoas conhece a Bloomberg como o canal televisivo, mas isso é a pontinha do iceberg. O nosso produto é um terminal dedicado, que é vendido a mensalidades para bancos de investimentos, governos, corretoras, bancos, empresas, traders, investidores pessoas físicas. Enfim, todo mundo que tenha interesse em investimento.

Quando você diz “terminal”, está se referindo ao Broadcast?

É como se fosse. O Broadcast é o nosso principal concorrente regional. A diferença é que ele tem o conteúdo local e a Bloomberg, o global. O cliente que contrata o nosso serviço tem acesso à informação do mundo inteiro em tempo real: desde a taxa de juros da Mauritânia até o valor do grama do ouro em Londres.

Inclusive, eu consigo acessar o terminal da Bloomberg pelo meu smartphone, mesmo que de uma forma compactada e limitada. Mas o cliente, quando contrata o serviço, recebe um equipamento com CPU, monitor, ou seja, tudo para o sistema girar exclusivamente com o nosso produto. Além dessas informações econômicas, há a agência de notícias – em inglês, espanhol, chinês, russo, português, italiano – com cobertura em tempo real.

Temos uma equipe em São Paulo, de mais ou menos 20 pessoas, e um pessoal no Rio de Janeiro e em Brasília, sendo que todos fazem a cobertura em inglês e português. Atendemos a dois públicos: um mais global, que consome informação do Brasil, mas não de maneira tão detalhada, e outro local.

global, que consome informação do Brasil, mas não de maneira tão detalhada, e outro local.

O serviço em inglês da Bloomberg vira 24 horas por dia, porque existem escritórios no mundo inteiro – enquanto um fecha, o outro está funcionando. Já o serviço em português se encerra por volta das 21 horas e volta às seis. Sendo um dos editores, faço parte do que chamamos de “Early Shift”, o turno da manhã. A minha rotina é chegar às seis horas e recuperar o que ficou parado desde que a última editora saiu.

Qual fato marcou sua carreira recentemente?

Para mim, houve dois dias clássicos. Um deles, quando o Lula foi levado em condução coercitiva, eu pensava: “Meu, esse dia não vai acabar!”. O outro foi em maio [de 2017], ao ser deflagrada a Operação Carne Fraca. Foi uma loucura! Esse caso envolvia diretamente uma empresa que cobrimos e é acompanhada por uma série de clientes, então recebemos várias ligações de Nova York pedindo mais informações. Para o jornalista isso é gasolina! É bem dinâmico, em sete anos como editor do serviço, não posso dizer que um dia foi igual ao outro.

Jornalista não pode ser cardíaco. Se for, tem de cobrir uma revista bimestral.

É constante esse diálogo com pessoas de outros países?

É constante porque, apesar de termos o serviço em português, nosso principal produto e idioma é o inglês.

A Bloomberg produz algumas matérias rápidas, de um ou dois parágrafos, a partir de um documento da CVM [Comissão de Valores Mobiliários] ou de um release. Se essa matéria começa a ter muitos hits – o que é disponibilizado por meio de um comando no terminal – ela torna-se uma forte candidata a ser ampliada. Chamada de Long Form, essa matéria mais extensa contém a opinião de analistas e, portanto, possui parágrafos nos quais precisamos recuperar informações e contextualizá-las. É esse contato frequente que existe entre todos os escritórios.

Explique melhor o que é a CVM.

CVM é a Comissão de Valores Mobiliários, o órgão regulador do mer-

cado de valores mobiliários no Brasil e que está de olhos abertos acompanhando tudo que acontece. Todas as empresas que são negociadas em Bolsa têm que se enquadrar nas regras da CVM. Além disso, ela acompanha o mercado para evitar vazamento de informações e acesso à informação privilegiada, que beneficie um investidor.

Sediada no Rio de Janeiro, a CVM está ligada ao governo – sendo que o presidente da entidade é nomeado pelo presidente da República. A maioria de seus funcionários são técnicos de carreira extremamente capacitadas e que conhecem muito do mercado.

Você disse que chegou ao jornalismo econômico de paraquedas. De acordo com sua experiência, tudo acontece por acaso ou existe um perfil para trabalhar nessa área?

Vou ser bem franco com vocês: eu era um péssimo aluno de Matemática, odiava Física e Química. Nas matérias de humanas eu era muito bom, mas nas de exatas, uma tragédia. Por isso, nunca imaginei que, por mais que eu quisesse ser jornalista, o jornalismo econômico fosse aparecer da maneira como aconteceu.

No entanto, percebi que fazer conta não era o mais importante. O que se precisa fazer é entender a racional da conta ou como se chega ao resultado. Por fim, a experiência com as matérias de humanas acabou sendo muito válida, porque é muita leitura, muita palestra, ouvir muita gente. Não obrigatoriamente se debruçar sobre livros, mas se atualizar o máximo possível.

Isso é o mais importante para qualquer tipo de jornalismo.

Imagino que você deva lidar com normas do BACEN [Banco Central do Brasil]. Quanto de economia, e mesmo de Direito, é preciso saber para trabalhar nessa área?

É bem diversificado. Acredito que, para o jornalismo econômico, o mais importante é entender o funcionamento do mercado financeiro, ao menos as noções básicas. Para quem se interessa em se aventurar nessa área e cobrir mercado, indico cursos gratuitos que não requerem seleção.

A CVM oferece cursos. Quando fiz meu MBA [de relação com investidores] foquei na questão da regulação e mercado: o que é considerado

um fato relevante e, por isso, deve ser informado ao mercado. Afinal, uma empresa pode ser punida pela CVM caso envie uma informação que não é de fato relevante.

Já em relação ao conhecimento de regras, não dá para sermos 100% especialistas e por isso existem alguns setoristas. Na nossa equipe em Brasília, por exemplo, há um setorista responsável por cobrir o Banco Central. Assim, quando é publicada uma normativa – que geralmente está em uma linguagem jurídica, de difícil entendimento – acionamos o setorista.

Como você analisa a cobertura econômica feita pelos grandes veículos e canais tradicionais da TV?

Nos últimos 20 anos, o jornalismo econômico evoluiu. Se esticarmos ainda mais essa linha do tempo, o fim da hiperinflação no Brasil foi o fator mais relevante para a mudança da cobertura econômica no país.

Entre 1985 e 1990, o Brasil teve praticamente um plano econômico por ano. Não há país que aguente, nem jornalista que consiga acompanhar, porque quando está se acostumando, a situação muda: uma hora [a moeda] chama cruzado novo, depois cruzeiro, cruzeiro novo, e assim por diante. Houve um amadurecimento do jornalismo econômico a partir do momento em que a economia se estabilizou e, é complicado dizer isso, mas isso trouxe uma certa previsibilidade.

Hoje, o jornalismo econômico depende muito do público, cada veículo deve estar afinado com o seu leitor. Isso vale para qualquer tipo de jornalismo porque, para perder um cliente, basta ele fechar a página da internet e abrir uma nova.

A Bloomberg é criada voltada para Wall Street e o terminal gera informações para todos os usuários que têm acesso a ele. No Brasil, muitas pessoas compram o acesso ao terminal?

Por uma questão global, quando o terminal começou, era 100% em inglês, de modo que o cliente deveria ter familiaridade com a língua. Quando eu saí do núcleo da TV e passei para o de notícias, a Bloomberg iniciava um movimento de criar serviços e localizar o terminal. Hoje o nosso cliente consegue deixar o terminal todo em português. Além disso, temos

Existe uma dependência maior da nossa economia a essas mudanças políticas.

Existe e eu concordo. A política depende muito da economia na questão eleitoral. Depois, o jogo vira, porque a economia passa a depender daquilo que se faz na política. Por exemplo, se ao longo do mandato um governo toma uma série de medidas impopulares – eleva impostos ou gasta mais do que se arrecada – provavelmente esse governo não irá se reeleger. De fato, o mercado financeiro tem seu nível de relevância e mesmo de interferência, mas a partir do momento em que a situação começa a afetar a vida das pessoas, responsáveis pelo voto, aí acabou. A relação da dependência entre política e economia muda conforme o momento.

Essa relação direta entre política e economia também está presente no cenário mundial?

Sim. Basta olharmos a última eleição dos Estados Unidos, o quanto a vitória de [Donald] Trump mexeu com as economias do mundo inteiro. Essa relação entre política e economia não é uma particularidade do Brasil, mas um efeito da globalização, que faz com que as economias fiquem mais interligadas entre si.

Com relação à discussão de a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) controlar o preço do barril de petróleo, dependendo de sua decisão, pode acabar com os planos da Petrobrás em relação ao pré-sal. O pré-sal é uma reserva de petróleo ultraprofunda que exige uma tecnologia muito mais cara para ser extraída. Isso significa que o custo para tirar cada litro de petróleo da região é muito maior do que para tirar de uma reserva convencional. Uma vez que o petróleo é uma commodity, para valer a pena extraí-lo do local, ele deve valer pelo menos x dólares. Se começar a valer menos que isso, aquilo que a Petrobras vai fazer, por exemplo, pode ser um grande prejuízo. Está tudo muito interligado.

JORNALISMO POLÍTICO E INTERNACIONAL



JORNALISMO POLÍTICO E INTERNACIONAL

Verbete construído a partir da coletiva de imprensa com a jornalista Ana Magalhães

A especialização em jornalismo político, no Brasil, está imersa em muitas manobras no que tange a atuação na área. Isso se reflete na forma em como o tema é tratado pelos profissionais e veículos da indústria jornalística nacional. A cobertura em jornalismo político e internacional sofre com diversos problemas, como a falta de dinheiro e de mão de obra na área.

Isso impacta também na maneira que se traz o tema para a população: a cobertura não é adequada, é ruim, desproporcional, seletiva e enviesada. Selecionam-se determinados temas, que se tornam mais recorrentes, e outros são deixados de lado.

Quando se fala em América Latina, por exemplo, a imprensa é preconceituosa. Em um cenário centrado em notícias da Europa ou dos Estados Unidos, dificilmente os latino-americanos ganham espaço nos noticiários e nas coberturas. No âmbito nacional, as produções feitas sobre os bastidores do Congresso Nacional e do Executivo poderiam ser mais aprofundadas e exploradas; porém, as próprias manobras políticas existentes colaboram para que a abordagem permaneça estática, sem novidades ou provocações.

Ana Magalhães analisa a cobertura política criticamente, identifica que muitos fatos do Congresso que deveriam causar sentimento de estranheza, foram naturalizados, há a carência do olhar fresco sobre o cotidiano que possibilita notar acontecimentos de interesse público.

É comum que os jornalistas de rádio e televisão cubram o Congresso Nacional, ou que sejam designados a cobrir notícias pontuais consideradas relevantes, que muitas vezes, divergem de suas áreas de atuação. Porém, esse tipo de especialização exige do jornalista profunda compreensão do funcionamento do Congresso e jogo de cintura para lidar com os parlamentares.

O profissional que atua com jornalismo político e internacional, depara-se com abrangência de temas, por isso, no atual cenário, ainda faltam

coberturas que sejam mais amplas. De acordo com a jornalista Ana Magalhães, os profissionais atuantes nessa vertente, são pessoas mais experientes, com carreiras já constituídas; ela percebe que quem trabalha com o tema é por gostar e se sentir realizado, por mais difícil que seja cobrir a área.

ANA MAGALHÃES



DO JORNALISMO: QUESTIONAR

Como os encontros e desencontros influenciaram a atuação de Ana Magalhães, jornalista que fortalece um Brasil latino-americano

Por Laura Castanho e Mayara Paixão

“Cresci com minha mãe dizendo: ‘vá atrás dos seus sonhos. Seja idealista’.” E ela foi. Das grandes redações à criação de uma revista digital independente e anti-hegemônica, a jornalista Ana Magalhães, hoje com 38 anos de idade, tem histórias para compartilhar com aqueles que, à sua semelhança, entendem o mundo como algo a ser questionado.

Nascida em 1979 em Minas Gerais, cresceu em um Brasil que via as portas se abrirem para a redemocratização consolidada poucos anos depois, com a perda de legitimidade social e o desgaste político da ditadura militar que assolou o país por pouco mais de duas décadas. Assim como os tempos históricos mostravam, Ana nasceu sonhadora e questionadora. Muito disso tem influência de sua família.

“Meu pai foi preso político, era comunista. Minha mãe foi uma feminista que trabalhou a vida toda. Cresci em um ambiente muito rico, de debate, de questionamentos.” Foi em uma casa onde prevaleciam o discurso comunista e o pensamento na coletividade antes de pensar em si mesmo que a jornalista cresceu.

Não à toa, mesmo que pudesse pagar uma escola particular, o pai de Magalhães preferiu que a filha estudasse em colégios públicos ao longo de seu ensino. “Ele queria que eu tivesse uma formação social”, explica. O objetivo se concretizou. Compartilhar a sala de aula e os ambientes de vivência com pessoas das mais variadas origens e perfis permitiu uma visão social ampla para Magalhães ainda na juventude: “acho que vale mais do que qualquer equação matemática”.

Aos 17 anos, fez sua primeira viagem internacional. Destino: Havana, capital da ilha socialista Cuba. O país que sediou uma revolução popular e cujo povo ainda é exemplo vivo contra o imperialismo estadunidense foi o primeiro destino de Ana por solos latino-americanos. Hoje, não titubeia

em afirmar: os latino-americanos têm muito mais em comum do que pensam.

De volta ao Brasil, decidiu prestar jornalismo. Por dois centésimos de nota, não passou na federal mineira — matriculou-se na PUC do estado, onde se formou no final de 2000.

“Meu sonho era sair da faculdade e entrar numa grande redação”, contou. Isso de fato aconteceu, mas com um resultado diferente do que ela esperava.

Após se formar, Magalhães começou sua carreira no jornal O Tempo, ainda na capital mineira. Foi então que teve sua primeira grande crise, cuja causa só ficaria clara dali a muitos anos. O problema, ela descobriu, não era o jornalismo em si, mas sim a exploração e o autoritarismo vigentes nos veículos tradicionais.

Para ampliar seus horizontes, foi para Madrid fazer mestrado em Ciência Política. Morou lá por três anos, fazendo trabalhos de tradução, dando aulas de português e servindo em bares para se manter. Foi um período de epifanias: “a semente da Calle2 foi plantada ali, em Madrid”.

Como na viagem a Cuba, voltou transformada. Lecionou jornalismo por um par de anos em faculdades mineiras, e, após “uma sucessão de insucessos”, foi parar em São Paulo — logo na redação do Agora, diário popular controlado pelo Grupo Folha. Ao longo de quase seis anos (e muitas outras crises), foi setorista de previdência e, posteriormente, cobriu política e economia pelo jornalão.

O trabalho rendeu muitas viagens a Brasília. “Difícil, mas interessante”, ela descreve. “É um universo muito rico de cobrir, é como entrar no zoológico.” Espantou-se com a normalidade com que os jornalistas tratavam a agenda parlamentar. Para a mineira, faltava “um olhar novo” no Congresso. Assim como nas redações, o assédio lá era uma constante. “No Congresso, ser mulher é horrível. Se você é mulher e jovem, é fato que vai ser cantada pelo cara que está entrevistando.”

Com o advento de sua segunda grande crise profissional, decidiu pedir demissão e começar a Calle2, com o aporte inicial da herança deixada pela mãe. A revista, “quase um projeto de garagem”, foi ao ar em novembro de 2015 com a ambição de cobrir um buraco simbólico: “a imprensa hegemônica cobre muito mal a América Latina. Sempre com um viés dos centros de poder ou dos grandes desastres”.

Magalhães passou o primeiro ano em dedicação exclusiva ao projeto, bancado, também, via crowdfunding. Fez questão de que o acesso a todos os conteúdos permanecesse gratuito devido à falta de importância que os brasileiros dão ao próprio continente. Levou vários 'nãos' ao tentar parcerias comerciais com empresas. "A Calle2 mostra uma América Latina popular pela qual ninguém se interessa muito."

Hoje, a jornalista também integra a redação da Repórter Brasil, mistura de ONG com agência de reportagens dedicada a expor e denunciar situações de trabalho escravo no Brasil. A Calle2 continua ativa, com o auxílio de freelancers na gestão da parte financeira e administrativa. Aqui e ali, Magalhães encontra atalhos para dar vazão a seu idealismo.

ENTREVISTA COM ANA MAGALHÃES

*Por Letícia Meirelles, Caio Nascimento
e Maria Beatriz Barros*

**“PERCEBI QUE A
MINHA CRISE NÃO ERA
COM O JORNALISMO,
MAS, SIM, COM AS
GRANDES EMPRESAS DE
COMUNICAÇÃO**

Graduada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Ana Magalhães fala sobre o jornalismo dentro e fora das grandes redações, trazendo veículos independentes como alternativas para a profissão.

Fundadora da Revista Calle 2 e colaboradora da Repórter Brasil, Ana comenta sobre a necessidade de se conhecer e de se noticiar bem a América Latina, lançando novos olhares sobre uma região ainda muito evitada e pouco aproveitada pelos brasileiros.

Qual a sua avaliação sobre a cobertura da política no jornalismo brasileiro?

A cobertura política no Brasil é enviesada. Há uma cobertura ideológica por parte do veículo e o trabalho jornalístico no Congresso Nacional no Brasil é muito fraco por falta de braço.

Quando eu cobria política e Previdência Social, comecei a entender sobre esse assunto e percebi que é necessário estar fisicamente presente no Parlamento para compreendê-lo. Todas as negociações que há por trás das decisões são muito particulares, inclusive ninguém sabe ao certo quais são os trâmites que determinam a aprovação de um projeto em Plenário. Há muitas situações acontecendo e a imprensa pinça poucas pautas por falta de repórter.

O Congresso é um lugar cheio de manobra nas votações e, muitas vezes, a grande imprensa toma uma rasteira do próprio cenário político.

Para cobrir o Legislativo com qualidade, é necessário ter pelo menos três repórteres setoristas, e eu duvido que alguma grande redação tenha, hoje, esse montante. Entre a década de 1990 e o começo dos anos 2000, a Folha de S. Paulo tinha cerca de quatro jornalistas na Câmara dos Deputados e no Senado, um no Supremo e outro no Executivo. O número é escasso atualmente, e eu acredito que a sociedade como um todo tem que ficar mais atenta, sobretudo em tempos temerosos como o de agora. Os veículos de comunicação fiscalizam muito mal os poderes.

Como foi o processo da sua formação na graduação?

A Graduação na PUC de Minas era bastante diferente das Universidades Federais. O curso era um pouco mais técnico e tinha uma formação muito mais voltada para o mercado, enquanto que a UFMG, por exemplo,

tinha um ensino mais acadêmico e aberto aos debates. Normalmente, o aluno da PUC saía um pouco mais preparado para começar a trabalhar. Eu não sei se isso é bom ou ruim, mas eu acho que a minha veia questionadora não vem da minha graduação. Sou uma questionadora por natureza, eu nasci e fui criada assim.

Quais eram os seus sonhos ao longo da graduação?

Entre no jornalismo sonhando em mudar o mundo, o que não é nada fácil. O meu grande sonho era sair da faculdade e entrar em uma grande redação de jornal diário e impresso. Concretizei essa vontade, mas percebi que não era nada do que eu imaginava.

Assim como muitos colegas de profissão, eu sou muito idealista. Muitos adolescentes com esse perfil entram em Jornalismo, e é difícil largar essa postura. Mas isso se torna maleável com o tempo. Afinal, é possível fazer bons questionamentos trabalhando numa grande empresa. Por esse motivo, hoje acredito que tem como fazer um bom trabalho e mudar o sistema estando dentro dele, alterando pequenas lógicas, propondo negociações e aplicando mudança no dia a dia. É necessário ter um jogo de cintura muito sábio.

Você comentou que teve uma crise em relação ao jornalismo. Que crise é essa?

Eu percebi que a minha crise não era com o jornalismo, mas, sim, com as grandes empresas de comunicação. E eu sei muito bem o porquê disso: muitas corporações são desrespeitosas com os direitos trabalhistas. Elas também são mal gerenciadas e os diálogos, debates e troca de informações são muito escassos. Não há um espaço para questionamentos.

Na minha carreira, a Repórter Brasil foi a primeira empresa jornalística que respeitou as Leis do Trabalho com completude, e foi nela que entendi que as grandes corporações são quem alimenta minha tensão para com a profissão. Eu sempre fui muito crítica a esse modelo de negócio em que o jornalismo vive, mas creio que alternativas como a Repórter Brasil podem gerar uma melhor visão de trabalho futuramente. Muitos jornais vão ter que se reinventar, e só a partir disso que vamos ver se eles vão conseguir um modelo alternativo, sustentável e independente. Eu sou otimista: vivemos em tempos nebulosos, mas são desses momentos que surgem as inovações.

Houve um episódio curioso seu com o Lula, você poderia falar sobre ele?

O Jornal Agora é muito focado em Previdência Social, ele tem um público leitor, em sua maioria, de aposentados, e eu era repórter desta área. Esse é um tema que mistura economia e política magistralmente.

Isso aconteceu, se não me engano em 2010, ano eleitoral, e o Congresso deu uma rasteira no Lula. Os parlamentares estavam para aprovar, por marketing político, um aumento para os aposentados superior à inflação. e esse assunto gerou uma grande polêmica. Os jornais não falavam muito sobre e eu já estava por dentro da Previdência há muito tempo. Essa medida tinha um grande impacto no orçamento público e, quando a Câmara a aprovou, a imprensa começou a abordar o tema, questionando se o aumento seria sancionado pelo então Presidente. Em meio a isso tudo, Lula foi a um evento para grandes empresários em São Paulo e eu fui também com a missão de lhe perguntar se ele aprovaria a emenda, por mais que eu imaginasse que ele não me responderia.

Nesses eventos, os repórteres sempre armam um púlpito com seus microfones. Eu queria ficar na linha de frente e eu me preparei para isso. Foi uma loucura. Tinha cerca de cinquenta jornalistas atrás de mim e todos estavam se empurrando. O cameraman mandando eu me abaixar porque eu estava na frente da câmera e eu falei:

— Amigo, eu quero entrevistar o Presidente. Não vou falar com ele agachada. Levante a sua câmera.

Todos estavam agitados e, de repente, eu vi o Lula saindo da reunião. Ele estava distantes e os repórteres que estavam atrás de mim o chamava em voz baixa.

— Ô presidente, ô presidente! — e eu pensava: “o Lula não está ouvindo vocês”.

Então eu, que tenho uma voz baixa, não tive dúvida e o chamei com um grito:

— Ô Lulão! — na hora ele parou, olhou para mim e eu o chamei para uma entrevista aos berros, mas ele virou as costas e entrou no carro.

Aí eu o xinguei mentalmente. Eu paguei mico, berrei no meio de cinquenta jornalistas e ele foi embora. Eu não acreditei, mas me conformei. Tinha feito a minha parte: chamei o presidente de Lulão e eu podia chegar na redação tranquila. Até que veio a surpresa. Ele saiu do carro e falou:

– Vocês me chamaram de Lulão e eu decidi vir aqui.

Aí começou uma batalha de vozes. Todos que estavam ali disputaram a atenção do Lula por gritos e como eu estava na linha de frente, consegui fazer a minha pergunta:

– Presidente, por favor, o Senhor vai ou não vai sancionar esse aumento superior à inflação? – e ele:

– Ô minha querida, eu vou pensar com todo carinho nisso à noite, na tranquilidade da minha casa”.

E foi isso. Voltei para a redação sem notícia, sem manchete, mas tenho história para contar e para rir no boteco.

Como foi a influência da sua família não só para sua formação como comunicadora, mas também para o que você acredita?

Ana: Foi muito forte, porque eu cresci com o discurso comunista dentro de casa. Ensinaram-me o quão importante é pensar na coletividade antes de pensar em si mesmo. Cresci com a minha mãe mandando eu correr atrás dos meus sonhos e ser idealista.

Minha família sempre foi muito privilegiada e o meu pai é um cara de classe média alta. Na década de 80, ele me pôs para estudar na escola pública por idealismo. Ele queria que eu tivesse uma formação social e isso mudou muita coisa. Eu poderia ser uma patricinha de escola particular, pagando uma mensalidade de 3 mil reais, mas não era isso que ele queria. Onde eu estudava era do caralho. Eu fazia o meu horário, não tinham controle de frequência e eu podia ficar no boteco jogando truco para chegar no final do ano e tomar pau nas aulas.

Eu ficava no boteco jogando truco, mas eu chegava em casa e estudava, porque eu gostava de ler e estudar. Os meus colegas tomavam pau, mas eu não. E isso pauta muita coisa. Ter estudado nessa estadual central de Belo Horizonte, onde eu podia entrar às 10h da manhã e perder os dois primeiros horários para ficar na cama dormindo, me deu uma grande autonomia para aprender coisas do meu interesse que fugiam do currículo escolar. Ter sido aluna de escola pública por quase a vida inteira foi um grande diferencial para construir uma visão social.

Quando eu era adolescente e disse que queria fazer jornalismo, meu pai me contrariou, ironicamente. Mesmo sendo de esquerda (hoje ele não

é mais de esquerda), inteligente e super culto, ele me deu uma destoadada: “não sei se isso é para você”. Anos depois, quando ele me viu realizada no jornalismo, mergulhada na profissão e correndo atrás, ele me pede desculpas: “acho que eu errei... você é uma boa jornalista”.

Você comentou que falta braço no jornalismo responsável por cobrir o Congresso, mas creio que falte estômago. Será que os jornalistas estão realmente preparados tanto para entender o que acontece ali?

Eu acho que o jornalista costuma entrar no mercado muito despreparado. Quem cobre o Congresso geralmente gosta de produzir pautas lá. Muitos cobrem política há um bom tempo e sabem se virar. Nas vezes que eu visitei o órgão, vi jornalistas muito bem preparados que, inclusive, entram no jogo dos parlamentares: dão tapinha nas costas do deputado, conversam em off, constroem todo um jogo de cintura ali. São profissionais muito bem preparados, e costumam ser os melhores jornalistas de política: mais velhos e experientes.

O que eu realmente sentia falta era de um olhar novo no Congresso, sem vícios dos repórteres habituados. Existem dinâmicas cotidianas normais para alguém que está lá todo dia, mas que são estranhas para quem olha de fora. Tem coisa naquele meio que geraria revolta no cidadão. Muitos políticos, por exemplo, não vão às sextas-feiras. O público leitor não acha isso normal.

E eles têm, sim, estômago. Por mais que você receba cantadas, veja lobistas e intrigas, quando olhamos para o âmbito jornalístico, pode-se afirmar que é divertido cobrir Congresso. É um universo muito rico para ser coberto; é como que entrar no zoológico, com os macacos brigando.

Salvo as raras exceções, quem cobre o Congresso é a nata do jornalismo político brasileiro.

Como é ser mulher no jornalismo e, principalmente, no jornalismo político?

A.M.: Nas redações tradicionais, os cargos de chefia são majoritariamente ocupados por homens, mas olhamos para o jornalismo independente, o cenário é invertido: as mulheres são as chefes. Acredito que isso mostra o quanto o mundo está mudando para melhor, apesar de vivermos em uma conjuntura bem estranha neste exato momento. Pessoalmente,

eu não vivi nenhuma situação constrangedora dentro da redação, mas por parte das fontes. Agora, de fato, no jornalismo independente o cenário é outro. O espaço que as mulheres não tem na grande imprensa, temos na mídia alternativa.

Já no Congresso, ser uma mulher jornalista é absolutamente horrível. Somos cantadas pelos políticos o tempo todo, não é fácil lidar com isso. Acho que isso vai ser bem difícil de mudar.

Como você acha que a grande mídia influencia na concepção de o brasileiro não se sentir latino-americano?

Ana: A grande mídia, no geral, é muito preconceituosa. Talvez ela esteja um pouco mais atenciosa agora, com os movimentos de igualdade e redes sociais. Mas a pouca e enviesada presença da América Latina nos veículos brasileiros é bastante responsável por esse não sentimento latino-americano que temos. No entanto, eu acho que existam também outros fatores, afinal a imprensa é um reflexo da sociedade. A questão geográfica interfere bastante. Nossas maiores cidades estão a maioria no litoral, mais longe de nossos vizinhos, e o Brasil tem um mercado interno muito poderoso, então acabamos um pouco isolados nos nossos hermanos.

Em qual momento da sua vida foi despertado esse seu interesse pela América Latina?

Ana: Eu me apaixonei pela América Latina quando eu tinha 17 anos e eu fui para Cuba, pela primeira vez. Foi o primeiro país latino que conheci. Quando cheguei em Havana, falei: "Uau! Eu quero morar aqui". Cuba é um prato cheio para fotógrafos, a capital é muito conservada, histórica, com um capitólio no meio, o mar batendo, é incrível!

Poucos anos depois fui para Madrid, e costumo dizer que a semente da Calle 2 foi plantada lá. Na minha sala de mestrado, 80% dos alunos eram latino-americanos, e eu acabei ficando bem próxima deles. Era muito engraçado quando saíamos, porque eles conheciam a música, a literatura e o cinema dos países uns dos outros, e eu ficava perdida, apesar de me considerar razoavelmente bem entendida.

E tem outra história. A minha primeira babá era paraguaia. Teresa era do Paraguai, então quando eu tinha 4 anos de idade eu falava "la luna" e claro, também acho que a primeira raiz da Calle 2 vem da Teresa.

E o contrário? Seus amigos latino-americanos conheciam a cultura brasileira?

Eles conheciam mais da cultura brasileira do que eu da América Latina. Um pouco mais porque Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento eles conheciam. Eles conheciam Jorge Amado e Guimarães Rosa, por exemplo. Eu concordo que eles também não são grandes entendedores do Brasil, mas eles sim, conhecem um pouco mais, principalmente pelo fato de o Brasil ser um país muito grande e ser a maior economia na América do Sul.

Na média, o Brasil é muito ignorante com a América Latina e isso não é uma culpa nossa, minha e tua, é uma culpa do sistema, da cultura que a gente está criando. A gente não estuda a América Latina na escola. É muito triste a gente saber quem que é Tiradentes e não saber quem é Tupac Amaru. Eu acho que o Brasil precisaria dar uma chacoalhada para mudar um pouco esse cenário, sem contar que a elite brasileira sempre foi muito preconceituosa com a América Latina. Ela quer ser igual aos nova-iorquinos e aos parisienses; a elite brasileira sempre olhou para a Europa e para os EUA, mas nunca olhou para a Bolívia, para a Colômbia, ou até mesmo para a Argentina.

Não há uma admiração recíproca. Por que será dessa grande admiração pelo Brasil? Acho que a questão da música e do futebol são muitos simpáticas. O futebol brasileiro é conhecido no mundo inteiro e de fato temos muita boa música e isso é preciso ser dito: a música brasileira é internacionalmente conhecida e o futebol também. E esses são dois assuntos muito simpáticos, então o brasileiro viaja para a América Latina e é sempre muito bem recebido.

[Mas] acho que o brasileiro tem que baixar um pouco a bola. Somos muitos legais, temos excelente futebol, muito boa música, muito boa comida, somos muito hospitaleiros como os demais latino-americanos, mas a América Latina é foda. Vale a pena conhecer, vale a pena viajar, vale a pena ler outros escritores.

Você comentou que a Revista Calle 2 não teve retorno financeiro. Em algum momento você pensou em como fazer da revista algo lucrativo?

Depois que eu li o livro do Alexandre [Barbosa - A Solidão da América Latina na Indústria Jornalística Brasileira], eu entendi que eu fui ingênua. Quando bolei a Calle 2, eu achava que eventualmente eu poderia conseguir uma grana com anúncios e avaliava, inclusive, a oportunidade de fazer um crowdfunding e pedir dinheiro para o leitor. O conceito de pagar pela notícia ou de fazer um pay all, ou seja, você lê dez matérias na Calle 2 e a décima primeira você não lê, tendo que pagar por ela, eu nunca gostei porque, para mim, abrir um projeto sobre a América Latina necessariamente tinha que ser de graça, já que o brasileiro não se importa muito com a América Latina.

Aliás, eu demorei anos para ter coragem de soltar a Calle 2, de pedir demissão, investir na Revista; eu demorei 3 anos nesse processo, porque a pergunta que eu me fazia era: mas o brasileiro quer mesmo ler sobre a América Latina? Eu quero que o brasileiro leia sobre a América Latina, mas quem sou eu? Eu sou uma idealista louca filha de um pai comunista. Fiquei 3 anos com essa pergunta na cabeça.

Eu sempre bolei que tinha que ser de graça, mas ingenuamente, até mesmo pelo meu idealismo que às vezes me coloca em furadas, eu achava que algumas empresas poderiam gostar de associar o seu nome a essa ideia latino-americana, mas o buraco é muito mais embaixo, não é tão simples.

A minha ideia original era fazer alguns crowdfunding, que é um financiamento voluntário, ao invés de ir tentar uma prospecção com empresas, patrocinadores mesmo, grandes marcas. Publicar na internet não é tão caro e, de fato, quando a gente fez um crowdfunding para a Calle 2, depois de uns 6 ou 7 meses de operação, foi legal, me surpreendeu. Eu morria de medo que não desse certo, mas eu vi também que a Calle 2 tem uma audiência relativamente pequena, mas é uma audiência que gosta muito: é do cara que é engajado e isso vale ouro para a gente. O nosso leitor, mesmo não tendo dinheiro doava lá 20 reais e que lindo que é isso.

Não tenho nenhuma vergonha em dizer que a Calle 2 é um projeto de garagem, feito com todo amor, dedicação e esforço do mundo, mas ela é pequenininha, não tem sede. Enfim, a Calle 2 mostra uma América Latina popular que ninguém se interessa muito por ela, a não ser eu, você, três gatos pingados ali e o Alexandre.

A Repórter Brasil e a grande maioria dos veículos de jornalismo independente hoje na América Latina vivem ganhando editais internacionais, financiadores internacionais. 100% do dinheiro que a Repórter Brasil ganha para agência de jornalismo é de editais internacionais para projetos específicos, não são entidades que financiam a Repórter Brasil institucionalmente, mas financiam projetos.

Então, quando eu entro na Repórter Brasil, eu começo a entender melhor esse mundo dos editais e começo a achar que a Calle 2 tem que entrar ali também e inclusive como já fizemos no nosso primeiro projeto, um projeto pequeno, para fazer uma única reportagem, mas que é longa, ou seja, tem que mandar uma equipe grande para um lugar, tem que mandar fotógrafo, repórter, videomaker, é caro. Então a gente pede um valor para fazer essa reportagem, que é mais de peso investigativa, e essa é uma outra porta por onde eu quero levar a Calle 2.

Como você conciliou a Repórter Brasil com a Calle 2?

Eu confesso que está um pouco difícil, mas eu contratei um colega para ser um editor na Calle 2 eu pago ele quase que do meu bolso, mentira! Eu estou pagando com o dinheiro do crowdfunding e ele edita os textos, então me sobra um tempo, mas eu continuo como uma coordenadora da Calle 2.

Eu também decidi nesse ano, e não tem a ver com a Repórter Brasil, mas sim com uma decisão de tentar outros caminhos para a Calle 2 que é o de reduzir um pouco o ritmo de publicação. A gente começou publicando 3 textos por semana, depois 1 texto e hoje a gente tem publicado menos de 1 texto por semana, a gente deve publicar uns 2 textos por mês. Eu sei que é um pouco triste, mas eu também estou testando um novo jeito de fazer a Calle 2 caminhar, eu também não tenho muita certeza se vai dar certo, mas é isso, vamos tentando que um dia chega lá.

Como você vê esses movimentos mais engajados com a política? Quais são suas perspectivas para esses movimentos sociais no Brasil?

Isso está muito relacionado com o que eu estava falando sobre olhar com otimismo. Quando eu tinha a idade de vocês, essa efervescência social de movimentos não existia, era um mundo sem isso e hoje esses movimentos estão aí fazendo barulho e colocando tudo para quebrar. Eu

acho que as instituições que não estiverem abertas para escutar o que esses movimentos estão dizendo, quais suas insatisfações e lutas, ficarão em uma situação bem delicada. Inclusive, é essa a análise que eu faço sobre a imprensa: a grande imprensa, aquele editor machista e tradicional que está ali dando um título para uma matéria sobre a vulva perfeita, vai se ferrar se ele não começar a ficar mais esperta e começar a escutar o que esses movimentos populares e sociais estão trazendo.

Acho que há uma certa pulverização do poder da comunicação, o que que é muito positivo. O mundo hoje é muito diferente, eu preciso que vocês façam um exercício de imaginar como era o mundo sem rede social e ele foi a maior parte do tempo assim. As coisas viravam fato quando eram publicadas no jornal, se não saía não tinha acontecido, e hoje não é isso. Você pode protestar, viralizar e virar um grande movimento na internet, então de fato as redes sociais pulverizam um pouco o poder da comunicação e isso é muito bom, eu acho que é por conta disso que o movimentos sociais estão aí fortalecidos fazendo e acontecendo e eu tendo a achar que políticos e instituições tradicionais que não escutem esses movimentos vão se complicar.

Por um outro lado a gente também vive um momento muito chato que é uma guerra narrativa. Eu acho que a parte perigosa disso tudo é o extremo, quando a gente começa a ver movimentos publicando grandes mentiras e grandes manipulações nas redes, então a vantagem das redes sociais é realmente pulverizar esse poder da comunicação, mas também há como tudo na vida, o maior problema disso é um excesso que a gente vê movimentos como o MBL disseminando grandes mentiras e fazendo um estrago. Isso chega em um monte de gente e as pessoas acreditam mesmo. Então é delicado, é uma faca de dois gumes e acho bem complicado para onde essa parte extrema vai.

Depois de analisar esse cenário, como você enxerga a América Latina a esse respeito?

O cenário é parecido, eu tenho acompanhado muito, e digo que eu leio mais o jornalismo independente latino-americano do que o tradicional, eu acompanho no twitter esses veículos, entro no site deles com alguma frequência. Acho que o fenômeno é muito parecido: eu tendo a achar que

as melhores reportagens estão sendo feitas tanto no Brasil quanto na América Latina são de imprensas independentes.

A Repórter Brasil lançou dois especiais recentemente que chama "Campo em Guerra" e fala sobre umas chacinas que teve no Pará com trabalhadores rurais, um ataque a indígenas no Mato Grosso, é um especial com multimídia sobre esse ataque a pessoas do campo, um puta material, bem escrito, bem apurado, bem feito. Recentemente nós lançamos uma reportagem bem legal por sinal chama "100 Anos de Servidão" e a repórter faz um texto fazendo uma alusão ao primeiro parágrafo de 100 Anos de Solidão, contando a história dos caras que trabalham com piaçava na Amazônia e que estão há gerações em um ciclo de servidão por dívida, trabalho escravo. Enfim, voltando, sim, acho que os veículos independentes latino-americanos estão fazendo um muito bom trabalho, como no Brasil também, eles estão se destacando.

Você poderia indicar algumas iniciativas de jornalismo independente nos países latino-americanos?

Tem o Ojo Público (peruano), tem um colombiano que chama La Civia Vacina. No início desse ano houve um grande escândalo com o presidente do México que descobriram uma casa milionária que a mulher dele teria ganhado de uma empresa que estava se beneficiando do governo. Quem deu essa informação foi um jornalista de um veículo independente. Então os caras estão fazendo um bom trabalho e o cenário é bem semelhante com o do Brasil: novos veículos, mais conectados, abertos, horizontalizados na gestão deles, mais próximos do leitor, estão fazendo muito bom jornalismo investigativo e normalmente com apoio de gente de financiamento internacional.

O Ojo Público mesmo ganhou vários prêmios de jornalismo investigativo recentemente e um dos financiadores dele é a Ford Foundation. Eu acho que o Ojo Público é um dos melhores, eles são peruanos, claro que eles acabam fazendo muita coisa sobre o Peru, então a gente fica meio por fora, como nesse caso da investigação da evolução patrimonial dos os juízes peruanos. Mas é interessante jornalisticamente o que nuestros Hermanos estão fazendo e fazendo coisas novas, coisas mais multimídia mesmo, com design mais transado, acho que tem muita coisa boa aí.

CRÔNICAS

APRESENTAÇÃO

Por Barbara Cavalcanti, Bárbara Reis, Barbara Cavalcanti, Bruna Nobrega, Jasmine Olga, Laura Raffs e Lázaro Campos

A crônica promove a intersecção entre jornalismo e literatura ao fazer um relato poético do real. Aqui temos textos do gênero que nomes como Machado de Assis e Nelson Rodrigues eternizaram no Brasil.

A pré-definição de temas quase nos fez acreditar que, durante as crônicas, leríamos mais do mesmo. Que engano. Em 36 textos temos de tudo: as lembranças do passado, os questionamentos atuais, as esperanças do futuro. Lemos também histórias do dia-a-dia, divagações de momentos, episódios que duram até hoje. Todos relacionados ao jornalismo.

O conteúdo deste caderno é dividido em sessões dedicadas às especialidades jornalísticas trabalhadas nas entrevistas realizadas pela turma durante o semestre (esportivo, econômico, político e cultural). Há também aquelas dedicadas ao cotidiano, à formação universitária e ao ofício.

POLÍTICA

MAIS UM SOBREVIVENTE MORTO NO MEIO DO CAMINHO

Por Caio Nascimento

Viver nem sempre é como a gente quer. Quando Lina tinha dezoito anos, alarmou a casa todinha com a notícia de que havia passado na Universidade para Jornalismo. Eu ainda não era nascido, mas minha tia-avó rememora o dia com um sorriso no rosto até hoje.

Quando nasci, ela tinha 32 anos e já era jornalista formada. Noites e noites a via chorar para limpar as manchas de cansaço acumulados à volta dos olhos em noites mal dormidas de reportagem e apuração. Lina sentia falta dos filhos e dizia não ser uma mãe presente. Mas a intelectualidade gerava delírios dentro de si. Cobria política e vivia em meio aos homens amargos que ocupavam o que era para ser a Casa do Povo, em Brasília, e seu quarto era emoldurado por imagens do chefe boliviano das guerrilhas, Coco Peredo. Meu avô gostava dele, e ela ia na onda. O delírio “foca” daquela mulher ocupava o mundo das notícias. E era tão intenso. No comecinho de 2016, Lina mergulhou de cara num escândalo da cidadezinha de Rosana, no interior de São Paulo. Foi descoberto que cafetões deslumbrados por cometer pecados arrendavam mulheres à sanha de vereadores famintos por alimentar seus pintos com o dinheiro público. E Lina investigou perplexa a verdade esquecida sob os colchões de motéis.

Pois bem, Lina foi uma heroína que encontrava remédio para todos os males do mundo, mas nem tudo que reluz é ouro.

Num passaralho, perdeu o emprego e desiludiu-se com a profissão. O mundo dizia-lhe sobre dor e sofrimento. Três filhos para criar e uma avó doente eram a cifra prejudicada. Empregou-se numa Câmara de Vereadores dos arredores metropolitanos e não mais tinha estômago para aguentar o delírio melancólico e autoritário do seu novo espaço de trabalho. Não era ali o seu lugar, e seu sangue nos olhos pela reportagem passou a bater de frente com o conservadorismo de quem lhe outorgava ordens. Isso a machucava.

E quem não se machuca? O sonho de quem vive momentos áureos do jornalismo está em narrar e emocionar; avançar e ganhar espaço. A dor

de quem recua sem brecha de mudança é desalentador. Aliás, escrever não é ofício de cobra criada. Os nervos de quem faz o que gosta se esticam como cordas de violino e a busca pela informação vem à flor da pele. As sensibilidades aguçam a mente. Mas, para Lina, tudo agora não passava de uma realidade poluída e dura. Textos mal apurados e acovardados por releases nutriam a sede insaciável de um leitor desalento que cai em qualquer publicação mequetrefe de Facebook.

Não sei o que diriam as más línguas do jornalismo preguiçoso sobre isso, mas a aridez das leis quadradas nunca atendeu aos anseios da mulher vislumbrada com a luta de Coco Peredo. A empatia da boa repórter e o fogo ligeiro de seu temperamento fervil foram tomados pelo desprendido e flácido jeito de tratar as coisas: sem propósito.

Tive um dedo de prosa com uma jornalista sonhadora que narrou sua visita às terras de Che Guevara com apenas 21 anos, e ela disse que hoje falta braço para cobrir política no Congresso Nacional. Num cenário político caótico, a barbárie toma conta. Mata, engole e cospe. Uma infinidade de assuntos correm no antro de serpentes do parlamento e a cobertura jornalística às moscas. Que vergonha... imagino o rebuliço que Lina faria ali! Mas o dia corre, chega a noite e nada muda. A queda do jornalista é longa e muitos sentem a dor, mas ninguém se importa. Parlamentares sentem-se livres no ar, por mais que o mundo exploda debaixo deles e assim fica. A República é dos canalhas, e a overdose de reportagens contestando a patifaria política intensa não bate mais na cara de quem merece. Foi-se o tempo e Lina é um sintoma disso. O brilho se esvai, o propósito acaba e a utopia latente no peito de uma repórter é silenciado por um mercado cruel em crise desde os seus primórdios.

Mais um sobrevivente morreu no meio do caminho. Quem será o próximo?

ERA UMA VEZ UM ÔNIBUS CIRCULAR

Por Juliana Meres

Era uma vez um ônibus circular cinza, que era de uso comum a todas as pessoas que transitavam pela USP. servia aos estudantes, funcionários, professores e a todos aqueles que quisessem desfrutar dos espaços e das atividades da Universidade. Palestras, grupos de estudo, museus, apresentações de trabalhos acadêmicos e até mesmo o Hospital Universitário podiam ser acessados gratuitamente por qualquer um com a ajuda do cinza. Ele não ia até o metrô, circulava restritamente dentro do campus; demorava para passar e vivia cheio, não em razão de sua existência, mas do número limitado de veículos e do constante menosprezo à sua manutenção por parte dos dirigentes. Até que a Universidade decidiu que era melhor pagar a uma empresa para realizar o transporte pelo campus, alargando o trajeto original até o metrô Butantã. Surgiu o ônibus circular laranja – representado pelas famigeradas linhas 8012 e 8022 – gratuito apenas para a comunidade USP.

No início, o discurso da reitoria era o de que seriam mantidos os dois circulares, o cinza e o laranja, para que continuasse aberta a possibilidade de as pessoas de fora da USP usufruírem da Universidade, que é pública, e também para atenuar a superlotação do transporte interno. Entretanto, após a greve de 2014, a reitoria desferiu o último golpe e extinguiu o cinza, que hoje é apenas mitológico e vive na memória dos frequentadores mais antigos da cidade universitária. O fim foi paulatino, provavelmente pensado assim para evitar atritos com a comunidade acadêmica, e para que um dia os calouros nem soubessem mais da existência desse meio de transporte. A comunidade uspiana tornou-se refém do laranja. A superlotação permaneceu intacta.

Embora tenha ocorrido alguma melhoria na frequência dos ônibus, ela ainda não é suficiente para dar conta do contingente de passageiros. Quem pega o circular no ponto da CPTM de manhã, por exemplo, tem de enfrentar uma guerra para subir no veículo, que já vem cheio desde o Butantã.

Os horários mais críticos são entre 7h e 8h da manhã e 6h30 e 7h30 da noite, quando alunos e alunas se espremem para conquistar um espaço livre no ônibus. Na esperança de comparecerem à aula pontualmente, chegam a esperar mais de uma hora na fila para adentrar no laranja.

A matemática é simples: após a inauguração da estação da linha amarela que liga a USP ao transporte metroviário, em março de 2011, o número de usuários do circular aumentou exponencialmente, claramente em escala maior do que a oferta de veículos poderia suportar. Não à toa, ambas as linhas que hoje operam no trajeto USP–Estação Butantã estão entre as mais lotadas de São Paulo, transportando quase o dobro de usuários em comparação à média de passageiros das demais linhas da cidade.

Talvez mais alarmante, porém, seja o caso dos membros da comunidade externa à USP, que dependiam do cinza para chegar ao Hospital Universitário gratuitamente e hoje são obrigados a desembolsar o valor da passagem, ou percorrer um longo trajeto a pé para chegar ao destino. Na atual situação de constante corte de verbas destinadas aos serviços de permanência estudantil, é bem difícil de se imaginar um cenário possível em que o cinza renasça das cinzas.

No entanto, é importante lembrar a sua existência e certificar os novos membros da comunidade USP de que o cinza não foi apenas mais um mito da Universidade. O cinza foi real, ele circulava pelo campus Butantã e havia linhas que inclusive chegavam até o campus da USP Leste: alguns de nós viram esse fenômeno acontecendo. Ao contarmos histórias sobre o antigo circular, podemos evitar que a tentativa de destruição da memória de nossa Universidade se concretize e garantir que, a cada novo ano, os calouros saibam o que era nosso, o que nos foi tirado e o que pode ser recuperado.

CUBANO E AS REVISTAS

Por Laura Castanho

O nome de batismo era Wagner Parra, mas todos o conheciam como Cubano. O apelido veio da política: militante de esquerda havia muitas décadas, o tiozinho de meia-idade mantivera seus ideais mesmo após a queda na popularidade do projeto petista para o país — fato que o fez perder alguns amigos de longa data.

O Cubano (com o agravante de às vezes usar boina) era dono de uma das três lojas de vinis de Santos que sobreviveram ao advento do CD, do download e do streaming. Eu o via com sua esposa, idade semelhante e cabelos pintados de roxo, quase toda semana, quando o dinheiro que eu tirava dando aulas de inglês sobrava para gastos que não fossem a cantina da escola. Comprei meu primeiro disco lá, um usado *Dark Side of the Moon* que ouvi muitas vezes antes de vender para juntar dinheiro novamente.

Ele não era de falar muito, ao menos não comigo. Testemunhei vezes em que se tornou imediatamente expansivo à vista de um companheiro (identificável pela barriga de cerveja, camisa listrada e bermuda cáqui). Me deixava livre para mexer no que quisesse, e às vezes surgia do nada com sugestões de livros e vinis prontamente em mãos.

Uma vez, esqueci minha bolsa lá — carteira e tudo — e ele ligou para cada um dos contatos do meu celular perguntando se eu estava por perto, para que fosse lá buscar. Deu certo. Duas horas depois, uma amiga que estava comigo atendeu e saímos correndo até a lojinha, que ficava no primeiro andar de um edifício misto. Assim que ele me viu, jogou a mochila pela janela, um sorriso no canto da boca. Não disse nada.

E há mais uma coisa: uma vez por ano, o Cubano tinha a tradição de colocar um exemplar da revista *Veja* na escadaria da loja, com uma placa convidando o interlocutor a “pisar nas mentiras”. Fazia isso desde as eleições de 89, se não me engano, após uma capa particularmente ofensiva a um Lula ainda muito sindical. Pois bem: era divertido fazer aquilo,

e hilário ver estranhos se alternando na destruição da revista, cada um de seu jeito.

Corta para 2017. Estou em São Paulo, no quarto semestre de jornalismo e correndo atrás de um estágio na área. Me inscrevo em todos os processos seletivos à disposição, inclusive o da Editora Abril. A ironia: em algumas semanas, recebo um e-mail me convidando para ir à redação da Veja para uma "entrevista com o gestor" da revista.

No desespero por trabalho, respondo à mensagem confirmando que irei – mas o dilema dá voltas na minha cabeça durante muitos dias. Ir ou não ir? É isso o que eu quero para mim? Aliás, quem sou eu? Mesmo com uma visão menos maniqueísta da mídia da que eu tinha aos 15 anos, a ideia de trabalhar lá ainda me incomoda.

Chega o dia e eu ainda não sei o que fazer. Penso, penso, penso até que lembro do Cubano e uma lâmpada se acende. Não tenho mais cabelo raspado, piercings e nem banda, mas tampouco mudei de lado de lá para cá.

Para um problema adolescente, uma solução juvenil: não desmarco nem apareço na Abril para a entrevista. Ignoro as ligações e o e-mail na minha caixa de entrada. Faço outras coisas.

A pequena transgressão me custou um emprego em potencial, mas por ora estou viva. Gosto de pensar que o Cubano, que faleceu há dois anos, está me olhando de algum lugar alto, com o mesmo sorrisinho de canto. E a vida segue.

QUANDO O PONTO ESCAPA

Por Marcella Affonso

"Foi uma costura de caminhos", anotei a lápis em meu caderno, em meio a asteriscos, para não esquecer. Preciso ser honesta e confessar que não tenho certeza se essa foi a frase exata dita pela jornalista Ana Magalhães enquanto compartilhava conosco a história de como havia conseguido criar atalhos dentro do Jornalismo para dar vazão ao seu idealismo, empreitada que a levou à fundação da própria revista eletrônica dedicada ao retrato do cotidiano latino-americano. O fato é que as palavras "costura" e "caminhos" foram faladas por ela, ainda que não juntas, nesse sentido. Não poderiam não ter sido — ao menos, quero acreditar. Ouvimos suas memórias — dentre elas, a que acabo de contar — e planos futuros no fim da noite de uma sexta-feira, durante a última entrevista coletiva do semestre. Ao longo de sua breve apresentação e da sessão de perguntas e respostas que se seguiu, a jornalista falou para os alunos e alunas presentes sobre tudo o que julgou ser pertinente: contou da família idealista em que nasceu e cresceu; da babá paraguaia; da origem mineira e da vinda à cidade de São Paulo; da primeira viagem fora do país na adolescência, à Cuba; da decisão em ser jornalista; da realização do sonho em trabalhar em um grande veículo de comunicação e da frustração seguida de duas grandes crises ao descobrir que não era como imaginava. Enfim, foram muitas palavras ditas — certamente, ao menos uma dezena de milhar —, mas essas duas brilharam tanto em meio a todas as outras que me vi num impulso incontrolável de escrevê-las para poder lembrar depois. Relembrei. Mesmo que não tivesse anotado, lembraria.

Para o dicionário, costura é uma forma de se juntar duas partes, dando pontos entre elas. Não sei costurar, mas imagino que o problema disso deva ser quando o ponto escapa. Uma brecha para todo o resto se desfazer. "Foi uma costura de caminhos." Parece que o tempo da gente se resume a isso, uma costura de caminhos que nos trazem ao agora. As duas grandes crises pelas quais passou, imaginei, devem ter sido os

pontos perdidos entre os caminhos percorridos por Ana. “Quando se perde um ponto, às vezes, é possível recuperar”, lembrei da minha mãe, que bem entende de linha e agulha desde a juventude, dizendo. E, ao que parece, ela conseguiu. Mas e quando o agora parece ser exatamente o ponto que escapou? E quando não se sabe encontrar o erro e tampouco consertá-lo? Eu não sei, e deve ter sido esse o motivo do meu impulso. Talvez deva ter chegado a hora de eu aprender a costurar.

HÁ, TAMBÉM, O QUE NÃO SE VENDE, MARIA

Por Mayara Paixão

Nesta sexta-feira, é dia de *Black Friday* no Brasil. Sexta-feira negra? Não, é *Black Friday* mesmo, se acostume. Minha avó, de origem portuguesa e com seus 63 anos, não consegue de jeito maneira pronunciar o termo. Mas vai atrás das promoções. Ela não está sozinha, é certo.

A cada ano, mais uma sexta-feira de ofertas. As lojas liquidam, o povo compra. Sobre o imperialismo estadunidense a gente pouco reflete. É “mimimi” que falamos, não é? Coisa de ‘esquerdista’. Mas, não tem problema. Vamos às compras, ora. Tudo se vende. A problematização a gente deixa para depois.

Brinquedos para as crianças. Esse foi o foco da família que acompanhei desde às 6h. O jornal queria o perfil de uma família simples. Quais seriam as compras deles e como gastavam seu (pouco) dinheiro na *Black Friday*? Lá fui eu.

Vindos do bairro Jardim Ponte Alta, periferia da cidade de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, seu Zé e dona Lourdes levaram a neta, Maria, junto com eles. A aula da menina, de sete anos, vagou. Falta de professor na rede pública, disseram. Foram para o centro da cidade. Destino: qualquer loja de varejo. daquelas que estariam com as filas quilométricas.

O Natal bate na porta e o avós, de origem humilde, queriam presentear os oito netos – todos crianças, o mais velho com 14 anos e a mais nova, Maria – com brinquedos. “Eles merecem. A gente quer poder dar para eles tudo aquilo que não teve. No Natal passado, não deu pra comprar pra todo mundo, só pros mais novos, que ainda não entendem. Mas esse ano a gente aproveita a promoção”, me contou o seu Zé, se referindo à *Black Friday*.

Diferente dos primos, Maria seria a sortuda. Poderia escolher seu próprio presente. Para os avós, a menina tinha acordado “com o pé esquerdo”. Já era a terceira loja e nada dela escolher a bendita boneca da qual falava que queria há tanto tempo.

Quarta loja, então. Última chance, Maria.

Diferente dos primos, Maria seria a sortuda. Poderia escolher seu próprio presente. Para os avós, a menina tinha acordado “com o pé esquerdo”. Já era a terceira loja e nada dela escolher a bendita boneca da qual falava que queria há tanto tempo.

Quarta loja, então. Última chance, Maria.

— Que tal essa? — perguntou a avó. Dona Lourdes tinha mais paciência que seu Zé.

A menina apenas virou o rosto de um lado para o outro, numa negativa, com os braços cruzados à frente do corpo.

— Mas, filha, olha como é bonita! Olha o vestido dela. E o moço falou que, se apertar a barriguinha, ela fala — insistiu.

O mesmo sinal de negativa.

— Acho que eu já entendi, filha.

Na verdade, a avó tinha entendido há muito tempo. O que Maria passava não era nada que ela já não tivesse sentido.

Maria, como a avó, é negra. O traço do povo que formou os brasileiros estampa a sua pele, o seu cabelo e a sua origem. A boneca, como é de se imaginar, branca — assim como as das lojas anteriores.

— Ô moço, vem aqui. Você não teria uma boneca preta, não? É a quarta loja em que a gente entra, só tem essas branquinhas aqui — perguntou a avó para o vendedor.

— Temos não, minha senhora.

— Mas vocês não têm nenhuma que não seja tão branquela?

Resposta negativa, mais uma vez.

Seu Zé já estava cansado. Não acho que só do dia, não. Cansado de ver essas coisas na vida. “Você tá perguntando demais, Lourdes. Vamos levar essa mesmo. Por isso que a menina está ficando assim. Pergunta de tudo, questiona de tudo. O mundo é assim, tem que se acostumar”, disse para a companheira de tantos anos. Me contaram que, desde o início do namoro, já eram 50.

— Pega essa boneca, Maria. É essa mesmo. Caso contrário, não tem nenhuma — disse o avó. Tenho certeza que lhe doía dizer aquilo.

A menina botou a boneca embaixo do braço. Eles pagaram, foram embora. Compras feitas.

Só se engana quem pensa que ela se resignou. Enquanto o mundo

segue negando, Marias seguem questionando. Há, também, o que não se vende e o que não se representa. Ainda.

Essa não era a última chance, Maria. O futuro grita. E nós nos vemos por aí.



O OFÍCIO

O BARULHO

Por Barbara Cavalcanti

Ana Magalhães, em postura confortável e com ar de quem sabe o que está fazendo, contava sua história magnificamente bem. Confesso que, em meio a tantos pensamentos caóticos, me pegava navegando em vários assuntos aleatórios e voltava para ela como se fosse um jogo de concentração. A culpa não era dela. Cada palavra me fazia lembrar algo tão meu, tão vivo em mim, que extrapolava minha mente e vagava por outras ruas daquela fria Universidade.

"Percebi que a crise não era no jornalismo, e sim em mim", Ana foi certa. Meu pensamento rapidamente voou para aquela sensação terrível. Anos atrás eu sofria com um barulho. Nada médico, nem palpável de sanidade. Aquele danado barulho me dava todo dia, toda hora. Meu dia era digno de um elogio à loucura.

O barulho começava às 7 da manhã e não cessava. Todos os dias, na mesma hora. Como poderia ser tão certo? A cama sabe-se lá qual size já entregava uma preguiça de estar pronto para o mundo. E aquele barulho... Ah!

Café da manhã, banho, escovar os dentes. Alguns estalos no pescoço enrugado, marcado pelo tempo e também pela displicência com a saúde; outro alongamento para as costas, que já sentiram o impacto da vida e... ready to go!

O computador parecia muito maior quando sentado em frente a ele. O simples dever de escrever uma matéria naquela tela fria e inóspita parecia ser a batalha do dia. Teclava, teclava e teclava. Por Deus, por que tão difícil? A gota de suor escorria pela lateral da face e mergulhava salgada na boca fria de quem não sabia o que dizer. Não sentia grande importância para o mundo.

Sem sucesso, a saída era o cigarro. Na grande janela de vidro do pequeno apartamento na Nossa Senhora de Copacabana, observava aquele movimento. Pessoas passavam com pressa, carros se cortavam, moto-

ristas se xingavam. Olhar a loucura aos olhos do louco parecia tão normal e verdadeiro quanto a bituca do cigarro que estava por acabar.

De repente, o barulho. Desgramado barulho! As mãos na cabeça para abafar aquele som irritante. Nada feito. Sempre sabia que era o momento de voltar ao computador. Sentar. Pensar. Observar.

Algumas palavras até saíam e a matéria também. A respiração cada vez mais pesada e a dor emocional de carregar a sensação do vazio da vida nas costas: quem estaria lendo aquilo? Quem daria importância para quem escreveu algo que nem se importam?

O inútil que produz a inutilidade com a obrigação de ser útil para alguém. Existiria alguém? E esse pensamento vingava tardes e tardes ao computador. Lá ia, escrevia, repensava.

Ao fim do dia, a mente repousava tranquila. A sanidade, já perdida há anos, não parecia uma opção agradável. Jornalista deixando de ser jornal, sendo gente. Na cabeceira, alguns anos de solidão e a sensação de andar à deriva, sem afetos, sem ambições, como uma estrela errante no sistema planetário de Úrsula.

Vai saber, todo aquele escuro mais parecia a sombra da Casa Verde recheada de loucos machadianos. Suspiro.

7 horas da manhã. Começava o barulho novamente.

Percebi que a crise de Ana era meu barulho. Para tantas pessoas a crise vem de uma forma menos sutil. Ao mesmo tempo, meu compromisso com o jornalismo me amarrava de uma forma que me via em uma cela com o computador. A crise. O barulho.

Ana resolveu sair de uma grande redação e, hoje, busca um jornalismo mais independente, o qual a torna mais completa. Eu? Algumas doses de Rivotril e eu fiz uma sinfonia.

MULTIPLICIDADE

Por Juliana Lima

O desafio do semestre era entrevistar, no estilo coletiva de imprensa, quatro jornalistas de diversos gêneros: esportivo, cultural, econômico e político. As expectativas eram altas e, claramente, estavam mais depositadas nos convidados que falariam sobre assuntos mais próximos de minha realidade.

Esporte não é e nunca foi um tema familiar ou interessante para mim, mas depois de meses e algumas sextas-feiras gastas na companhia de quatro jornalistas, a frase que mais me marcou em toda a experiência e ainda repercute em meus pensamentos é, justamente, uma dita pelo jornalista esportivo Celso Unzelte: "jornalismo esportivo é, antes de tudo, jornalismo".

A universidade é marcada por um certo saudosismo aos brilhantes tempos do jornalismo que ficaram no passado. Os professores e profissionais com que os estudantes geralmente têm contato, quase todos tiveram carreira "séria": trabalharam para grandes jornais, falaram sobre política, entrevistaram grandes nomes e estiveram presentes em momentos históricos importantes. Os colegas de turma também aspiram, muitas vezes, em ser parte desse jornalismo "oficial", e mesmo os que divergem ainda querem fazer jornalismo para tratar de assuntos importantes para a sociedade.

Dentro de todo esse contexto, não é difícil se sentir perdido. Se você não se encaixa nos clássicos, inevitavelmente se sentirá deslocado e começará a duvidar dos caminhos a seguir, que mesmo depois de algum tempo no curso de jornalismo, ainda são muitos e nebulosos. Admitir que quer trabalhar com cultura, moda ou esporte é ser alvo dos estereótipos de um jornalismo fútil e de menor importância.

A ideia de conversar com profissionais de vários gêneros jornalísticos sempre foi animadora. Poderia ver as mil facetas da profissão e, quem sabe, começar a me identificar mais com alguma delas. Porém, a princí-

pio, não imaginaria que essa identificação, tão necessária para mim, iria acontecer com o jornalista convidado a falar do tema que menos me interessa.

Mas afinal, todo jornalismo é, antes de tudo, jornalismo. Não importa o que digam os estereótipos. O trabalho investigativo, descritivo, interpretativo e analítico é o mesmo. Seja para falar sobre um campeonato de futebol, um conceito artístico ou os trâmites políticos de um país. No jornalismo, há espaço para todos os assuntos. E é possível ser feliz e satisfeito em qualquer caminho trilhado, como se percebe na fala animada e no brilho no olhar de Celso ao falar de sua carreira no jornalismo esportivo.

É esse pensamento de uma noite de sexta-feira que servirá de bateria para mais alguns meses ou anos de convívio com ideias preconceituosas sobre algumas áreas da profissão.

A multiplicidade é característica do jornalismo, ele abarca os mais variados tipos de pessoas e temas. Talvez isso explique por que é possível quebrar expectativas e se identificar com um profissional que a princípio parecia tão diferente. Celso Unzelte sabe bem como lutar contra preconceitos sobre sua carreira; eu ainda deverei aprender, mas agora com um pouco mais de tranquilidade. Afinal, o jornalismo é, antes de tudo, um retrato da multiplicidade do mundo.

VAIDADE, IGNORÂNCIA E SOLIDÃO COMO GANHA-PÃO

Por Lázaro Campos Junior

O trabalho é um radiojornal diário, das 7h30 às 9h30. Isso significa que, enquanto o ouvinte ainda está acordando, ou acaba de sair para trabalhar, o jornalista já está na redação há pelo menos uma hora, preparando os detalhes para o programa. Mas o estagiário só entra às 7h.

Ao chegar à sala de sua chefe, âncora de cujo jornal é repórter, ele se depara com a seguinte cena: ela está ao telefone. Às 7h da manhã. O motivo? Na noite anterior, houve um atentado terrorista. Isso é pauta para o jornal, que transmite seu tema mais importante sempre na faixa das 7h30. A jornalista queria discutir o assunto com um professor universitário.

“Alô, professora?”, diz a jornalista. A pergunta sobre a possibilidade de entrevista é seguida de pausa para a resposta da professora. A seguir veio o pedido de desculpas da jornalista. A entrevista não foi feita porque a docente tivera filho recentemente, estava de licença maternidade e, naquele momento, cuidava do bebê, que chorava. Esse é um exemplo simples, mas que incomoda o estagiário. O jornalista e o jornalismo são desagradáveis.

Noutro dia, para conseguir uma entrevista para um assunto “quente”, o estagiário precisou ligar a um professor de ciência política. Como o telefone estava impresso no papel de um cronograma de uma edição anterior do jornal, o estagiário olhou o número e ligou. O problema é que era o telefone errado. A ligação foi cair na casa de um ex-ministro do governo FHC. Quem atendeu foi a esposa. Eram 7h45 da manhã.

Qual é o tipo de ser humano que liga para um conhecido, pedindo o favor que é a entrevista às 7h da manhã? A entrevista, nos casos citados (e em muitas outras vezes), é um favor. O jornalista depende da fonte. Se não for a entrevista, mas só um compilado de informações, a história que o jornalista precisa apresentar para seu trabalho não é nada além do que qualquer outra pessoa pode encontrar em uma investigação. O jornalista

é esse sujeito que, por ganha-pão, investiga dados e os organiza, pedindo o favor da análise de outros indivíduos mais especializados do que ele. Para isso, tira tempo da vida da outra pessoa para que ela fale, disponha seu conhecimento, e ele possa traduzir isso em um texto assinado. Aliás, fala-se de interesse público, liberdade de expressão. Mas será nisso que os jornalistas pensam quando veem seus nomes assinando uma reportagem?

A jornalista norte-americana Janet Malcolm abre seu livro *O jornalista e o assassino* assim: "Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. [...] Os jornalistas justificam a própria traição de várias maneiras, de acordo com o temperamento de cada um. Os mais pomposos falam de liberdade de expressão e do 'direito do público a saber'; os menos talentosos falam sobre a arte; os mais decentes murmuram algo sobre ganhar a vida."

A ideia de Malcolm é a de que o repórter nunca tem a intenção de colaborar com a fonte na história mas sim, de contar sua própria história. Isso vai totalmente contra a impressão de que o profissional da imprensa é amigável e interessado em entender o lado do entrevistado. Na verdade, ele se aproveita da vaidade, da ignorância ou da solidão de quem entrevista, enganando e traindo sua confiança. Lembre-se de que isso é feito depois do favor concedido pelo interlocutor.

No entanto, o autor desse texto não leu nenhuma obra de Janet Malcolm. Só consultou as 10 primeiras páginas do livro citado por ter escutado sobre a ideia da imoralidade de seu trabalho por meio de um colega de curso. E nisso reside um grande problema da formação jornalística. Ele não é especialista em nada. E mesmo assim, pretensamente, opina sobre tudo.

A primeira pergunta que se ouve quando se entra na graduação é: "por que jornalismo?". A resposta pode ser sobre querer mudar o mundo — e quem vai negar que existe prazer na possibilidade de publicar seus escritos e ter leitores? Fica bem menos difícil mudar o mundo tendo quem leia o que você escreve. No caso do autor deste texto, a razão era o esporte. Criança fanática por futebol e sem capacidade de ser um jogador habilidoso. Restava ser jornalista esportivo.

O curioso é que se passam quatro semestres e aquela criança fanática por futebol não existe mais. O foco é tentar estudar economia ou política para não ser um perdido na profissão. Mas e a formação? Das leis econômicas, sabe oferta e demanda — e isso já parece muito. Da política, entende um pouco do fisiologismo brasileiro. Leu Raízes do Brasil, começou e interrompeu O povo brasileiro umas três vezes. E quando vai ler Os donos do poder? Falta tempo e a demanda urge uma especialização.

Enquanto isso, o jornalista vai mendigando conversas com especialistas das diversas áreas para ganhar a vida. Mas não se forma. Não estudou exatamente o que precisava ou não tem a bagagem suficiente para opinar. Mesmo assim, sua classe pretensamente quer falar, dar opinião. Parece que não percebem a faca de dois gumes: o gozo de poder publicar, falar (e, óbvio, se fazer ouvido) sobre algum assunto esconde a falta de conhecimento. Expõe que seu ganha-pão só se nutre da “ vaidade, da ignorância, ou da solidão das pessoas”.

O QUE A MINHA AVÓ TEM A VER COM O JORNALISMO?

Por Luna Bolina

Nada.

Tudo.

Onze horas. Hoje meu corpo resolveu cancelar a inércia. Ocupo um banco de frente para a piscina enquanto aguardo os dez minutos restantes para a aula de natação. O bafo condimentado de cloro embaça o vidro que me aparta da seguinte cena: cerca de duas dúzias de velinhos balançando na água quente na melodia dos últimos sucessos do pop. Um sujeito de jaqueta de camurça conversa com a professora e é a coisa mais bizarra. É quase como ir à sauna de terno, penso, para quê tanta formalidade? É quando reparo na parafernália ao meu lado: toda sorte de câmeras, microfones, tripés e até um refletor. Homens em pólos se precipitam de lá para cá trazendo e levando. A Band veio filmar a aula de hidroginástica.

Durante os takes, o repórter — empoleirado precariamente sobre um banquinho na quina na piscina — repete frases ensaiadas duas, três, quatro vezes, e pondero se realmente me levantei esta manhã ou se me encontro confinada num sonho surreal. Penso que eu, protojornalista camarada que sou, talvez devesse proferir algum comentário ao membro da equipe que assiste à comoção no banco vizinho. Penso que poderia me apresentar, expandir meu networking, agregar à lista de exatos zero contatos profissionais que coleciono. Penso que se disser algo, quebrarei o feitiço. Agora, a professora declara o término das atividades e a terceira idade, afoita, se apruma para ser entrevistada. Nasce uma fila e é decidido que apenas quatro darão entrevista — três velhinhas e um velhinho — o resto será figurante na piscina — eis um uso para o refletor! Tudo isso me lembra minha avó e eu quero chorar.

Será que a dona Therezinha — a Dedé — se empertigaria no banquinho, como a velhinha número um, para prosear por dez minutos sobre sua prática matinal predileta?

Minha avó com certeza faria graça e pediria arrego nos primeiros cinco minutos, mas a cintilação no olhar é a mesma. Não raro, é com desembaraçada prontidão que esse tipo de jornalismo é descartado em ambiciosos debates nas graduações — trivial, cotidiano. Temos que nos preocupar com a crise. A indústria jornalística carece urgentemente de reformas, mas pensar numa saída viável é exaustivo e acabamos por buscar refúgio em meios alternativos. A internet se tornou uma grande aliada; contudo, uma solução nas redes é, infelizmente, uma solução que já não conversa com metade do país. Abandonamos a comunicação e confeccionamos bolhas — presos num ciclo vicioso, alimentamos um vácuo informacional perigoso.

Penso que este foi um ano de crises. A crise política, a crise econômica, a crise do jornalismo, as crises pessoais. Talvez esta seja uma década de crises. Entretanto, nos últimos tempos, a crise chegou a tal ponto que tenho me questionado: O que eu tenho a ver com o jornalismo? Ano passado, eu perdi a minha avó e a esperança. Este ano, estou aprendendo que a boa esperança não se perde, porque também não se ganha — se constrói. Eu não sei como consertar a crise. É possível que ninguém saiba. Não obstante, ela não deve ser pretexto para vacilação ou desistência. E isso é óbvio, mas às vezes eu me esqueço.

SE ADAPTA OU FICA DESEMPREGADO

Por Maria Beatriz Barros

Suponhamos um jovem jornalista. Formado, já com certo renome dentro de sua área. Ele assiste a um filme escrito, produzido e estrelado por uma personalidade controversa de seu país. Depois da sessão, debate com seus colegas sobre cenas de cunho para lá de duvidoso e questiona a dita personalidade sobre elas. Ele não gosta e se abstém de responder às perguntas, delegando-as ao idiota da objetividade sentado ao seu lado.

Quando vê sua maturidade exposta ao mundo, essa celebridade, feito um messias, manda seus milhões atrás do repórter. No entanto, o princípio da liberdade de expressão vale para ambos os lados. Não há problema nenhum em essa pessoa mostrar seu desapontamento frente à crítica do jornalista. O verdadeiro absurdo foi a caça às bruxas que veio depois.

Escondidos atrás de seus perfis nas redes sociais, os simpatizantes do autor do filme reviraram sua vida em busca de fatos e falas "comprometedoras". Suas posições políticas e opiniões de anos e anos atrás foram trazidas à tona. Por mais que um repórter esteja preparado para lidar com oposições, nenhuma faculdade poderia prepará-lo para o catacombe emocional de uma humilhação pública.

A proporção do escândalo chamou a atenção de outros veículos de grande porte, obrigados a noticiar as efemérides de outra redação. A resenha, a reação do famoso ou o rebuliço nas redes sociais não povoaram as manchetes, no entanto. O destaque foi a demissão do jornalista por parte do periódico, cujo lema, ironicamente, é a multiplicidade de opiniões.

A decisão chocou até os mais conservadores. Não seria a função do jornal defender a liberdade de imprensa acima de tudo? Na era da luta pela audiência, onde todo mundo é crítico de tudo, valeria um clique mais que mil palavras?

Antigamente, os anunciantes compravam espaço nos jornais sem levar em conta o conteúdo daquelas páginas. Era, então, um dos poucos caminhos para alcançar o grande público. Já hoje, existem outras formas

de vender seu produto sem necessariamente atrelá-lo a opiniões e ideais. Um anúncio em mecanismos de pesquisa on-line, por exemplo, muitas vezes é mais eficaz do que uma propaganda impressa em uma revista de alta circulação.

O jornalismo, então, entrou em uma luta injusta pela sua principal fonte de renda. De um lado, o anunciante corre o risco de desagradar determinado grupo por vincular-se a uma opinião. Do outro, ele consegue exibir seu produto sendo imparcial. Não parece uma escolha difícil para quem está vendendo.

Para equilibrar a briga, os veículos de comunicação começaram a medir sua popularidade e poder de persuasão em cliques – ou seja, em quantas vezes suas chamadas convencem o leitor de ler, de fato, os conteúdos apresentados. Assim, a função dos diretores de redação passam a ser não mais garantir que os repórteres sigam a linha editorial, mas que seus textos desagradem o público alvo o menos possível.

É uma lógica perversa. O jornalismo, como o conhecemos, está à beira da extinção. Em seu lugar, cresce uma nova corrente, regida pela política da boa vizinhança, jabás e a vida glamourosa que as pessoas acreditam levar os jornalistas culturais, recheada de coquetéis, shows e famosos.

Enquanto isso, aqueles que batalharam para se tornar formadores de opinião, apresentando todos os lados e com bagagem para identificar o que é bom e o que fere os princípios da sociedade, ficam jogados às traças. Parafraseando Darwin: ou você se adapta, ou fica desempregado. O jornalista que saía às ruas atrás da verdade está, por todos os meios, morto.

FALHA DE COMUNICAÇÃO

Por Maria Carolina Pereira

Sem dúvida, uma das capacidades humanas que mais me fascinam é a de se comunicar. Gosto de ouvir gente falando, articulando. Gosto de ouvir gente. Gosto de ouvir. E mais do que tudo, gosto de relatar o que ouvi. Foi assim que, lá por volta dos meus sete ou oito anos de idade, virei para todos meus conhecidos e bradei:

– Quero ser jornalista!

Todos riram da pequena de dentes separados e responderam:

– Mas você é tão tímida.

E eles não estavam mentindo. Logo, uma das capacidades que mais me fascinam é a que mais me é falha. Se ser menina pequena de dentes separados já era um fator silenciador, ser tímida de voz discreta, que se sentia mais à vontade contando sobre as aulas de Arte para suas bonecas, era como ser uma TV no mudo. Eu gostava de ouvir, mas apenas se você parasse para falar comigo. Iniciar conversas? Mas nem amarrada. Como eu poderia sequer considerar entrevistar alguém?

Tal pensamento foi ocupando minha cabeça, um pouquinho a cada dia e a cada interação social fracassada. Até que se passaram 10 anos, os dentes se juntaram e me tornei uma quase mulher, mas com igual pequenez e timidez. Havia chegado a hora de estrelar o filme de terror O que diabos eu vou fazer da minha vida? – também conhecido como Preencher minha opção de curso na inscrição do vestibular. Para muitos, foi uma decisão fácil, mas cá entre nós, foi uma decisão que eu nem sei se tomei ainda. Apenas passei o cursor do mouse por aquele curso cujo nome se inicia com uma palavra amedrontadora – Comunicação – e escolhi Letras: nota de corte baixa e muita leitura. Eu preferia ler a falar em público, obviamente.

Uma noite dessas, invadindo aquele que quase foi meu território – a faculdade de Jornalismo –, ouvi o relato de uma jornalista sobre um episódio no qual ela tinha a missão de fazer uma pergunta ao Lula, o então

presidente da República.

Ao ouvir todos aqueles repórteres ao seu redor chamando-o educadamente e sem sucesso, ela, ciente da voz discreta que tem, não teve dúvidas e gritou: "Ô LULÃO!". Não preciso dizer que isso chamou a atenção do presidente – que inclusive gostou de ser chamado assim – e a minha também. Ouvir essa história me fez pensar em algo que, felizmente e antes tarde do que nunca, está se tornando cada vez mais óbvio: não devemos nos deixar silenciar por sermos mulheres de voz discreta. Nem por sermos mulheres de voz discreta, pequenas e tímidas.

Hoje, encontrei outras formas de me comunicar. Um versinho no bloco de notas do celular enquanto volto do estágio, um tweet, um "textão" que eu publico e saio correndo ou metáforas para consolar um amigo que está passando por um dia ruim. Não sou a melhor articuladora, nem o semestre sobre retórica me ajudou muito, mas tenho história pra contar. E eu vou contar.

HÁ UMA SÓ CRISE

Por Mirella Cordeiro

Ela fez um suspense durante a apresentação na coletiva de imprensa. Disse que ao longo da vida passou por algumas crises com o jornalismo, mas que depois falava mais a respeito. Não inesperadamente, uma das primeiras perguntas foi sobre esse conflito. A resposta, para mim, parece que foi um alento (a.len.to sm 1. respiração, fôlego 2. estado de ânimo, coragem 3. aquilo que revigora, alimento).

A entrevistada disse que pensava ter tido crises com o jornalismo, mas que, recentemente, descobriu a verdadeira raiz do problema: grandes corporações. A gestão de grandes empresas que não respeitam os direitos trabalhistas. Parece uma acusação forte?

Então, meu leitor, deixe-me evidenciar a crueldade do mundo em que você vive: todos os dias Alguém precisa levantar e ir trabalhar, porque é trabalhando que se ganha dinheiro. Com dinheiro é que se consegue um teto para dormir e comida para se alimentar. Mas só isso não é o suficiente. Alguém também precisa de um carro, porque dá maior liberdade para andar pela cidade e, já que ele trabalha tanto, merece se deslocar confortavelmente.

Alguém precisa trabalhar mais para sustentar o carro. Alguém precisa fazer bicos para ter mais dinheiro e poder ter um plano de saúde. Depender do SUS é complicado. Alguém não tem tempo para a família e para os amigos, mas o importante é conseguir (ou, ao menos tentar) deixar as contas em dia.

Alguém não conhece o filho adolescente, não tem fim de semana livre para praticar qualquer esporte, não tem tempo para sorrir. Alguém sabe que precisa trabalhar e ralar e suar se quiser ter uma casa própria, pagar a escola meia boca dos filhos, mas, "pelo menos não é pública". Alguém vai se aposentar algum dia, mas não vai parar de trabalhar, porque a aposentadoria não vai cobrir os gastos dele.

Alguém nunca vai parar de trabalhar e sempre vai ter preocupações

do trabalho na cabeça ou nas costas que doem ou no coração doente. Tudo isso porque Alguém precisa comprar. Alguém produz, Alguém compra, eu passo mal. Não é pra isso que nascemos. Eu nasci pra viver o mundo, caso contrário, podia ter ficado fora dele.

As corporações regem o mundo. Regem os gostos, regem o quanto você vai ter que trabalhar para conseguir aquele produto tão desejado, regem o que você vai chamar de carreira. Eu, tão jovem, tão refém desta "humanidade" cheia de gente que não me conhece, gente que não se importa se eu já estou vomitando no banheiro de casa, gente que quer ganhar cada vez mais dinheiro a custa do meu, do seu, do nosso tempo. (Será que eles são gente mesmo?) Aquele mesmo tempo que você gostaria de estar com a sua família, conhecendo cada um, cantando uma música alegre, andando por aí ou até mesmo adquirindo conhecimento. Querer isso é reprovável? Porque eu já cansei de passar mal, já estou afogada no meu desespero.

Ela achou que a crise dela era com o jornalismo. Eu achei que tinha comido algo estragado. Minha amiga achou que a depressão era somente a falta de lítio no corpo. Isso quer dizer que, se você anda se sentindo mal, não se preocupe, leitor, você está agindo certo. Adoraria que fosse só uma divagação.

O PORÃO

Por Vitor Coelho Ribeiro

Jornalismo e publicidade compartilham muito mais do que as dores e as delícias de trabalhar no campo de comunicação: a gente compartilha o lugar de fala, nossos espaços nos veículos e as últimas posições na cadeia alimentar do mundo corporativo. Somos todos, em menor ou maior grau, peões.

Trabalhei numa das agências mais renomadas do mercado brasileiro. Lá a hierarquia pesa, e sei que qualquer jornalista pode se identificar com essa sensação. No andar de cima fica a criação, a comissão de frente da agência, aqueles que juram de pés juntos que são as estrelas da publicidade (maiores que qualquer outra da Via Láctea). No térreo, ficam algumas outras áreas que reivindicam menos os holofotes – e digamos que tenham de aguentar nas costas o peso de quem, cultura e arquitetonicamente, está acima.

Só que não acaba aí. A hierarquia na área de comunicação não se satisfaz apenas naqueles de cima e naqueles outros de baixo. Há ainda os anexados, o pessoal do porão, a galera do cafofo – como é carinhosamente apelidada a salinha onde enfurnam-se equipes inteiras na agência, exercendo atividades pouco glamourosas para o mercado. Coincidentemente ou não, são as funções mais difíceis de explicar para os parentes nos almoços de domingo. Tente fazer sua avó entender o que é trabalhar como Social Media Insights e sinta-se um comunicador fracassado.

O pessoal do porão, esses tais revisores, produtores, o pessoal de conteúdo, de mídia digital, de gráfica, provavelmente nem se queixam de estar geograficamente designados a ocupar o mais baixo clero porque estão ocupados demais para se importarem com qualquer outra coisa que não se soletre p-r-a-z-o. Em qualquer dia que houver a triste oportunidade de ficar até altas horas da noite pela agência, pode ter certeza que achará o cafofo com as luzes acesas, e algum som indescritível pulsando de lá.

Um dia eu mesmo já fui do porão. Em uma agência menor, que não

necessariamente tinha um espaço subterrâneo dedicado para nós, mas estava tatuada em meu rosto de qualquer forma: eu era apenas um estagiário de redação de peças de marketing direto – o que, em linguagem publicitária, quer dizer que você é algo bem próximo a nada.

Aprendi, sendo do porão, que todos nós comunicadores deveríamos ter ao menos alguma experiência de chamar aquilo de casa. Porque no porão você aprende o quanto o pó das coisas velhas incomodam e o quanto é necessário, diariamente, revermos o critério daquilo que queremos manter em nosso cotidiano e o precisamos parar de colocar nas tevês.

É no porão que se aprende a ser rato, a ser ligeiro com as informações que chegam, a lidar com Pressão (com p maiúsculo). Lá que conseguimos entender a importância de ter um bom faro, de conseguir dar sobrevida para os trabalhos que por vezes chegam em nossas mãos já mortos. Descobre-se no porão o valor de se unir aos outros bichos que lá habitam para suportar o peso dos que vêm acima enquanto busca alternativas de virar o jogo. Estamos sempre buscando uma forma de transformar o porão em uma ampla varanda gourmet com churrasqueira, onde o sol bata o dia todo e a vista seja linda.

Virar o jogo, aliás, é algo que todos nós comunicadores deveríamos prezar. Somos agentes da transformação, das micros e macrorrevoluções. Então, em menor ou maior escala, todo comunicador é do porão, porque o dinheiro que move o mundo não está em nossas mãos. Somos todos profissionais que dependem de alguém para financiar nossa atividade e encontramos no subterrâneo um lugar seguro para olhar o mundo de fora, entendê-lo, reportá-lo ou imaginá-lo.

Ao menos assim era pra ser, até alguém inventar de pôr dois andares nas agências e nascer o porão, um refúgio que ninguém dá muita atenção. Isso, hoje sei, é ótimo. Só vivendo longe de quem tem o rei na barriga pra poder comandar minimamente os rumos do nosso próprio trabalho.

Quem diria: essa segregação deu a nós uma vantagem. Só quem é do porão sabe seu segredo e importância. Que beleza que é poder ser de lá, longe da angústia de ter que se enquadrar onde a gente não encaixa. Quando se está no andar mais profundo é que se vive mais distante dos velhos vícios, do glamour vazio e das tempestades que diariamente caem na terra dos comunicadores, onde os ventos sempre trazem algum desafio que de-

manda longas jornadas de trabalho. Melhor percorrê-las em uma sala que, no final do dia, aguento ficar de pé em meio a tantos tornados.

Que o último que for embora hoje não apague a luz.

FORMAÇÃO

SAUDOSA EX-PROFISSÃO

Por Bruna Arthuso

Foi em uma sexta-feira à noite que me peguei refletindo se essa profissão realmente seria para mim. Uma sexta? Acho que todas... ou especificamente em quatro delas, com certeza.

Quando iniciei essa matéria eu sabia, no meu íntimo, que além de eliminar quatro créditos da minha grade, eu queria quatro anos do curso em um semestre. Queria saciar a vontade de saber e entender melhor o real propósito dessa profissão.

Ouvir as histórias “por trás da câmeras” de quatro grandes jornalistas que entrevistamos me trouxe, sem dúvidas, muita reflexão ao tentar compreender as experiências. Enquanto tentava não perder uma única palavra do que o Leo Lara falava na sua coletiva, ele nos avisava que ser repórter é fundamental para qualquer área de atuação no jornalismo, que dificilmente você se torna um bom editor e redator se não passou pelos maus bocados da reportagem. Não teve como, eu divaguei.

Pensei na ponte Cidade Universitária — por onde passo todos os dias e frequentemente vejo repórteres — e me vi com uma capa de chuva tentando manter a postura, no meio de um vendaval seguido de uma tromba d'água enquanto o cabelo gruda no rosto e mal se abre os olhos, para gravar alguma coisa. Não consegui não pensar nos repórteres que têm suas gravações mostradas parcialmente nos jornais, nos quais a matéria termina abruptamente com pessoas saindo de cena por causa de tiros. Imaginei o nível de seriedade e profissionalismo que um repórter deve ter, e me arrisco a chutar dizendo que dos níveis mais altos desse meio.

Durante um longo período da minha vida eu quis ser jornalista. Quis estar em uma mesa de redação mostrando todo meu potencial técnico com as palavras, quis ter meus textos estampados nas primeiras capas, quis escrever até não poder mais. Contudo percebi que jornalismo não é (só) isso, não é nem metade disso. Eu estava mais para escritora que para jornalista, eu estava mais para o conforto do escritório do que para

a realidade das ruas, ainda que fosse apenas por um período de experimentação. Eu nunca quis mudar o mundo.

Quando iniciei esse semestre em uma matéria de jornalismo eu sabia, no meu íntimo, que além de eliminar quatro créditos da minha grade, eu queria ter certeza absoluta que fiz a mudança correta. Esse semestre trouxe resumidamente os quatro anos de jornalismo e, antes mesmo de terminá-lo, eu já sei qual é a resposta. Sendo assim continuo seguindo, aliviada, meu caminho com muita empatia e ainda mais respeito pelos meus colegas de ex-profissão.

OLHOS PARA QUEM VÊ ALÉM DA BOLA

Por Haline Floriano

"Cego é aquele que só vê a bola". Frase escancarada na capa de um livro da universitária que se auto declarava palmeirense. Futebol nunca foi somente a bola, ao contrário. Futebol é tradição, história, herança, família, amizade, conversas, afinidade, e até surge na aula de sexta-feira à noite. É um pouco de nós dentro deles – jogadores e time. Futebol é política. Na dúvida, pesquisar Copa do Mundo de 1970. Nos campos, Brasil campeão; troféu na mão do general Médici, ao lado de Pelé; na sociedade, ditadura militar e o silêncio que não se escutava.

Futebol também é machista. Aquela garota do livro sabia disso; enquanto lia, lembrava de quando surgiu o seu interesse pelo futebol e jornalismo esportivo. Desde que nasceu, seu pai a influenciou. Ela tinha se tornado mais atendida do que ele. "Você sabe quanto foi o jogo de ontem?" Ela respondia: "ah, foi 0 a 0. O lateral foi expulso, e o juiz anulou um gol legítimo. O Dudu não estava impedido!". O pai ficava contido; dizia que o time estava ruim mesmo. Para os dois, estava tudo bem a menina saber mais do que ele. Para outros, não fazia sentido ela querer estar no estádio, gritando, torcendo. Não era coisa para mulher.

Os outros não entendiam que os olhos dela brilhavam quando lia ou via algo sobre o tema. Ela anotava todos os jogos do Palmeiras em um caderno. Colecionava jornais, pôsteres, fotos, tudo que fosse. Viu os jogos em família, aos domingos, transitarem para a sua solidão com o rádio, nas partidas inusitadas às segundas-feiras, e nem era a série B. "A gente cresce", ela pensava. Porém, mesmo agora morando longe do seu pai, ele fazia questão de que sua primogênita fosse a porta-voz alviverde. O Palmeiras passava de geração. Foi o avô, era o pai, e estava sendo ela.

E nessa imersão, certa vez ela escuta uma frase do jornalista esportivo Celso Unzelte: "jornalismo esportivo é, antes de tudo, jornalismo." Que síntese! Ao encaixar, muitas vezes, o jornalismo esportivo como mero entretenimento, esquece-se de que, por trás, há pessoas trocando os finais

de semana com a família, por coberturas de jogos. É o trabalho deles, ofício de memórias e histórias. É jornalismo, está ali, em contato com muita gente. Unzelte, embora corintiano, tinha algo em comum com a estudante: o brilho nos olhos. A área não é fácil, mas ainda há quem tem esperança por ela. Foi uma viagem no tempo aquela coletiva de imprensa, dada pelo Celso. A estudante, nos dilemas de carreira e querer mudar o mundo, via-se ali, de frente com alguém que trabalha cobrindo futebol, objeto de sua infância e adolescência ao lado do pai.

Aquele bate-papo descontraído com o jornalista mostrou que muita gente ainda só vê a bola. Na academia, quando se fala em estudar sobre esporte, há quem menospreze a pesquisa acadêmica. Na profissão, existe quem acha que é tranquilo, só chegar, sem conhecimento prévio. O velho pão e circo. Entretanto, jornalismo esportivo, como qualquer outra especialização, precisa de pessoas entendedoras e apaixonadas.

A jovem recordou sua experiência como aspirante a repórter esportivo. Foi o seu primeiro trabalho, no segundo semestre da faculdade. Aquele emprego foi uma diversão, e por que não seria? Aliás, os empregos deveriam ser uma diversão. Ela, como repórter esportivo da rádio, era responsável pelas entrevistas, produção e edição. Não era só apuração de resultado, era entender a narrativa da pessoa.

A menina, embora não cursasse jornalismo, guardava imenso carinho por ele. E, nas coincidências da vida, era tema corriqueiro no seu cotidiano. Prestigiando um evento, ela se surpreende com a presença da jornalista e também conselheira do Palmeiras na época, Leila Pereira. Ela refletiu sobre os conceitos de felicidade, ética e jornalismo esportivo. Mais uma vez, a menina se identifica com alguém que tem o tão procurado brilho nos olhos pela profissão. Mas além dele, ética. Tanto se fala em ética, mas e a ética no esporte? Futebol é ética, do fair play, dirigentes, à cobertura ética. E jornalismo esportivo era jornalismo.

Depois de tudo isso, a menina teve certeza de que cego é mesmo quem só vê a bola. Ela via e sentia o esporte nas suas reminiscências e história. Futebol era tudo: do bom ao ruim. Era também aquele livro que ganhara de aniversário da sua amiga. Inegavelmente, ele estava nela, como esteve no avô. Política, família, cidadania, trabalho, livro, amizade. Nem vimos a bola. Talvez sejamos nós os cegos, que só veem além da bola.

OS SONHADORES PERSISTEM

Por Lanna Sousa

Mudar o mundo, para alguns, é algo fantasioso, desconectado com a realidade e quase utópico, mas para outros é um objetivo de vida. A jornalista Ana Magalhães sonhava em mudar o mundo, talvez essa seja uma das características daqueles que desejam ser jornalista. Com o passar do tempo seu desejo se modificou: queria entrar para uma grande redação. Após alcançar seu sonho, a sensação não foi a esperada.

A existência pode se mostrar por vezes dura, fazer as convicções serem questionadas, dar um choque e obrigar os pés a voltarem ao chão. A realidade não te dá bom dia ao chegar de manhã na redação; contudo, o coração sempre guardará aquele anseio de fazer do mundo um lugar diferente.

Eu participei de um processo seletivo de um banco na busca por um estágio e na apresentação da dinâmica de grupo uma das perguntas iniciais era “qual é o seu sonho?”. Eu também queria mudar o mundo, mas senti que seria um tanto quanto ridículo dizer aquilo ali, naquele ambiente. Depois, fiquei me questionando o porquê de aquele sentimento ter despertado. Alguns ambientes me parecem racionais demais para se ousar sonhar e me senti ridícula por não admitir meu sonho.

Mas ser idealista não significa que você vai fazer uma revolução. A mudança não precisa de um grande ato, não necessita de reconhecimento imediato, ela pode estar quando se sugere ao editor: “esse título pode ser preconceituoso, não podemos usar este outro?”.

Ser idealista é uma característica que é bastante relacionada ao jovem. Apesar das diversas classificações de gerações – X, Y e Z – sempre houve pessoas que tinham esperança no mundo e enxergavam em si mesmos o poder para transformar a realidade. Sonhar é uma característica intrínseca ao ser humano, somente varia a intensidade.

A despeito das dificuldades, os sonhadores resistem; eles estão no jornalismo, mas também estão em todas as outras profissões, estudando

todas as áreas do conhecimento, fazendo mudanças que não são perceptíveis a primeiro momento, que podem parecer simples, mas que geram movimento, dão um passo a mais em um caminho que, às vezes, parece tão distante e tão tortuoso.

Pode ser que esse texto pareça idealista demais, por acreditar que os sonhadores ainda sobrevivem, mas qual seria a graça de enxergar a realidade pura?

TUDO SE RESUME A PAGAR CONTAS

Por Larissa Fernandes

Era uma sexta-feira à tarde quando Ana achou o personagem ideal para a sua matéria em meio à loucura da redação. Sua editora a estava pressionando há dias, em busca de uma história que valesse a pena ser a capa de um dos maiores jornais do país. Não era pouco. A jornalista fez tudo aquilo que era possível para encontrar o melhor personagem, até descobrir que a história de um velhinho deveria ser apresentada para o mundo. A editora recusou logo de cara. Queria alguém que fosse jovem e bonito, assim, a matéria teria mais apelo popular.

Ana estava cansada. Cansada da pressão de sua editora. Cansada da longa jornada de trabalho. Cansada do desrespeito das grandes empresas jornalísticas. Lembrava dos porquês que a levaram para o jornalismo. A jovem sonhadora tinha vontade de transformar a sociedade. Um pouco de clichê e de pretensão que acomete vários protojornalistas.

Nove a cada dez estudantes de jornalismo justificam a escolha do curso com alguma frase que contenha "a importância da função social da profissão" ou "dar voz àqueles que são silenciados". Um levantamento completamente arbitrário, mas com um pé na realidade. Pelo menos até a primeira semana de aulas, quando algum professor resolve fazer a fática pergunta e todos tentam formular uma resposta convincente para que ninguém duvide do porquê está ali.

Passados os dias, meses e anos a pergunta começa a se tornar ainda mais difícil de ser respondida. Aquele sonho de ser "A" jornalista, que apresenta as melhores e mais bem apuradas reportagens, vai dando lugar à decepção com a dinâmica da profissão. Tudo começa ainda nas aulas, com conteúdos rasos e professores pouco motivados. Pensamentos como "não faço ideia do que estou fazendo com a minha vida" são frequentes, mas seguimos adiante, afinal, aulas ruins não são exclusividade do jornalismo. A maior decepção vem depois: quando surge a dúvida se há ou não esperança para a sua atuação.

Ana estava neste ponto. Questionando-se sobre os motivos que levaram a editora de um dos maiores jornais do país a preferir um jovem bonito como personagem de uma história, no lugar de alguém que tinha muito mais para contar. A busca por audiência a qualquer custo não fazia seu estilo. Sentia que a antiga Ana, com seus ideais de estudante, estava se perdendo naquele lugar. Havia decidido sair dali o mais rápido possível.

“Droga, falta muito para fechar o mês”, pensou. Com tantas contas para pagar, não podia arriscar largar o emprego naquele momento. Voltou a se questionar, mas dessa vez, sobre o mercado de trabalho para jornalistas...

Sábado e mais um plantão.

DRAMA EM DÓ MAIOR

Por Laura Raffe Guerra

Há apenas dois meses e meio, faço aula de piano. Sem nenhuma experiência, sem nem sequer ter me aventurado uma vez a dedilhar o instrumento, me arrisquei em algo que pudesse me dar prazer e me tirar, pelo menos um pouco, da rotina desgastante. A vontade sempre esteve presente, apenas parei de postergar o início de algo que poderia (e é) complicado de se aprender do zero, ainda mais quando a vida universitária e o estágio tomam grande parte do seu tempo.

A realidade é que eu já não encontrava vontade, e muito menos prazer, no jornalismo. As notas musicais e técnicas japonesas de Suzuki vieram preencher um espaço vazio, funcionando como meio de fuga de uma realidade que não me completava. Tentar algo novo, assumir esse risco, sem deixar que o medo tomasse conta ou a opinião de outras pessoas influenciasse, me trouxe uma sensação de independência e paz há algum tempo esquecida.

Quando botei os pés na Escola de Comunicações e Artes da USP, sonho de qualquer protojornalista, as expectativas eram altas, os sonhos muito grandes, e continuam sendo. A primeira entrevista feita à voz baixa e nervosa, com o gravador do celular, caneta e um bloquinho com anotações meio ilegíveis pela falta de prática, trouxe uma euforia que era difícil de guardar apenas para mim. Não nego que gosto da área que teimei em cursar. O questionamento era outro: onde eu havia me perdido?

A resposta veio justamente do meu refúgio.

Não foi enquanto tocava uma linda melodia de Chopin que a ficha caiu. Foi em um dos momentos em que a minha (péssima) mão esquerda não conseguia, por nada, tocar a sequência certa. Nadir, senhorinha responsável pelos aprendizados, apenas me observava tentar com uma insistência digna de chatice. Mesmo com suspiros preocupados direcionados à minha falha sonora, não deixei que isso abalasse a insistência, nem me reprimi por medo ou vergonha. Errei quantas vezes foram necessárias.

Apesar de o jornalismo ser tão amplo e diversificado, eu me encontrava engessada em um modelo, uma forma, sem me permitir arriscar e cometer erros. Estava presa dentro de um caminho jornalístico clássico que não me deixava tomar as curvas que queria, por insegurança e medo de críticas, o que acabou resultando no desânimo com a profissão. O erro era estar acomodada com algo que não deixava que eu me aventurasse em outros campos e estilos.

Assim como tomei uma decisão de aprender um novo instrumento, a decisão de conhecer mais do próprio jornalismo e aceitar os riscos que ele traz em sua bagagem não é uma fraqueza, pelo contrário, é saber lidar com uma realidade de constantes mudanças, erros e acertos. É abraçar a totalidade da profissão e suas múltiplas facetas. Quero continuar tentando, mas sem questionar a minha capacidade, tanto para o piano quanto para a escrita.

Mesmo agora, me pergunto se a tentativa de comparação soa ridícula enquanto escrevo esse texto, mas deixo-o registrado aqui como um novo início, sendo um primeiro risco. Uma nota aguda em meio às graves.

GRADUAÇÃO

Por Lucas Almeida

Sérgio Rizzo afirma, sem nenhum tipo de receio, que começou a cursar jornalismo para conseguir o registro profissional e que já trabalhava desde os dezesseis anos de idade. Qual é o sentido da graduação quando já se tem experiência no tão aguardado cargo de repórter?

Ouvir o crítico falar durante a coletiva com a turma foi uma experiência um tanto curiosa. Talvez por querer trabalhar na mesma área, comecei a me identificar com alguns aspectos de sua carreira, como a vontade de atuar em diferentes lugares e fora do jornalismo também. Frequentei até a mesma instituição de ensino técnico que ele, onde fiz um curso - que nada tem a ver com comunicação, mas me fez sentir mais próximo da figura bem conhecida em colunas e editorias de cultura de jornais.

A dúvida sobre uma experiência vivida por Rizzo nos anos 1980 continua sem resposta para os novos estudantes. Hoje, ela ainda se apresenta em uma nova conjuntura: por decisão do Supremo Tribunal Federal de 2009, o exercício da profissão não demanda mais a obrigatoriedade do curso superior em jornalismo, especificamente.

Na maioria das instituições brasileiras, a grade do curso se divide em uma parte técnica (em que você consegue aprender regras de redação, dicas de fotojornalismo, como fazer infográficos e tudo mais o que será redescoberto durante o período de estágio) e outra mais voltada para a teoria, trabalhando questões de filosofia, conceitos da comunicação e história, por exemplo.

A enxuta grade horária garante que ambos os aspectos sejam tratados com certa superficialidade, já que, pelo curto número de aulas no semestre, muitos professores não conseguem se aprofundar em nenhum assunto.

O resultado dessas complicações é puro descontentamento, tanto dos docentes quanto dos estudantes. Enquanto parte dos professores não consegue preparar o conteúdo que gostaria para cumprir com o currículo,

os alunos se decepcionam ao ver que o que lhes é ensinado não garante profunda reflexão sobre a profissão e nem prepara para o mercado de trabalho, que já pede que o aluno tenha textos publicados e conhecimentos especializados nos primeiros anos da graduação.

Cada instituição oferece o curso voltado para a formato que acha mais interessante ou atrativo, mas em todos os casos a discussão persiste e, junto com ela, o descontentamento, é claro. O problema permeou pelos 22 anos em que Rizzo foi professor de ensino superior e permanece sem solução. Alguns preferem a técnica à teoria ou vice-versa.

Com a decisão do STF de 2009, talvez as faculdades de jornalismo tenham ganhado mais liberdade. Não há mais a necessidade de formar um aluno pronto para o mercado e que conseguirá as melhores vagas disponíveis. Entre tantas discussões sobre o rumo do quarto poder e as novas formas de comunicar e informar, talvez essa seja a chance de focar em formar jornalistas com consciência do mundo em que estão prestes a entrar e que possam contribuir com novas propostas à profissão.

Vejo colegas desistindo do curso ou pelo menos reclamando dele todas as semanas. O jornalismo está em processo de mudança; está na hora do curso superior refletir sobre essa transformação também.

COTIDIANO

O MUNDO QUE NOS BASTA

Por Ana Helena Corradini

Quinta-feira à noite. Sobre o travesseiro, o pescoço parece sustentar uma bola de boliche. O que escrever? AUN, estágio, fichamentos... onde a criatividade foi parar no meio disso tudo?

"Alô. Alê? É a Ana. Eu posso entregar a crônica amanhã? Ai, eu ainda nem sei sobre o que escrever e amanhã vou para minha casa, no interior, lá provavelmente surgirá alguma ideia. Sim. Em São Paulo mesmo, chama Pinhalzinho." O monólogo com o professor só acontece em pensamentos.

Em frente ao computador, um documento em branco na tela. A preocupação em achar as palavras certas. Companheiro fiel, o site de sinônimos aberto. Recordo um dos insights mais especiais, e ainda fresco na memória, que o jornalismo me proporcionou. Não, não se trata de uma entrevista ou de uma conquista na carreira.

Trabalho final de fotojornalismo. A ideia inicial, retratar descascadoras e descascadores de mandioca em um assentamento em Mogi Mirim. Ir lá e fazer fotos, parece algo simples. Mas como retratar o dia a dia de pessoas que eu sequer conheço? O medo da superficialidade assombra principalmente quem acabou de engatar na carreira e ainda arrisca os primeiros passos no vasto universo do jornalismo.

A solução veio a galope. Retratar o lugar que cerca meus avós, o sítio onde cresci. Tiro uma foto aqui, outra ali. "Meu Deus, em que bagunça eles vivem". Caixas plásticas na sombra de uma árvore, animais e seus excrementos ao redor da casa. Cachorros, vacas, cabritinhos fofos, ganso. O dia a dia tumultuado dos meus avós. Acordar, ordenhar umas poucas vacas, meu avô inventa de fazer queijo e também produz uns produtos químicos para consumo próprio. Entre cada atividade, o dedilhado nas cordas da viola é sagrado, enquanto minha vó prepara o almoço.

Não, o dia deles não é atarefado, mas eles sabem se ocupar do pouco e às vezes suas rotinas parecem um não ter rotina. Para mim isso tudo se assemelha ao absurdo. Nos meus 19 anos, procuro fazer o máximo que

meus dias — e meu psicológico — suportem. Busco sistematizar minha vida em listas, escolho o que vestir no dia seguinte, anoto meus compromissos em papéis que se perdem dentre tantas outras anotações e, ainda insatisfeita, sonho em organizar meu guarda-roupa, minhas músicas, meus livros. E eles lá, vivendo há anos no sítio. Até seus nomes parecem despidos de qualquer ambição: Ana Maria e Antônio.

Logo eu, que sonho em desbravar o Brasil, conhecer a América Latina, viajar o mundo... Sagitariana que sou. Mas eles nem sabem o que isso quer dizer. Aliás, para que entender o universo, destrinchar os segredos dos astros, quando a natureza que os cerca já parece tão complexa?

E só então me dou conta da sabedoria que existe na vida modesta dos meus avós. Tudo é tão simples, tão puro e ao mesmo tempo tão completo e suficiente. Pode ser que não haja grandes ambições, mas houve sonhos e, com certeza, há grandes contentamentos.

Ansiedade, depressão, sentimento de impotência, falta de perspectiva, solidão... são reclamações frequentes de quem, como eu, vive no meio da comunicação, ainda mais em uma cidade tão tumultuada quanto São Paulo. Mas, ao olhar o mundo dos meus avós, sou levada a entender que, nessa enxurrada de informações, às vezes tudo o que precisamos é parar de insistir em enxergar algo onde a vista já não mais alcança e, então, ter a capacidade de observar o quão acolhedora pode ser essa película de realidade que nos envolve.

SOBRE PAIXÃO E GUARDA-CHUVAS

Por Igor Soares

Como todo bom geminiano, não costumo ser muito apegado a ideias, coisas e pessoas. Comigo, nada é "oito ou oitenta". Acho que vivo o tempo inteiro meio "em cima do muro", como dizem por aí. Mas tudo bem, já aceitei isso e, na real, pra mim não há tanto problema em ser assim. Falei tudo isso só pra dizer que tenho uma relação de amor e ódio com dias chuvosos.

Adoro aquele barulhinho gostoso de chuva caindo no quintal, mas todo esse fascínio bobo acaba justamente quando piso nele, ou quando me atrevo a colocar meus pés na rua. Odeio carregar aquele trambolho metálico inútil e facilmente quebrável chamado guarda-chuva. Além de frágeis, eles possuem um súbito poder maligno de desaparecimento. Também odeio aquela outra invenção patética e de estética questionável chamada capa de chuva. Não consigo entender como a mesma espécie que inventou o computador, a bomba atômica e a pochete conseguiu criar artigos tão mal elaborados e falhos em suas funções como esses dois aí.

Outra coisa que eu detesto é o cheiro de cachorro molhado que toma conta do transporte público nesses dias. Nos ônibus, a situação é mais complicada que nos demais meios, porque as pessoas simplesmente lacram todas as janelas, impedindo a mínima circulação de ar puro, o que intensifica o cheiro de tapete de velho.

Foram nessas condições que, numa sexta-feira, fui até minha querida Escola de Comunicações e Artes para assistir a última palestra do semestre. Desci do ônibus e abri a "grande invenção da humanidade" para me proteger da chuva torrencial. Como sempre, quase ceguei um indivíduo no processo. Cheguei no auditório atrasado como sempre, procurei um lugarzinho no fundo e sentei. Enquanto gotas de água escorriam do meu corpo, ouvia a aclamada Ana Magalhães contando suas inúmeras aventuras jornalísticas. Não sei por que, aquela voz doce e ao mesmo tempo firme, com um sotaque ora mineiro, ora carioca e com retoques

paulistanos logo me cativou. Não só isso, o que mais me deixou vidrado com tudo aquilo era a paixão que Ana passava em cada palavra, cada frase, cada história que contava. Era claro pra mim que naquele momento, eu estava diante de alguém que realmente amava o que fazia. O brilho nos olhos e o sorriso meio tímido a cada pergunta e resposta escancaravam isso.

Demorei um pouco para entender o que realmente me atrai nas pessoas. O que eu sempre soube é que tenho uma necessidade genuína em estar sempre interagindo com alguém. Seja pra comentar uma besteira qualquer fruto da minha mente infantil, ou para ter uma longa conversa sobre a vida, o universo e tudo mais. Definitivamente, preciso disso pra viver.

Então, nas minhas confusas reflexões sobre minha confusa existência, descobri que gosto de pessoas apaixonadas, no mais amplo sentido que isso possa ter. Gente que ama, chora, briga, ri, cai, levanta, gente que realmente curte esse galinheiro que é a vida. Gosto de quem gosta do que é e do que faz. E olha só, Ana era exatamente esse tipo de pessoa. Não é em toda esquina que se encontra alguém assim. Pior ainda, não é em toda esquina do turbulento mundo jornalístico que se encontra indivíduos assim. Em um mercado de trabalho que mais parece filme de ficção científica em que ninguém entende nada e todo mundo se ferra no final, ver pessoas que amam de verdade o que fazem e acreditam em seu trabalho é realmente inspirador, por mais clichê que seja. Pra pessoas como eu é como reabastecer o tanque, sabe? É um motivo a mais pra sorrir, erguer a cabeça e acreditar que as coisas não são tão ruins quanto parecem - nem mesmo o imprestáveis guarda-chuvas.

Aquele menino de 13 anos que ficava no meio da aula do ensino fundamental lendo guias e mais guias de profissões ou qualquer outro pedaço de papel que contasse mais detalhes sobre o curioso mundo do jornalismo dá um berro de alegria toda vez que tromba com uma Ana na vida.

VIROU NOVELA

Por Juliana Morgante

Nem tente argumentar. É fato que todo bom cidadão brasileiro, tupiniquim, feijão com arroz, já teve a experiência de acompanhar ao menos uma telenovela de início ao fim. Mesmo aqueles que insistem em negar e buscam não pertencer à classe dos “noveleiros” tiveram a atenção capturada pela telinha (desviando o olhar furtivamente e esforçando-se em voltar o foco para o celular).

Não poderia ser diferente. A novela está tão enraizada em nossa cultura que sua ausência causaria, no mínimo, o caos. Como seriam definidos os horários dos jogos de futebol? Qual seria o assunto no cafezinho? Como nos posicionaríamos frente às questões X ou Y? Quais padrões de beleza seguiríamos?

Tudo isso é tão óbvio – e, logo, não necessariamente evidente – que cinco anos atrás, em 2012, os últimos capítulos de Avenida Brasil pararam um país inteiro, deixando para depois, assuntos então em pauta. A decisão do Supremo Tribunal Federal acerca do aborto em caso de anencefalia, o Rio+20, a lei de cotas para universidades federais; nada disso parecia importar mais do que a resolução da trama entre Nina e Carminha.

Em uma visão nada irônica, o Brasil é um ótimo produtor de telenovelas. Juntando isso a um contexto no qual a chegada da Netflix, em certa medida, roubou o gostinho de ansiar a transmissão do próximo capítulo, o fenômeno deve ser avaliado com ponderação. Além disso, o poder que o espectador sente em julgar as personagens (afinal, aquilo tudo não passa de um teatro, um jogo entre atores que não sofrerão consequências com os julgamentos alheios) é, absolutamente, libertador. O brasileiro, emotivo que só, envolve-se facilmente nas narrativas. Vai logo escolhendo seus preferidos, apontando vilões e mocinhos e deduzindo os finais das histórias.

Agora, por outro lado, em uma visão absolutamente irônica da coisa, percebe-se como a prática noveleira expandiu-se para além do horário

nobre televisivo e, inclusive, por outros meios midiáticos. Hoje, não mais apenas personagens fictícios, encenados por atores profissionais, são alvos de fuxico.

Um exemplo prático que ilustra esse ponto de vista é o bafafá gerado em torno da exposição *La Bête*, no MAM (Museu de Arte Moderna). Nos últimos meses, qualquer brasileiro que possua televisão, tenha acesso à internet, consuma algum tipo de mídia ou converse com alguém que os faça, pelo menos chegou a ouvir falar no “peladão do MAM”.

A viralização do vídeo, no qual uma criança interage com a performance do coreógrafo fluminense Wagner Schwartz – nu – gerou e polarizou um debate público no país.

Imagens da cena revelam as três personagens principais: mãe, filha e artista. São escolhidos títulos para a narrativa; títulos estes que variam desde *Somos todos MAM à Arte* ou *Pedofilia?* e *Criança é coagida a tocar em homem nu em museu*. Ora a mãe aparece como vilã, ora como mocinha; ora o artista é taxado de pedófilo, ora de incompreendido. “Mas e o Museu não tem culpa nisso tudo?”. “E a criança? Nem sabia o que estava acontecendo, coitada...”. Todos acompanham o espetáculo de perto; os olhos vidrados na tela, o pacote de pipoca nas mãos, aguardando as cenas dos próximos capítulos. Imagens são compartilhadas sem hesitação, inconsequentemente. O assunto, a princípio pessoal, vira conversa de bar, fuxico para compartilhar na hora do cafezinho. Enfim, coisa de brasileiro, que adora uma boa novela.

ORGIAS DIALÉTICAS

Por Letícia Meirelles

A faculdade é a verdadeira orgia dos dialetos. A decisão de cursar direito, que até então parecia ter sido assertiva, veio por água abaixo ainda no dia 4 de agosto de 2017. Acabara de escrever três laudas – que ainda hoje não sei quantos toques significam – em uma prova de direitos fundamentais, quando entrava na sala de número 35 de um departamento estrangeiro.

Eram rostos tão diferentes, com olhares tão diferentes de linguagens tão diferentes que hesitei ao abaixar a maçaneta, com medo de não querer sair mais. Acontece que abaixei, entrei e de fato não quis mais sair. Desde então, sextas-feiras têm sido um respiro, ou melhor: um alívio de olhos fechados com cheiro de sorriso.

Ainda no dia 4, ouvi pela primeira vez a sigla JC. Discretamente, desbloqueei o celular e pesquisei, coberta de vergonha, por possíveis significados que, como eu suspeitava, eram as primeiras opções que me vieram à cabeça: Jesus Cristo ou Juventude Comunista. Fiquei então com duas possibilidades: ou o professor era de fato um católico fervoroso tentando cooptar seus alunos para sua igreja, ou a camisa vermelha utilizada ainda na primeira semana de aula não fora por acaso.

Demorei cerca de um mês e meio para entender que na verdade era do Jornal do Campus que eles tanto falavam. Senti na pele o verdadeiro significado da expressão “a ficha caiu” e me lembro como se fosse ontem de quando compreendi seu significado, balançando afirmativamente a cabeça com o dedo indicador da mão esquerda sobre o meu nariz. Aqueles alunos pareciam conversar em códigos – ECA, CCA, CJE, JC, ECC – que me faziam acabar com a tinta de uma caneta por aula, de tantas siglas que anotava com a lição de procurar por seus significados assim que chegasse em casa.

Imaginei que pudesse encontrar alguma cartilha ou manual do calouro com todas essas explicações, mas, em sua ausência, recorri ao bom e

velho boca-a-boca que era sempre recheado e respondido com muita risada. Curioso que ninguém nunca se atreveu a dizer que naquela sala, ou mesmo naquele centro, se falava muito “jornalisticuês”, enquanto que, paradoxalmente, todos os dias escuto que falo “jurisdiquês”.

O ouvir desse dialeto para mim codificado e para os demais, comum, me permitiu perceber que prescrição, evidência ou comarca, apesar de escritas por extenso, de uma forma ou outra, também podem ser siglas. Até porque os critérios de noticiabilidade nunca foram comparados à jurisprudência, por exemplo, talvez pelo fato de que o jurídico só fosse chamado para comentar sobre o Caso da Escola Base ou sobre um processo que a tia da irmã da vizinha tem contra o antigo patrão.

Três meses ainda não foram o suficiente para eu saber quantificar toques em laudas, nem mesmo para ter certeza de que falo “jurisdiquês” melhor do que “jornalisticuês”, até porque sou praticamente analfabeta nesse novo idioma. O importante é que hoje, apesar de ainda segurar a risada, sei o verdadeiro significado de JC e passei até a utilizar tal sigla em meu vocabulário, curiosamente, somente dentro da ECA. Mas acontece que, entre o pouco e o quase nada em comum nos nossos dialetos, tínhamos uma semelhança: crises somadas ao desejo de mudar o mundo.

Talvez essas crises nunca sejam resolvidas, nem o mundo mudado, mas uma coisa é certa: melhor não deixar essa decisão subir para o STF.

JUDITH, MEU FACEBOOK VIROU UM INFERNO!

Por Matheus Morgado

Sabe aquele vídeo antigo, do Fabio Porchat, pintado de azul, tentando cancelar um plano numa operadora de celular com a queridíssima Judith? Pois eu estou me sentindo dentro de um looping infinito dele.

Mês passado um estágio no Sesc Pompeia caiu no meu colo. O jornalista que vos fala finalmente ia começar sua carreira, na famigerada assessoria de imprensa. 1º de novembro, bato meu ponto pro primeiro dia de trabalho e o primeiro assunto da lista era ela mesma: Judith. Não, não a da operadora de celular. A Butler, a filósofa, a ameaça número 1 à sagrada família brasileira.

Dali a uma semana ela chegaria para as palestras que daria no Brasil, e uma petição tinha sido criada para exigir o cancelamento do evento, com o apoio incondicional de Alexandre Frota (o Brasil, realmente, não é para iniciantes). Achavam que ela vinha falar da “ideologia de gênero” (e se viesse, e daí?), mas ela vinha falar, vejam só, de democracia. Não seria essa a melhor hora para eu virar administrador da página do Sesc no Facebook?

Peterson clamou no inbox: “cancelem a vinda da vadia da Judith Butler!”. Ah, o cidadão de bem!

Sempre soube que jornalistas não são os profissionais mais amados do mundo. Das duas, uma: ou fazemos o trabalho sujo, sujo no sentido de árduo, correto (até idealista, em tempos de fake news), que ninguém quer fazer, e somos odiados por aqueles que denunciamos e seus apoiadores; ou vendemos a alma e trabalhamos em prol da omissão e da parcialidade, e somos odiados por quem ainda tem juízo. É difícil achar um meio termo.

Neste caso, não é nem uma, nem outra. Essas pessoas sequer sabem que estão falando com um jornalista. Pra falar a verdade, se a própria Judith aparecesse na frente deles, eles não saberiam quem é. Mas que culpa tem este mero estagiário recém-empregado tentando chegar ao fim do mês para pagar suas prestações na C&A?

Perdi a conta de quantas vezes recebi ameaças indiretas ao abrir meu Facebook nos últimos 20 dias. Eles não falavam comigo, falavam com o Sesc. Mas falavam comigo porque era eu quem recebia. A loucura da direita brasileira, da qual eu sempre me vangloriei de desviar, tinha chegado a mim.

Igor também quis se manifestar: “você faz parte de um conjunto de apoiadores de escória e juntamente com eles devem ser extirpados... Você cairão... Você sucumbirão!”. Achei um pouco dramático da parte de Igor, mas aceito.

É verdade que a vida de estagiário, em si, já é um livro de crônicas feito e só precisa ser escrito. Mas se você me perguntar a que vem esta que escrevo, não sei. É uma divagação sobre os percalços que enfrentamos nestas primeiras experiências profissionais, sim, mas é também uma tentativa de entender o que leva pessoas a falarem barbaridades para uma página em uma rede social e perderem tempo de suas vidas tentando combater um tema que sequer estava em pauta. Queimaram uma bruxa, pelo amor de deus!

Há quem diga que a Idade Média é aqui. Eu discordo. Quisera eu ser estagiário na Idade Média e receber pergaminhos de uma fúria cordialíssima ao invés de um sujeito X aparecer nas minhas notificações às 8h30 da manhã com as seguintes palavras: “fora coisa escreroza vai se lascas nos quinto dos inferno”.

Agora chegou mais uma, eu leio: “PEÇO AO SENHOR JESUS CRISTO QUE ELE DERRAME SOBRE ESSE LUGAR O ESPÍRITO SANTO...” (ok, não foi em caps lock, mas eu o imaginei gritando).

Na verdade, meu medo agora não é desses grupos conservadores. É dormir e sonhar com o Alexandre Frota pintado de azul gritando ao telefone com Judith tentando cancelar a vinda de Judith enquanto queima uma boneca de Judith (assim mesmo, sem vírgulas). Olha o que você fez, Judith! Não sabe que não pode incomodar a família tradicional brasileira?

Dario veio falar: “pra mim tem que fechar as portas”. Pois fique tranquilo, Dario. Fechamos as portas todos os dias, às 22h.

Mas o Vicente... ah, o Vicente fez uma pergunta capciosa. “Afim os dirigentes do Sesc querem que todos os homens virem viados?”.

Vicente, minha ética jornalística não permitiu que eu te respondesse

no Facebook, mas se você estiver lendo este livro, enquanto funcionário do Sesc e viado, eu respondo:

Sim, queremos.

GUANABARA

Por Victor Hugo Capelini

Com a chegada dos termos em inglês, banners com cores quentes e números acompanhados pelo símbolo de porcentagem, o espectro da crise econômica se apequena, afinal o varejo decreta o início da Black Friday - perdão, Black Wee... Black November? Entendi, em alguns lugares é Yellow and Black e em outros é Red, certo? Bom, o que realmente importa são as oportunidades que este período apresenta aos brasileiros: dar a entrada em um imóvel bem localizado, garantir a vaga em um curso profissionalizante ou comprar caixas de som da JBL por R\$ 359,90.

Brincadeiras de lado, espanta-me o efeito que um simples título tem sobre a sociedade. Sete anos atrás meu único contato com a sexta-feira mais turbulenta do ano se dava por vídeos de americanos aglomerados frente às portas de uma loja de departamentos, planejando o trajeto que fariam para alcançar a tão sonhada TV Full HD sem serem pisoteados no meio do caminho. Claro, o Supermercado Guanabara tem sido palco de um fenômeno similar há 24 anos, mas a realidade de uma loja carioca não se aplica ao resto do país, ou melhor, não se aplicava.

Só consegui compreender o impacto da tal Black Friday quando meu chefe me envolveu em um projeto sobre a dita cuja. Em uma busca rápida pela plataforma de monitoramento da agência cheguei à conclusão de que o termo "Black Friday" fora mencionado 469.200 vezes nos 23 dias que antecedem a data oficial. Uau. Por incrível que pareça esse não é o dado mais curioso! Entre as palavras que mais aparecem nesses artigos/tweets/posts o grande destaque é "fraude". Resumindo: o brasileiro é altamente engajado com a data, mas não porque ele quer aproveitar os descontos. O objetivo principal é falar o quão sacanas são os lojistas por trás das promoções!

Eu havia matado a charada. Nosso negócio é o deboche, nada desse consumismo desenfreado que os americanos insistem em "compartilhar" com o mundo! Voltei pra casa na quinta-feira me sentindo vitorioso, feliz

com a ideia de que meus compatriotas gostam mais de piadas do que descontos nas Lojas Americanas. Pra comemorar corri pro computador e chamei um amigo para uma partida do nosso jogo de tiro on-line favorito. Entre um round e outro percebi que minha mira não estava tão precisa quanto de costume, talvez fosse algo errado com o mouse? Eis o caminho rumo à ruína.

Abro um site de informática e me deparo com promoções de 30, 50, 70 por cento em todos os tipos de itens! Acho um mouse muito superior ao meu atual por metade do preço, mas há um detalhe: a oferta só ficará ativa em duas horas. Decido esperar e enquanto isso falo com meu amigo sobre fones de ouvido:

Qual o máximo que você pagaria? Há uma marca superior? A diferença de som é significativa? O que voc... OPA! Um ótimo headset acabou de entrar em promoção, acho que vou aproveitar! Aliás, alguns jogos estão saindo por um ótimo preço naquele outro site, devo garantir um ou dois. DROGA! Faltam só cinco minutos pra promoção do mouse, vou ficar de olho porque eles só têm 3000 em estoque. LIBEROU! F5 F5 F5 F5 F5... Certo, agora só falta o boleto! Isso, vamo lá, vamo lá, quê? JÁ ESGOTOU? Não acredito nisso.

Eram duas da manhã e eu tinha falhado na missão de comprar o maldito mouse.

Olho para a TV ao lado e vejo um repórter em uma fila com várias pessoas, todas elas ansiosas para a abertura de sua loja favorita. Os seguranças liberam a entrada. Empurrões, senhoras ao chão e muita, muita gritaria. Eu me vi no meio daquelas pessoas, apenas outro ser humano que abandonou qualquer resquício de dignidade em troca da oportunidade de ser um consumidor satisfeito. Talvez todas as piadas com "metade do dobro" e "Black Fraude" sejam apenas maneiras de externalizar a frustração de ter perdido uma promoção imperdível, ou talvez seja uma estratégia desesperada para arrancar mais alguns descontos dos lojistas.

Ao final do dia não somos nada mais do que um rebanho perdido na imensidão do consumismo desenfreado que arrasta nossos corpos até... MEU DEUS DO CÉU! AINDA TEM ESTOQUE DO MOUSE! É AGORA QUE EU PEGO ESSA DESGRAÇA!

MORREU A PERSONAGEM DO MEU PRIMEIRO PERFIL

Por Vitor Garcia

Não é raro me vir à mente aquele dia chuvoso, no qual faltei ao trabalho a fim de ir atrás da minha primeira personagem para um perfil. A história seria veiculada em um jornal laboratório da universidade, focado em uma comunidade colada a ela. Dois mundos tão diversos, separados por um simples muro e cujo único caminho de ligação era uma passagem estreita.

Do lado de dentro daquele mundo acadêmico, o contraste entre alunos majoritariamente de classe média e brancos, com um número reduzido de pessoas pobres ou negras. Na comunidade, a pobreza e a vida humilde daqueles que também sustentam aquela universidade, mas da qual poucos terão a oportunidade de realmente fazer parte. De colocar as futuras gerações de suas famílias para estudar lá dentro, em busca de um sonho ou mesmo da esperança de um futuro melhor. Mundos tão próximos, quase grudados, mas ao mesmo tempo tão distantes.

Naquele mundo pobre, colado ao meu e encostado nos muros de uma das maiores universidades do país, depois de muito vagar por vielas estreitas e desconstradas, finalmente acho uma forma de me encontrar com a minha personagem. Na época, a senhora de bastante idade já estava acamada, após sobreviver a dois AVCs.

Figura forte e muito querida na comunidade por todo o trabalho desenvolvido com as crianças do local, tia Eva, como a chamavam, havia deixado seus dias de andanças pela comunidade São Remo para passar longos dias presa em sua cama. E ainda, em uma minúscula casa, escura e pouco arejada, mas ao mesmo tempo organizada e bem cuidada. A humilde casinha azul, logo que você adentra o mundo onde ela sempre viveu.

Quem me leva para conhecê-la é sua vizinha, da casa à frente. As duas mantinham cada uma um bar logo defronte à passagem de pedestres entre a USP e a favela. Embora frente a frente, a vizinha é incisiva em afirmar que nunca houve rivalidade entre elas. Acredito. Já que naquela

época, por sinal, era justamente a faladeira vizinha que cuidava da senhora acamada, enquanto a irmã, que morava também na casa, trabalhava ao longo do dia.

Nunca travei diálogo algum com a minha personagem. Ao menos não com palavras. A senhora guerreira já havia perdido também a faculdade da fala. O que eu ouvia eram sussurros e grunhidos, ininteligíveis para mim.

Apesar disso, eu falei e ela respondeu. Suas afirmações vieram, em um primeiro momento, por meio de seus olhos brilhantes e vivos. Após isso, as respostas foram dadas por resquícios de lágrimas, quando afirmei que uma história sobre ela estava sendo escrita, com a ajuda de uma série de amigas próximas. Reconheci ali para ela a importância do trabalho desenvolvido ao longo de seus anos na comunidade. E de lá voltei para o meu dia, na chuva. Para a minha realidade.

A matéria saiu e aos poucos fui me afastando daquele dia. Correrias do cotidiano, outras matérias para escrever, tempos gastos com preocupações desnecessárias. Uma postagem em um grupo da faculdade, contudo, trouxe-me de volta e com ainda mais força para aquela tarde chuvosa, em um mundo que não era o meu. Tia Eva havia morrido.

Estava ali, diante de mim, meu primeiro choque enquanto jornalista, de muitos que sei que ainda virão. Parte do ofício, mas aquela era a primeira fonte que perdi. Mais que isso, uma personagem que me tocou, pessoal e profissionalmente, apenas com um mero brilho no olhar. E sem ao menos desconfiar disso.

Desde esse dia então, amparo-me ainda mais no jornalismo. Já o amava, mas hoje, é meu apoio. Ele, por meio de suas ramificações que atravessam todos os cantos de nossa vida e toda a superfície e o subterrâneo de nosso planetinha azul, consegue eternizar pessoas e momentos. Vidas simples que talvez passassem despercebidas, mas que contribuem para termos uma realidade um pouco melhor, encontram nas páginas dos jornais, sejam essas em papéis ou pixels, a oportunidade de se eternizarem. E de se espalharem para um mundo além daqueles muros de contrastes e, às vezes, tão preto e branco.

Para quem diz que o jornalismo está morto ou morrendo, declaro: na verdade, ele nunca esteve mais vivo e nunca antes precisamos tanto dele. Nem que seja apenas para eternizar tias Evas.

ESPORTES

PÉ-QUENTE

Por Adriano Leonel

Do alto de seus seis anos, ele já sabia muitas coisas. Conhecia Saturno e seus anéis, a lei da gravidade e sua maçã, até a tabuada do 6 ele já tinha decorado. Estava indo muito bem na escola e isso não era nenhuma preocupação para a família. Praticava natação, tinha trocado de faixa no judô e dava seus chutes na bola. E era nessa hora que a apreensão chegava: quando jogava o esporte bretão e marcava seus golzinhos, o jovem não gritava de maneira orgulhosa o nome de nenhum time.

— Nessa idade ele já não deveria ter decidido? — perguntava o avô palmeirense.

— Se não escolher logo um time vai perder o melhor do esporte. — opinava o padrinho, orgulhoso torcedor da Lusa.

— No final vai acabar torcendo para o time que for campeão, é sempre assim. — cravava a tia, uma das corintianas da família.

Quando a discussão começou a rondar os almoços de domingo de fim de ano, a outra corintiana, a avó materna que nunca gostou das coisas mal resolvidas, disparou:

— Sábado que vem ele vai comigo pra Itaquera e vai voltar torcendo pro Timão!

O pai não gostou nada da ideia, mas vindo de família portuguesa, na qual a última fala era sempre da matriarca, engoliu em seco e torceu por um revés alvinegro. Teve sorte, 0 a 0 em jogo morno com o Atlético Paranaense, mas ele sabia que em um estádio muitas vezes o resultado é o de menos. Na terça, ao buscar o filho na escola, sondou:

— E aí, como foi o jogo?

— Foi bem legal.

— Ah é? O que aconteceu?

— O Corinthians quase fez um gol, daí todo mundo gritou.

— Só isso?

— Só.

O rumo da conversa encheu o pai de esperança, nada tinha sido decidido ainda. Mas ele sabia, não poderia errar. Enquanto isso, o time do avô foi campeão do nacional e realizou as melhores contratações na pré-temporada. A pressão do avô, que era apaixonado pelo neto, começava a surtir efeito e, quando perguntado para qual time torcia, a criança respondia “Palmeiras”.

Passaram-se seis meses e, com paciência, o pai esperou. Ouvia seu filho dizer ao avô que era palmeirense, à avó que era corintiano, à mãe que torcia só para o Brasil. Mas seu time contratou um antigo ídolo para ser treinador — bom sinal, ele costuma ser um cara vencedor. Na pré-temporada ganhou um troféu em cima de rival. Não empolgou no Campeonato Paulista, é verdade, mas mostrou um futebol ofensivo, e contratou um grande centroavante. Era chegada a hora da cartada.

Com dois ingressos comprados, o pai decidiu arriscar tudo. Noite de sábado, seu time — com um elenco titubeante e sem empolgar ninguém — contra o time do avô — atual campeão brasileiro, dono do melhor atacante das Américas, favorito ao bicampeonato e com dois ex-jogadores de seu time nas laterais. Sabe como funciona essas coisas de jogador que enfrenta o time anterior, né?

O pai guardou duas de suas camisas do time na mochila e buscou o filho, pegaram primeiro o metrô e depois um ônibus. Já no ponto sacou as camisas e vestiu uma com rapidez, enquanto o filho colocou a reservada a ele de forma hesitante. No ônibus, ao mesmo tempo que ouvia o pré-jogo, o pai quis tirar algumas fotos e fingiu não perceber quando o filho teve o cuidado de esconder o escudo que, devido ao tamanho da camisa, ficava próximo ao umbigo. Foram caminhando e conversando até o estádio, com o pai falando o quanto estava feliz por esse momento e ansioso pelo jogo. O filho concordava com tudo.

Entraram no estádio poucos minutos antes do jogo começar. Sentado no ombro do pai o filho observa aquele estádio lotado, com pessoas gritando, xingando e cantando sem parar. Fim do primeiro tempo e zero a zero. No intervalo pediu uma pipoca e água, que o pai comprou rapidamente. Início do segundo tempo, de volta aos ombros. Algum tempo se passa, o time de verde ia para um lado, o de branco para o outro. Gol. O pai está pulando feito um louco, gritando, segurando com força suas per-

nas enquanto a arquibancada balança de verdade. O filho também grita “gol”. Poucos minutos depois todos no estádio estão xingando o juiz. Ao olhar para o pai, percebe que ele está com cara de quem perdeu o pirulito na hora do lanche e pergunta o que está acontecendo.

– Ele marcou pênalti para o Palmeiras, meu amor.

Um dos ex-jogadores do time vai para a bola. E erra. O estádio grita e pula como se fosse mais um gol – o que realmente acontece no fim da partida. 2 a 0 para o time do pai do garoto, que antes de passar pelos portões fez a pergunta que o pai tanto esperou:

– Pai, me compra uma camisa do São Paulo?

Os dois procuraram uma loja no Morumbi. O pai entraria no cheque especial, mas faria isso com a maior felicidade do mundo. Acontece que não há uma loja aberta no Morumbi nos fins de jogos nem para comprar camisa, nem copo, nem chaveiro, nem qualquer lembrança que seja para marcar aquele momento especial. O pai, antes de entrar no ônibus de volta para casa deixa 20 reais na mão de um ambulante, e o filho, com uma camisa do tamanho certo, recebe várias parabenizações de pessoas desconhecidas no transporte público quando conta para todos que esse foi o primeiro jogo do tricolor que foi acompanhar no estádio.

ESPORTE?

Por Carolina Vacchi

“O esporte não é valorizado”, foi o que pensei durante toda a coletiva do jornalista Celso Unzelte, mesmo ele não sendo explícito sobre isso. Aquela falação em torno do futebol, como se resumisse o esporte, estava me deixando nervosa. Para deixar claro, eu não tenho nada contra o futebol, só não entendo toda essa acumulação de espetáculos em torno de uma modalidade. Apenas uma. Talvez o que me incomode, na realidade, é a quase inexistência dos outros esportes. Quem vai em uma tarde de domingo assistir um torneio de ginástica olímpica? Tênis de Mesa? Não passa de um passatempo nos intervalos da escola. Bossaball? Badminton? Nunca vi, nem ouvi, nem ouço falar. Eu sei disso, você sabe disso, todos nós sabemos dessa realidade. Mas, o que mais me fere nessa imensidão de quase inexistência, é a desvalorização do Handebol. Handebol? Aquele futebol, só que com a mão?

Não desmerecendo nenhum outro esporte, mas o balonmano é quase uma religião para mim. Comecei a jogar quando tinha 12 anos, seguindo os passos da minha irmã, que seguiu os passos do meu pai, que coincidentemente, conheceu minha mãe por causa da modalidade. Foi por causa do “hand”, apelido carinhoso, que aprendi a ter disciplina, entender a importância e a forma de trabalhar em equipe. Saber que ganhar é importante, mas perder te ajuda a melhorar. Saber que podia sair da dieta, “amanhã tenho treino e corro duas vezes mais que o normal”. Aprendi a correr e respirar ao mesmo tempo – parece uma tarefa fácil, mas você já tentou fazê-la por mais de 5 minutos? -. O esporte me presenteou com amizades de onze anos, com modelos de liderança e, principalmente, se mostrou ser uma grande paixão da minha vida.

Essas alegrias que o esporte havia me dado continuaram mesmo quando entrei na faculdade. Mas felicidade veio colada com um sentimento de tristeza ao perceber que o esporte universitário também é pouco valorizado.

E muito precário. Teria inúmeras histórias engraçadas e trágicas ao mesmo tempo para contar, como quando tivemos que secar a quadra com nossas blusas e jalecos para jogar, pois não haviam panos. Ou como perdemos todas nossas bolas porque o saco onde elas ficam molhou, e elas mofaram. E agora temos bolas doadas, péssimas. Ou quando demos duas horas para chegar no treino, e assim que pisamos na quadra começou a chover e fomos comer uma pizza, porque no esporte universitário ter quadra coberta é um mito. São muitas situações, momentos e vivências que me mostraram como não temos nenhum auxílio. Atualmente estamos vendendo rifa para pagar nossa técnica. Quer comprar um número?

Mas mesmo com as dificuldades e desvalorização do esporte universitário, do handebol e do esporte em geral, estar nesse meio traz uma sensação inexplicável de fazer parte de algo maior. As meninas do meu time se tornaram minhas melhores amigas da faculdade. Nós somos diferentes e se não fosse o perrengue que passamos com o handebol ecano, jamais teríamos nos conhecido neste mundo universitário – muito menos seríamos amigas tão próximas. O mundo é cheio de desvalorizações, mais ver o copo “meio cheio” é uma arte que a vida nos ensina para viver com mais leveza e alegria. Eu sei disso e, mesmo não colocando em palavras, o Celso também sabia.

SILÊNCIO, POR FAVOR!

Por Jasmine Olga

A vida é um grande compilado de decisões tomadas em 25 segundos. Correr pelas escadas para não perder o próximo trem, furar ou não a dieta ao aceitar o pedaço de bolo, beijar ou não a pessoa desejada. Tempo suficiente para o passe de bola perfeito que se transforma no gol no final da Copa e na memória mais doce de uma nação.

25 segundos foi também o tempo que Andy Murray teve para sacar o ace que pintaria de dourado as páginas da história. Wimbledon, agora com o seu sagrado gramado tão surrado que daria inveja a qualquer campo da base boleira canarina, contava pela primeira vez em cores a sua história. Sua platéia podia finalmente soltar o grito de campeão do peito, sufocado por duas horas de silêncio milimetricamente ensaiado.

Acompanhar uma final de Grand Slam e uma final olímpica in loco fora coisa dos meus delírios mais irreais e sagitarianos, mas naquele momento era minha realidade. Ali, estava a nervosa e viajante pré-vestibulanda de medicina, sentada nas cadeiras da história pela segunda vez em tão pouco tempo (claramente ainda sofrendo pela emocionante derrota do mesmo Murray para o mesmo Federer naquele mesmo lugar menos de um mês antes).

Durante essas duas horas de ângulos perfeitos, saques indefensáveis e um duelo digno das telas de cinema (teatralmente interrompidos por 25 segundos de palmas), minha mente não acompanhava o silêncio da torcida.

A paixão pela simbologia daquele momento não saía da minha cabeça. Como dizer aos meus tradicionais e preocupados pais que meu coração batia mais forte com a ideia da caneta e do papel, da tinta que mancha a mão e embrulha o peixe no dia seguinte, do que do estetoscópio? Um riso de nervoso me perseguia, e ele não tinha nenhuma ligação com a performance do meu tenista favorito dentro de quadra.

A realização de que o esporte me guiaria não foi a minha realização de

25 segundos. Não era nenhuma surpresa. O esporte sempre esteve ao meu lado, guiando minhas paixões e relacionamentos. Ele criou minha primeira memória – segurar uma raquete pesada demais para mim, ou aprender a gritar: “gol do Corinthians”. A verdadeira surpresa foi ter coragem de admitir que eu deveria ir atrás daquilo que me completa, me satisfaz e transforma uma ideia naquilo que sou.

O silêncio entre pontos acompanha uma tensão quase elétrica. Meu olhar ousou fugir das raquetes geniais na minha frente duas ou três vezes, para procurar pelas cabines de transmissão e a lendária sala de imprensa. Dali elas me pareciam como pequenas caixas verdes de magia e encantamento.

Elas me lembravam minha própria caixa de magia e encantamento, a internet. Se dali surgiam os primeiros impulsos para os mais respeitados comentários do globo, eles serviam de inspiração para os meus apaixonados tweets sobre os backhands e forehands e split steps e outros tantos termos desconhecidos do público que meu entusiasmo e paixão transformavam de impulsos de 140 caracteres. A internet que me mostrou que paixão, entusiasmo e qualidade seduzem e transformam.

Aquele foi o tempo de admitir. Meu medo sempre foi o de não ser fácil. O jornalismo esportivo sempre considerado como “de quinta” por aqueles que se viam tratando de temas mais “nobres” e “refinados” sempre me inspirou paixão, mas o medo pela rejeição fez com que até mesmo uma ávida fã do esporte como eu o desprezasse.

Naquele templo sagrado da história, onde raquetadas e suspiros soam como uma oração, eu percebi. Não existe nobreza maior do que sua paixão. Talvez eu já tivesse entendido meu propósito neste mundo (quantas vezes fui o motor para a quebra de preconceitos contra o meu esporte favorito? quantos pegaram em raquetes por intermédio da minha paixão?). Foi preciso apenas viver minha grande paixão mais intensamente para perceber que o jornalismo esportivo era o meu futuro, haja o que houver.

25 segundos. O tempo entre um ace, um grito e a comemoração de uma nação que acaba de derrubar mais um tabu e entrar para a história.

25 segundos. Entre o silêncio da dúvida e a euforia da certeza.

Game, set and match! Tá decidido que a partir de agora o mundo precisa me ouvir e sentir vontade de jogar o meu jogo!

“NÃO VAI DAAAAAAAAAAR, DIGA-SE DE PASSAGEM”

Por Lucas Matheus de Souza

Era domingo quando sentei no sofá vermelho da casa da minha mãe, em Santo Antônio de Posse, para ver o Timão. O Corinthians era líder do campeonato brasileiro, seis pontos à frente do Palmeiras. Confesso que o medo me consumia, o time jogava mal e o rival vinha em ascensão. Mas como corintiano não desiste nunca, sentei para ver o jogo contra a Ponte Preta. A bola rolou, e o ar, de repente, se fez rarefeito. O quadro atrás da TV, antes uma cópia de Abaporu, agora não estava mais lá. Naqueles noventa minutos, o mundo se resumiria a mim e à TV.

O jogo seguia morno, nenhuma chance para nenhum dos lados. Já me preparava psicologicamente para o segundo tempo, quando então, de repente, a “lei do ex” entra em ação e Lucca, um ex-corintiano, abre o placar para a Ponte Preta. “Não pode ser!”, penso, “O time do povo vai realmente deixar o título escapar para o seu maior rival? Nada pior do que isso pode acontecer, espero que seja um sonho...” Não era. E o juiz apita o final do primeiro tempo.

Começo a transpirar, o meu maior pesadelo estava acontecendo. Como vou trabalhar na segunda? Será uma tortura aguentar aquele cabelo de boneca, diga-se de passagem. O segundo tempo passa sem nada acontecer. Os caras estão numa tiriça violenta. A Ponte Preta ganha o jogo. Na segunda, o Palmeiras vai jogar para tentar se aproximar ainda mais do Corinthians. A tristeza toma conta de mim. O time está jogando mal e, infelizmente, perderemos o título pros porco.

Amanhece a segunda-feira e a tristeza se transforma em raiva. Saio para comprar pão e o porteiro do prédio pergunta, em tom de zoação: “E aí, e agora o curintia?”. Eu, mal-humorado, respondo: “E agora sua mãe...”, e bato o portão. Não aguento mais isso. Na volta, mais calmo, peço desculpas ao homem e entro. Preciso me acalmar, preciso ir à TV.

Mais tarde vou trabalhar e lá se vão mais algumas horas de sacanagem comigo...

Vou para a redação, vejo a entrevista coletiva do Carille e não acredito na apatia do cidadão: "Vai dar, vai dar...", ele insiste. "NÃO VAI DAR NÃO, CARILLE, NÃO VAI DAAAR", grito na redação, na mesma hora que chega Ronaldo Giovaneli, maior goleiro da história do Corinthians. Começamos a nos lembrar dos nossos tempos de jogador. Se fosse naquela época, esses caras estariam voltando a pé de Campinas e depois apanhariam de gato morto até ele voltar a miar. "É brincadeira? Perder o título mais fácil que já existiu? Vou entrar na goela deles ao vivo, mermão."

É meio dia e quarenta e cinco, o programa começa em quinze minutos. Vou para a maquiagem. Sinto que as maquiadoras estão tensas, parece que sabem o que está por vir. Cinco para a uma, cumprimento os comentaristas, os câmeras e o resto da equipe. Três para a uma, me posiciono e meu coração começa a palpitar forte. Contagem regressiva: 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1. Olho para a câmera um e começo. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. "Começando agora mais um programa e eu queria mandar um recado pros jogadores do Corinthians..."

O VERDE DA ETERNIDADE

Por Rafael Paiva

Uma corrida num gramado repleto de papéis picados e objetos brilhantes.

O estádio quase vazio, o título conquistado e a torcida eufórica para colorir a Terra da Garoa de verde e branco.

Dentre os poucos que quiseram aproveitar até a última cena e o último suspiro do Allianz Parque enfeitado, fruto do título nacional conquistado pelo time da casa após mais de duas décadas, um acontecimento um tanto quanto inesperado chamou atenção.

Cerca de cinco atletas da equipe visitante, que não atuaram ou jogaram poucos minutos da partida, começaram a dar voltas ao redor do campo. Num cenário pouco apropriado para a atividade física, executavam movimentos leves, mas com objetividade.

Com gritos de incentivos por parte da maioria presente e uns mínimos xingamentos (voltados para um jogador que não tivera uma boa passagem no clube de São Paulo), os esportistas moviam-se centrados. Tudo indicava que aquele horizonte servia como inspiração para elaboração da festa que planejavam.

Não seria uma festividade qualquer. Pararia uma cidade inteira do interior catarinense. Atrairia os olhos não só do Brasil como de toda a América do Sul. Chapecó seria o cenário do continente nove vezes campeão do mundo por um dia, uma semana, um mês...

Para isso, bastaria obter resultados positivos nas duas partidas que se aproximavam: uma na Colômbia e a derradeira no Brasil. O "Verdão do Oeste" deveria assumir, pela última vez, o papel de Davi e derrotar o mais difícil dos Golias. No caso, o atual campeão da Libertadores, Atlético Nacional.

Trajetória singular. Perfeita para os amantes das boas histórias. Fascinante para um "foca" com afeição ao inesperado.

"Já pensou que sensacional seria acompanhar essa viagem?" Essa

foi a indagação que proferira no intervalo da partida ao meu pai, meu grande companheiro nas empreitadas palestrinas.

Uma última olhada na corrida, um foco na paisagem da solenidade que ocorrera e um suspiro de campeão. Essas foram as últimas ações antes de me dirigir aos degraus que levavam à saída da arquibancada. Só queria saber de comemorar.

A manhã do dia 29 de novembro de 2016 ficou marcada por uma sensação de angústia sem precedente.

Depois de ouvir o barulho da porta do quarto sendo aberta, ainda em estado sonolento, observei o semblante tristonho do meu pai, que já denunciava uma situação embaraçosa.

“O avião da Chapecoense caiu. Os caras que vimos no domingo, a delegação, os jornalistas...”

Sentei-me e fiquei por alguns minutos com uma fisionomia de incredulidade. Os seres humanos, os pais de família, os atletas e os profissionais que poderiam escrever um dos encerramentos mais belos dentre os escritos esportivos saíram de cena antes do capítulo final.

As feridas do ocorrido, até o momento, não foram cicatrizadas.

No lugar em que entoo cânticos, grito, corneto, abraço pessoas durante a comemoração de gols, tiro fotos com ídolos, vejo meu time conquistar vitórias e erguer taças, uma cena muito além da existência de agremiações e da importância que damos a elas se repete constantemente na minha consciência.

Em determinados momentos, imagino aqueles atletas dando voltas e mais voltas num cenário repleto de papéis picados e objetos brilhantes. Nessas horas, concluo que não se trata somente de um esporte. Por meio dessa prática, seres divinos bailam na linha do tempo terrestre.

Minha óptica, na verdade, foi incapaz de perceber que aquela não era somente uma corrida em meio à comemoração. Tratava-se de uma dessas apresentações sublimes, na qual seus atores principais demonstram aos mortais seus últimos atos e marcham em direção à eternidade.

Ao término do devaneio, escuto do além: “Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo”.

TELA VERDE

Por Thiago Duran

No apartamento, do nono andar, um acima de onde o Belchior gritava algo sobre ser o infinito, vejo, através de uma das janelas do prédio da frente, uma TV com a tela iluminada predominantemente de verde. É quarta-feira. Futebol. Não que eu fique bisbilhotando vizinhos por entre as minhas cortinas. Mas tenho muito gosto do cenário que se avista a partir do meu quarto. E, às vezes, num lance, algo entre as pequenas janelas paralelas daquele prédio salta à minha vista, detendo por instantes a minha atenção.

Eu, que aprecio mas não sou dos maiores fãs do esporte bretão, corinthiano não praticante, torcedor de final de campeonato, de mata-mata de Libertadores, pego-me observando aquela tela verde, do outro lado da rua, tentando discernir o que se passa. Meu campo de visão abrange uns dois terços da tela e uma parte do chão de piso frio. Não vejo ninguém, não sei quem mora ali, nem se realmente torce pra um dos times que está em campo ou que não está. Mas a TV sintoniza o futebol.

A falta de uma antena que capte o sinal aberto – ou fechado – da TV, e a temporária queda do sinal da internet naquela noite não me impediram de ser mais um a fazer parte, por um momento, daquele mundo que existe alheio às crises pessoais e do país. Um mundo que emerge todas as quartas e finais de semana.

Pudera. Nessa terra, apelidada de país do futebol, é quase impossível permanecer à parte desse universo. Toda quarta, no caminho de casa, entre as luzes de mercúrio e de LED, num boteco ou em outro ou em todos, aquela tela verde é o padrão. No metrô, alguém sintoniza o jogo. Sempre aquela olhadela, de rabo de olho, tentando visualizar o placar na tela diminuta. Andando pela rua, aquele diálogo clássico dessas noites, “quanto tá?”. “Tanto a tanto”. Não há desatenção que impeça qualquer um de saber o campeão brasileiro desse ano.

Na tela do apartamento do outro lado da rua, assistir realmente a al-

guma coisa, é praticamente impossível. Não tenho miopia mas a grande distância veta qualquer possibilidade de visão clara do que acontece naquele pequeno retângulo, mesmo para os melhores olhos. Alguns minutos concentrado em outros rumos e, subitamente, gritos, buzinas. Gol de quem? Retomo o olhar para a janela com a tela verde e entra no meu campo de visão um braço estendido em comemoração. Do time do vizinho? Contra algum time que não simpatiza? Sabe-se lá.

Fato é que por aqui o futebol é um bálsamo. Não como um alienador, mas como um alento pra quem tem tanta coisa na cabeça, na coluna, no pé. Quase nada no banco. Um oásis de distração no deserto da semana de quem sai de casa às seis da manhã e chega às nove da noite. De quem dorme pouco. De quem trabalha exaustivamente e corre o risco de não ter mais data para se aposentar.

Naquela quarta compreendi que, de uma maneira ou de outra, o futebol acaba nos alcançando e alçando nossa atenção a outros caminhos. Ou ao outro lado da rua. Mais gritos. Mais buzinas. Fim de jogo. Gente satisfeita e gente puta. Volto da minha dispersão e dou uma última espiada na tela. Não é mais verde. Fecho cortinas e vidraças. Quase meia-noite. Amanhã é quinta-feira.

AS JUSTIFICÁVEIS LOUCURAS DO FUTEBOL

Por Vitor Tezzon

Eu deveria ter comparecido àquela aula de Jornalismo e Gêneros. Não lembro exatamente o motivo da minha ausência, mas me recordo muito bem da troca de mensagens que tive naquela mesma sexta-feira à noite. Percebi que era dia da coletiva de esportes e perguntei para minha namorada, que também cursa a disciplina, “quem é o convidado mesmo”. Ela responde, “Celso Unzelte”. É, eu realmente deveria ter ido à aula... Não apenas porque sou um fanático por futebol (ou melhor dizendo, louco por futebol), mas também para poder prestigiar um jornalista pelo qual tenho grande admiração. Seria mais uma sexta-feira à noite que iria me sentar e ouvir as mais diversas histórias sobre o esporte que tanto amo, só que dessa vez não seria pela ESPN e não teríamos a companhia de Marcelo Duarte e PVC.

Nesse momento, entre as minhas reflexões futebolísticas, lembrei da única vez em que vi Celso Unzelte pessoalmente. Foi em um evento chamado Loucos por Literatura. Com a mesma dinâmica do programa da TV, Marcelo, Celso e PVC sentaram nas cadeiras do auditório da livraria Saraiva e contaram como a literatura foi um dos alicerces para o futebol entrar em suas vidas. Entre as diversas lembranças compartilhadas, uma história em particular me marcou muito. Acredito que seja relato do próprio Celso, não me lembro bem, pois já faz muitos anos. Mas para fins narrativos, vou afirmar que realmente era dele essa história.

No passado, em toda nova edição da revista Placar, alguns escudos de clubes vinham estampados em suas páginas. Era uma alegria quando vinham clubes novos e desconhecidos. Celso, que comprava todas as edições, recortava cada um desses escudos e depois fazia dez cópias (para sua infelicidade, sem cores). Juntava as 11 figuras (com apenas uma colorida) e montava times de futebol de botão com elas. Em uma ocasião específica, a Placar decidiu lançar uma edição especial contendo mais de 100 escudos de clubes. Então Celso guardou o seu dinheiro até

o último centavo, economizou tudo que podia, e assim fez o seu grande investimento até então: comprou onze revistas Placar!

Com todas aquelas páginas em mãos, poderia recortar um escudo colorido de cada revista e, finalmente, montar uma infinidade de jogos de botão com 11 jogadores coloridos.

Quem não é apaixonado por futebol nunca vai entender as nossas loucuras – nem que sejam justificáveis apenas para nós mesmos. Sofrer pelo time, fazer promessas, colecionar camisas e saber o hino de todos os clubes do país não são detalhes, é a nossa essência. Para nós, loucos por futebol... futebol de botão é coisa séria!

CULTURA

DEVOÇÃO

Por Bárbara Reis

Jogos de futebol não são apenas indiferentes para mim: eles me irritam. É barulho demais para um esporte monótono e, principalmente, uma partida é sinônimo de ter que ouvir meus pais (e o resto da cidade) gritando no meu ouvido em intervalos irregulares. É difícil entender como algo tão impessoal pode se tornar um fator identitário; algo ao qual seu coração está conectado de forma irreversível.

Mas algumas pessoas têm o dom de fazer o difícil parecer fácil, nem que apenas por um instante. Em uma noite de sexta-feira, Celso Unzelte transitava entre conhecimento enciclopédico e memórias ternas de emoção alheia àquele pedaço de cultura popular que sempre me pareceu alienígena. Eu não poderia te dizer bem o que é um pênalti, muito menos o que diferencia um campeonato de um amistoso — se eu tentasse, tais palavras ocupariam a minha boca desconfortavelmente, como uma roupa de segunda mão. O sentimento que coloria cada uma das frases que saía do jornalista, no entanto, eu conhecia muito bem.

Foi com esse sentimento que expliquei a ele e mais duas amigas, algumas horas depois, no que consistia o processo de masterização de um álbum. Como qualquer conhecimento técnico, aquela informação só adquirira significado para mim por ter sido parte de uma série de descobertas feitas em meio a um universo que me fascinava e me levava a pular de link em link pela internet e também de um lado para o outro em um gramado qualquer. Já vi Paul McCartney no estádio do Morumbi, sentada em um banco que geralmente é ocupado por uma daquelas pessoas que eu não compreendo direito. Naquele show, inclusive, reclamei do som, porque um estádio é feito para que as plateias sejam a grande atração — pensando nisso, talvez a fascinação por esse esporte não seja tão incompreensível.

Quando eu tinha cerca de treze anos, uma professora de redação disse à sala que você podia acreditar no que quisesse, mas “precisava ter

alguma religião". Sem isso, segundo ela, correríamos o risco de não querer seguir em frente ou qualquer outra coisa assustadora e vaga do tipo. No ápice do meu ateísmo, só consegui reagir com ultraje. Hoje, acho que só lhe faltava uma visão mais ampla. Nunca a vi falando sobre Deus, mas suspeito que seria assustadoramente parecido com Celso falando sobre futebol, ou Bárbara falando sobre música.

Nós três conhecemos rituais: a missa, a partida de quarta, a primeira vez escutando o álbum novo de uma banda favorita. Temos a nossa própria língua: uma prece, um grito de guerra, uma letra. E, definitivamente, somos igualmente familiarizados com os conceitos de devoção, sacrifício e fé — seguimos acreditando em nossos ícones, os quais conhecemos dos pés à cabeça e não trocaríamos por nada, e acredito que todos nós já abdicamos de outras experiências para acomodar nossas respectivas prioridades. Poderíamos dizer que foi o brio jornalístico que impeliu Celso a catalogar inúmeras partidas e percorrer a cidade recolhendo depoimentos sobre um time, mas a verdade é que um trabalho desses só pode surgir do afeto que aquela professora só era capaz de conceber como religião.

Vi parte de mim nos olhos brilhantes e falas aceleradas que carregaram a presença do jornalista pelas horas que passou em um pequeno auditório do Departamento de Jornalismo e Editoração. Cada sílaba que saía de sua boca deixava evidente que, para ele, nada poderia ser mais fascinante do que aquilo. "Ela sabe tudo sobre música", uma de minhas amigas disse após a minha breve explicação sobre o processo de finalização de um disco. "Se é disso que você gosta, é sobre isso que você tem que escrever", ele replicou, como se fosse a coisa mais simples do mundo. Mas como eu já falei, ele é uma daquelas pessoas que consegue fazer o difícil parecer fácil; e naquele dia, fui para casa com uma vida inteira de devoção remunerada em mente.

UM OUTRO OLHAR

Por Bruna Nobrega

Quinta-feira é um dia corrido. Ainda tento entender por que eu resolvi pegar uma aula optativa pra fazer de manhã sendo que eu trabalho e ainda tenho aula obrigatória à noite até às 23h. Mas essa seria uma quinta diferente. Eu ainda tinha que ir nas aulas de manhã e de noite, claro, mas, no meio disso, estava prestes a entrevistar uma banda que acompanhei desde a formação com um dos cantores que amo desde 2008. Dá pra acreditar?

Surpreendentemente, dormi a noite anterior inteira e acordei (às 5h45) calma. Infelizmente, a calma foi acabando com

- a) a dificuldade que eu tive pra achar a roupa perfeita;
- b) o trânsito até a faculdade e
- c) o atraso de UMA HORA (sim, sessenta minutos) da professora.

Tudo isso, somado ao nervosismo de fazer alguma coisa errada durante a entrevista, praticamente me deixou em pânico.

Meia aula e mais um pequeno trânsito depois, eu finalmente cheguei ao hotel onde iria conhecer esses artistas que amo tanto. Mais trinta minutos de espera e, de repente, estou em uma sala com dez minutos disponíveis para conversar com a banda. Pareceu um sonho e eu nem vi o tempo passar. Quando tudo acabou, ainda tirei uma foto daquelas pra guardar pra sempre.

Mas, quando eu saí, esse momento foi se diluindo aos poucos. "Nosssa, eu gaguejei em várias frases", "minha boca ficou mega seca e eu esqueci algumas palavras em inglês", "eles não riram da pergunta engraçada que eu fiz" e "só duas pessoas, das quatro da banda, falaram durante a entrevista" foram alguns dos pensamentos que eu tive durante o resto do dia, que era pra ter sido perfeito e foi ficando cada vez mais triste na minha cabeça.

A entrevista acabou às 14h, então eu ainda precisava trabalhar na redação, mas antes decidi comprar um lanche para almoçar. Um croissant

de frango e um chá gelado de pêssego foram escolhidos e colocados em um saquinho para viagem... até eu chegar no caixa e as coisas ficarem ainda piores. Eu simplesmente tinha esquecido minha carteira em casa! Com muita vergonha, voltei ao balcão, pedi desculpas para a atendente e devolvi o croissant e o chá. A minha única sorte era que eu tinha um pêssego e uma bolacha na bolsa para matar a fome.

O horário de trabalho passou (muito devagar e com pouca produtividade) e eu ainda tinha mais uma coisa para encarar: para ir ao hotel da entrevista, um carro da empresa me buscou na faculdade e me deixou de volta na empresa, ou seja, meu carro ainda estava na faculdade. Então, o trajeto que demoraria sete minutos seria feito em quase 40, devido à junção de estação de metrô com milhares de escadas rolantes, horário de pico e ônibus circular lotado. Não dava pra acreditar que tudo estava acontecendo justo nesse dia.

Após 20 minutos de descer escadas, entrar no metrô, subir escadas e entrar no circular cheio (que tive que pagar porque perdi meu cartão de livre circulação), algo mudou. Estava de pé, esperando as pessoas terminarem de embarcar, quando uma mulher, que deveria ser jovem, mas já tinha um rosto bem cansado e com rugas, entrou no ônibus com um pedido desesperado. A filha dela estava internada em um hospital de São Caetano, ela teve que sair por algum motivo que não consegui entender, e agora estava sem dinheiro para voltar. Tudo que ela queria, e precisava, eram R\$ 11,40 para comprar a passagem do ônibus intermunicipal. Nossa.

A dor com que ela contou a história me atingiu em cheio. Imediatamente peguei minha bolsa para dar o dinheiro da passagem até lembrar da carteira que não estava lá. Justo hoje. Tudo que pude fazer foi olhar e torcer para que ela entendesse que eu sentia muito.

O resto do percurso até a faculdade passou rápido em meio aos meus pensamentos. Caramba, eu tinha um emprego que amava, a possibilidade de estudar no melhor curso de Jornalismo do país e estava achando meu dia ruim porque um detalhezinho de ter conversado com meus ídolos não deu certo? Porque a professora atrasou pra aula? Porque eu precisei pegar metrô e ônibus depois de tanto tempo? Isso simplesmente não fazia mais sentido.

Infelizmente não pude ajudar a mulher com o dinheiro que ela precisava, mas decidi mudar a perspectiva do meu dia por ela. Às vezes, estamos tão acostumados com a rotina do dia a dia que esquecemos de agradecer por cada conquista e por cada coisa boa que temos. Mas eu não ia mais esquecer.

CAMINHANDO EM HAVANA

Por Danilo H.

Estávamos no meio de uma discussão sobre experiências enriquecedoras, quando uma mulher mencionou sua primeira viagem internacional para a ilha caribenha de Cuba. Eu estava aqui e de repente não estava mais, o mundo seguia seu rumo normal do lado de fora, mas aqui dentro as coisas estavam um pouco diferentes.

Em um dado momento meus pés não tocavam mais o carpete, e quando olhei para frente me deparei com carros antigos de todas as cores cruzando as ruas de uma cidade repleta de história e resistência.

Eu já não era capaz de ver a mulher em lugar algum, mas a suavidade da sua voz me guiava através dos becos, edifícios e calles da cidade. Ao passo que a sua paixão sobre Havana escorria de seus lábios, eu me apropriava de suas memórias para criar as minhas.

Senti o calor escaldante do caribe, escutei o quebrar das ondas na avenida beiramar do Malecón e absorvi brevemente o calor humano de todos aqueles que passaram por mim. Por fim, ela estalou os dedos e fui transportado de volta àquela sexta-feira caótica paulistana.

Desnortado, me recompus e fingi que nada tinha acontecido. O assunto da discussão já seguia para outros rumos, mas eu ainda estava surpreso com o poder das pessoas e, sobretudo, de suas palavras.

APENAS UMA GAROTA LATINO-AMERICANA

Por Diego Andrade

Essa era só mais uma das noites em que ela saía para tomar vinho com seus colegas do curso de mestrado sobre Ciência Política em Madrid. Apesar de o curso ser na Espanha, ironicamente, a maior parte de sua turma era formada por latino-americanos. Logo, seu grupo de amigos não poderia ser diferente: um era da Bolívia, outro vinha do Chile, dois eram mexicanos e também tinha um uruguaio. Os assuntos da conversa eram os mesmos de sempre, o que consistia basicamente em debates acalorados sobre música, cinema, literatura e cultura da América Latina em geral, e assim eles viravam a madrugada.

Ana gostava muito desses momentos, mas uma coisa sempre a incomodava durante essas saídas rotineiras, e agora ela se dava conta do que se tratava: diferente de seus amigos, que possuíam um vasto repertório sobre a cultura dos países latino-americanos, seu conhecimento sobre o assunto era muito – ou quase totalmente – limitado. Nomes de músicos e escritores dos quais ela nunca tinha ouvido falar viviam saindo da boca de seus amigos, e ela apenas sorria e anotava todos para pesquisar depois. Em contrapartida, para não ficar de fora, falava de Guimarães Rosa, de Caetano ou de outros nomes brasileiros que ela sabia que todos iriam conhecer.

Com o tempo, percebeu que era nessa diferença que residia o problema. Não é como se ela não fosse interessada pela música, cinema e literatura dos nossos países vizinhos, o problema é que, de forma geral, nós brasileiros não temos contato com essas culturas. Enquanto seus amigos dos diversos países da América Latina conheciam o mínimo da cultura brasileira, nós nunca nem ouvimos falar de grandes nomes da cultura latino-americana, como Martín Caparrós ou Roberto Bolaño (o escritor, não o Chaves), e boa parcela da culpa reside na nossa indústria jornalística, que muito pouco fala da riqueza cultural de nossos continentes – a não ser quando há um apelo internacional, e Des-

pacito esta aí para não nos deixar mentir.

Já que o problema era o jornalismo, então por que não lutar para mudar isso, não é mesmo? Toda essa experiência em Madrid foi o ponto de partida para que a jornalista política Ana Magalhães despertasse grande interesse pela América Latina e, no futuro, transformasse isso em sua revista digital, que ela nomeou de “Calle2”. Em meio a uma mídia que negligencia a história e a cultura latino-americanas, seu site é uma ótima alternativa àqueles que, como Ana, por algum motivo criaram um interesse pelos nossos hermanos.

Naquela época, ela não poderia ter imaginado que, anos mais tarde, estaria compartilhando essa história com alunos de jornalismo da Universidade de São Paulo em uma entrevista coletiva, na qual fala sobre a trajetória de sua carreira e conta como essas experiências foram “a semente” de seu projeto tão importante – e muito menos poderia ela ter imaginado que sua história serviria de inspiração para a crônica de um desses alunos.

NÃO JULGUEIS E NÃO SEREIS JULGADOS

Por Lucas Jhonata Tascin

O ato de julgar parece ser uma uma ação própria do homem desde seus estágios evolutivos mais primitivos, e isso talvez seja uma herança de um contexto mais animalesco, em que a sobrevivência parecia estar intimamente ligada à interpretação de ambientes hostis à vida. Afinal, para garantir sobrevida, eram necessárias tomadas de decisões, como a identificação de presas mais suscetíveis para o abate, a escolha dos parceiros reprodutivos para perpetuar seus materiais genéticos, ou ainda a escolha do local de descanso noturno, dificultando o acesso de potenciais predadores. Podemos dizer que alguns são mais racionais que outros, mas esses atos nada mais são que julgamentos.

Entretanto, o ato de julgar, entendido como uma reação de valor a um estímulo qualquer, parece ser mais interessante quando deixamos a história evolutiva de lado e olhamos para o homem de hoje - sendo mais preciso, quando paramos para analisar produções culturais humanas como a música. Percorrendo meus trajetos diários, baseados na tríade casa, trabalho e faculdade, ouço uma miscelânea de sons e texturas sonoras que são devidamente julgadas pelos meus ouvidos. É uma análise subjetiva e descompromissada, servindo apenas para filtrar músicas que eu gostaria de ouvir novamente em outro momento.

Deixando meus gostos pessoais de lado, é interessante pensar como são concebidos aqueles julgamentos compartilhados por uma grande massa de pessoas, que determinam quais músicas são de boa ou má qualidade. Como afirmar que a música X é melhor que a música Y? Seria essa uma análise primordialmente racional, com base em aspectos técnicos e apolíneos da composição, ou seriam a intensidade e emoção dionisíacas que dariam o tom a esses julgamentos de aspecto universalizante?

Produtoras costumam lançar álbuns de artistas que consideram bons e com potencial comercial; rádios tocam músicas que seus ouvintes po-

dem gostar, visando uma audiência massiva; e veículos especializados em música costumam listar o top 10 de melhores guitarristas, bateristas e bandas de todos os tempos. É interessante notar que alguns desses julgamentos podem atuar como grandes filtros ao, digamos assim, consumidor final dessa produção cultural.

Para fazer o famigerado juízo de valor e classificar as músicas que ouço, costumo realizar um exercício mental surrealista. Imagino que ocorreu um grande evento catastrófico na humanidade que, além de quase destruir nossa espécie, praticamente liquidou toda a produção cultural humana. De todas as músicas produzidas até aquele momento, cabe aos sobreviventes escolher as cinco que serão recuperadas e guardadas a sete chaves, servindo como herança cultural para as próximas gerações, pois todas as demais estarão perdidas para sempre. Nesse contexto, quais músicas você escolheria? É interessante notar que, ao repetir esse exercício mental de tempos em tempos, uma lista minha costuma não repetir a anterior.

O PASSO SEGURO DOS AVÓS

Por Rodrigo Brucoli

“Dois antigos iam dentro da cobra-canoa, que nadava submersa até as cabeceiras do Rio Negro. Em cada casa em que paravam, eles criavam os novos homens com pedaços dos seus adornos mágicos. As aldeias nasciam em ordem, e os sábios passavam ensinamentos sobre o bem-viver ao principal de cada um dos povos. Assim aprendemos a plantar, pescar e cozinhar os alimentos, pois assim ensinaram os antigos, assim aprendemos com os nossos avós”.

Dar aula sobre mitos indígenas sempre me traz uma alegria enorme, uma calma. Em especial aqueles que falam sobre o surgimento de uma tradição. Há sempre “dois antigos”, “os ancestrais”, antepassados que ensinam a maneira correta de fazer algo. Seguindo os passos seguros dos avós, os mais novos passam a não ter nenhuma dúvida sobre o seu caminho, vivem em um mundo ajustado, em que tudo é orgânico porque está em seu lugar.

Termina a aula, bate o sinal, arrumo meus livros, passo a mochila sobre o ombro. Agora é comer alguma coisa e ir para a faculdade.

Os bares cheios do Largo da Batata brindam a sexta-feira com suas promessas de embriaguez, alegria e descanso. Até os ônibus vão mais vazios nesse horário, porque às sextas todo mundo atrasa um pouquinho para voltar para casa. O tilintar dos copos e o tec-tec-tec dos dedos marcando encontros no WhatsApp anunciam a noite promissora.

O calor da rua chamando e o ônibus quente leva o professor aspirante a jornalista à USP. Mais de 30 anos e lá, sentado nos bancos de uma nova graduação, lançando sementes incertas em um futuro duvidoso. Uma mudança tão improvável, uma quantidade de energia tão grande, a sexta-feira está tão quente. Será que toda essa gente nas mesas do Chapadão está contente com o rumo das suas vidas? Será que estão seguindo os passos dos seus antigos? Será que pensam nisso?

Na aula do Alexandre, hoje, tem coletiva com o Sérgio Rizzo. Por trás da bancada do Freitas Nobre, com a voz grave, ele pergunta, entre risos: “Só a

gente que envelhece, os alunos têm sempre essa idade obscena?". Eu penso que a minha idade nem é tão obscena assim. O Rizzo foi professor do Alê, é jornalista há muito tempo. Diz que, de certa maneira, era nosso avô. Gostei da apresentação. Gosto de poder aprender com os passos seguros dos avós.

"Professor, gosto muito do que o senhor escreve, pretendo trabalhar com jornalismo cultural, queria dizer que o senhor é uma referência para mim. Queria saber: quais são os passos para se tornar um jornalista cultural? Como foi a sua trajetória?", disse o rapaz baixo, magro, com seus olhos atentos e minúsculos atrás dos óculos de armação preta.

"Não sou bem um modelo. Quer dizer, se eu fosse um modelo, a sua trajetória já estaria errada". O Rizzo explica que começou a trabalhar com cinema aos 16 anos, já exercia jornalismo quando o curso passou a ser obrigatório para a profissão. Estudou porque já trabalhava com isso, e não porque queria trabalhar. Um modelo, só que ao contrário.

"Mas em qual momento você teve o clique, aquela revelação, aquela certeza de que ia trabalhar com jornalismo cultural?", o rapaz insistiu, seu olhos ávidos por uma revelação, um sinal que pudesse confirmar uma estrela luzindo em sua testa com os dizeres "jornalismo cultural".

"Não tive esse momento. Simplesmente fui lá e trabalhei. Foi algo que acabou acontecendo e ainda acontece, depois de mais de 40 anos. Não houve uma revelação, só aconteceu."

Passo o resto da conversa pensando nas coisas que só aconteceram na minha vida. As coisas vêm como uma maré que te arrastam por águas sempre desconhecidas. E a gente continua nadando, nadando, às vezes sem saber onde vai chegar. Na lenda, viver é mais seguro, te mostra um caminho, te traz certezas. Na prática, tudo é muito mais incerto, duvidoso. E a gente vai nadando, na maré das incertezas.

Com os olhos cheios de dúvidas eu bebo mais desse líquido viscoso de uma jornada que também foi cheia de dúvidas, mas que algumas décadas depois parece revelar uma trilha segura e certa. Ter um pouco de certeza seria bom, talvez me ajudasse e ajudasse o meu amigo de 20 e poucos anos a encurtar o caminho um pouco, talvez encontrar logo onde se quer chegar. Será que a gente chega?

Embragado dos conselhos do meu avô, pego o circular a passos trôpegos. No metrô, meu amigo e seus óculos dizem que vão descansar, semana

puxada, tem uma coletiva para cobrir amanhã para o estágio. Eu, sem estágio, vou para casa, ainda tenho provas da escola para corrigir. Mas é sexta à noite, será que precisa ser hoje? Desço no Largo da Batata, deixa as provas para amanhã. Hoje é sexta-feira, e às sextas-feiras todo mundo atrasa um pouco para chegar em casa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Sergio Vilas. (Org). Formação & informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

GURGEL, Anderson et al. (Org). Comunicação e esporte: reflexões. São Paulo: INTERCOM, 2012.

